

JULIANO ALVES DA SILVA

**CAPITAL E TRABALHO NA FORMAÇÃO DE APARECIDA DO TABOADO E NA
INDUSTRIALIZAÇÃO RECENTE**

DOURADOS MS – 2012

JULIANO ALVES DA SILVA

**CAPITAL E TRABALHO NA FORMAÇÃO DE APARECIDA DO TABOADO E NA
INDUSTRIALIZAÇÃO RECENTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: *História, Região e Identidades.*

DOURADOS MS – 2012

Ficha elaborada pela Biblioteca Central da Universidade Federal da Grande Dourados

338.09817 S586a	Silva, Juliano Alves da. Capital e trabalho na formação de Aparecida do Taboado e na industrialização recente. / Juliano Alves da Silva. Dourados, MS : UFGD, 2012. 133 f. Orientador: Prof. Dr.Vitor Wagner Neto de Oliveira. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados. 1. Aparecida do Taboado, MS – Industrialização. 2. Aparecida do Taboado, MS – Capital – Trabalho – Relações. I. Título.
--------------------	--

JULIANO ALVES DA SILVA

**CAPITAL E TRABALHO NA FORMAÇÃO DE APARECIDA DO TABOADO E NA
INDUSTRIALIZAÇÃO RECENTE**

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/UFGD

Aprovada em _____ **de** _____ **de** _____.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente e orientador:

Vitor Wagner Neto de Oliveira (Dr., UFMS/UFGD) _____

2º Examinador:

Rinaldo José Varussa (Dr., UNIOESTE) _____

3º Examinador:

Paulo Roberto Cimó Queiroz (Dr., UFGD) _____

DADOS CURRICULARES
JULIANO ALVES DA SILVA

NASCIMENTO	03/06/1983 – EMBU DAS ARTES/SP
FILIAÇÃO	João Batista da Silva (In Memoriam) Joselita de Souza Alves
2006/ 2009	Curso de Graduação – Licenciatura Plena em História Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS – Três Lagoas/MS

Aos encontros e desencontros da história, que me fizeram entender um mundo possível de ser explorado, imaginável com a forma de um universo paralelo, mas real.

A minha querida companheira, Gislane Pedroso Borges, cúmplice em muitas histórias, que me incentivou desde o início da pesquisa, e que o entusiasmo me deixou extasiado nos momentos em que as dificuldades sobressaíram.

AGRADECIMENTOS

O ato de agradecer, por vezes, é um ato de exclusão, pois não se consegue oferecer crédito a todos que realmente contribuíram para a pesquisa. Portanto, é necessário perceber que para essa caminhada, muitos foram os percursos, os quais não seriam possíveis sem a colaboração de diversas pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desse trabalho. Gostaria de agradecer às pessoas que fazem parte da minha história, e assim a marcou de forma significativa, tanto academicamente como social e afetivamente.

Em especial, meus agradecimentos são direcionados a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) que proporcionou um curso de mestrado com qualidade, e que acredita no potencial dos acadêmicos que recebe anualmente, uma maneira de resguardar pelo ensino e a pesquisa no Brasil. O papel da UFGD na formação de novos profissionais e pesquisadores se deve à competência de seu quadro pessoal, sempre comprometido com o processo de ensino/aprendizagem. Aos docentes do curso de História, que se dedicam e se comprometem com a pesquisa e ensino, meus sinceros agradecimentos por todos os momentos produtivos.

Os agradecimentos devem ser estendidos a CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior –, instituição responsável pelo financiamento da pesquisa, sem a qual não seria possível a tranquilidade econômica necessária ao período dos estudos na pós-graduação.

Aos professores Paulo Roberto Cimo Queiroz, João Carlos, Nauk Maria de Jesus, Losandro Antônio Tedeschi, Marisa de Fátima Lomba de Farias, Maria Celma Borges, Vitor Wagner Neto de Oliveira, Cláudio Alves Vasconcelos, minha especial gratidão pelas contribuições acadêmicas, sem as quais não seria possível discutir algumas questões que foram tratadas na dissertação.

Gostaria de agradecer aos colegas que me ajudaram desde o momento do processo seletivo à conclusão do mestrado, sempre prestativos e camaradas, com ideias e apoio quando necessário. São eles: Fabiano Coelho, Juliana Grasielle, Roseline Mezacasa, Luis Eduardo Pinto Barros, José Antonio Fernandes e Camila Belo.

Minha família teve papel fundamental, quanto ao apoio emocional para a realização dessa etapa da minha vida acadêmica. A coragem de enfrentar um novo desafio foi reforçada com abraços e palavras de conforto, proferidas pelos meus irmãos Jaqueline, Denis, Roberto e Renan. Nesse sentido, agradeço muito a minha mãe, que mesmo sem saber o significado de

um mestrado, se empenhou em oferecer todo apoio possível para que mais essa etapa da minha vida fosse concretizada.

Não poderia deixar de agradecer especialmente a minha tia Edna, que esteve comigo em momentos cruciais de minha vida, e que o afeto e carinho foram motivadores para muitas realizações, pessoal e profissional.

Agradeço a todos os amigos e professores da época da graduação pelos debates e conversas nos encontros científicos. Os encontros científicos são essenciais para os pesquisadores pensarem sobre o seu papel na sociedade e assim o foi para mim, permitindo o debate e o reencontro com amigos. Portanto, expresso aqui um carinho sem igual para com meus amigos: Tiago Vieira, Renan Bressan, Bianca Felix, João Lazarini e Valter Tadeu (Troll).

Ao meu orientador, Vitor Wagner Neto de Oliveira, por todo esforço despendido em meu favor, pela liberdade de escolha entre os caminhos, gostaria de expressar meu sincero reconhecimento. Sei da difícil tarefa de orientar, pois o pedantismo, inúmeras vezes, limita a visão de muitos orientandos. Entretanto, a paciência e dedicação com que me tratou fizeram da orientação um momento produtivo, no qual a troca de experiências gerou essa pesquisa. Tivemos momentos importantes de pesquisas, desde a graduação ao mestrado, e esse trabalho é fruto de sua cooperação acadêmica com o tema que decidi estudar. Nem por isso, estou imune de todos os erros contidos nesta pesquisa, pois a responsabilidade de tê-los na dissertação é extremamente minha, especialmente por não corresponder as expectativas das orientações. Quanto aos acertos, devo atribuir a orientação, pois foi por meio dela que tive a oportunidade de repensar várias questões.

Queria agradecer a colaboração dos trabalhadores e trabalhadoras que cederam as entrevistas e responderam os questionários. Fui recebido de maneira alegre e descontraída, inúmeras vezes, nas residências para a realização das entrevistas. Em muitos momentos, invadia o espaço de descanso dessas pessoas, querendo saber sobre os dias de trabalho os quais, provavelmente, muitos faziam esforços para esquecer-los. Sem a ajuda dessas pessoas não seria possível a concretização dessa pesquisa, pois não é possível falar da industrialização sem falar de quem trabalha nas indústrias.

“O mundo anda tão complicado”
(Renato Manfredini Júnior)

RESUMO

Esta dissertação teve por objetivo discutir o processo de industrialização recente em Aparecida do Taboado/MS, por meio da abordagem de assuntos correlatos ao desenvolvimento industrial e a produção de mercadorias na região. Partindo da análise da legislação municipal e estadual, criadas em grande parte para acelerar o processo de industrialização local, desenvolveu-se um estudo sobre as consequências do discurso desenvolvimentista, que atribuiu ao progresso do município sinônimo de qualidade de vida adequada ao final do século XX e início do XXI. No entanto, o desenho da sociedade aparecidense voltada para o discurso desenvolvimentista, remonta as décadas de 1930 e 1940, momento em que a região passa por transformações significativas no que diz respeito a economia e a política. Trata-se de uma pesquisa que tentou compreender como a industrialização se apresentou para a sociedade aparecidense, bem como a forma que se deram os conflitos entre capital e trabalho. Para tanto, foram utilizadas diversas fontes e recursos metodológicos, com a finalidade de identificar a melhor maneira de abordagem do objeto de pesquisa. A legislação vigente sobre o incentivo à industrialização, os materiais de propaganda política do século XX, matérias dos jornais e as entrevistas realizadas com trabalhadores e trabalhadoras de três fábricas do município foram as fontes principais utilizadas nesta dissertação. Sob a luz das referências teóricas, sobretudo a partir da proposta interdisciplinar, foi possível relacionar a História do Tempo Presente com a Sociologia, para compreender as relações de trabalho e as últimas décadas do século XX e início do XXI.

Palavras-chave: Industrialização, Trabalho, Progresso.

ABSTRACT

This dissertation aims to discuss the recent industrialization process in Aparecida do Taboado, state of Mato Grosso do Sul, Brazil, approaching subjects related to industrial development and the production of goods in this region. Starting from the analysis of state and municipal laws, created mostly to accelerate the local industrialization process, we did a study about the consequences of development discourse that assigned a synonymous with adequate quality of life to the progress of the city in the end of 20th and in the beginning of 21st century. However, the design of Aparecida do Taboado society focused on development discourse dates back to 1930s and 1940s , when the region is significantly transformed in its economy and political system. This research tried to understand how industrialization was introduced to the city population and the conflicts between capital and labor. For this several sources and methodological resources were used to identify the best way to approach the corpus. Current legislation about industrialization encouragement, 20th century election campaign's publicity materials, articles in local newspapers and interviews with three city factories– were the mainly sources used in this thesis. Under the lights of theoretical references, specially the interdisciplinary proposal, we could connect History of the present time and Sociology to understand working relationships and the last decades of 20th and early 21st century.

Keywords: Industrialization, work, progress.

LISTA DE GRÁFICOS E FIGURAS

Gráfico 1 – Principais atrativos para a industrialização.....	40
Figura 1 – Campanha para a prefeitura de Aparecida do Taboado (1960).....	62

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABI – Associação Brasileira de Imprensa

CDI – Certificados de Depósito Interbancário

CLT – Consolidação das Leis Trabalhistas

ECA – Estatuto da criança e do adolescente

EMATER-MT – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Mato Grosso

FCO – Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste

FGTS – Fundo de Garantia de Tempo de Serviço

FIEMS – Federação das Indústrias de Mato Grosso do Sul

FIRJAN – Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMS – Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestações de Serviços

IPTU – Imposto Predial e Territorial Urbano

ISS – Imposto Sobre Serviços

NOB – Noroeste Brasil

PIB – Produto Interno Bruto

PRODEAT – Programa de Desenvolvimento Econômico de Aparecida do Taboado

PSD – Partido Social Democrático

RH – Recursos Humanos

S/A – Sociedade Anônima

SESI – Serviço Social da Indústria

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SPT – Sistema de Produção Toyotista

UDN – União Democrática Nacional

UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

UNIJALES – Centro Universitário de Jales

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

Lista de gráficos e figuras.....	11
Lista de abreviaturas e siglas.....	12
INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO I	
AS FACES DO DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL EM MATO GROSSO DO SUL: APARECIDA DO TABOADO E A INDUSTRIALIZAÇÃO	
1.1. A descentralização industrial no capitalismo global.....	31
1.2. Migração industrial: incentivos fiscais e atração de novas empresas para o Mato Grosso do Sul e o município de Aparecida do Taboado.....	33
1.3. Internacionalização da produção industrial aparecidense: empresas nacionais, multinacionais e mercados globalizados.....	45
CAPÍTULO II	
O DISCURSO DE PROGRESSO E O SILÊNCIO COMO PALAVRA DE CONSENTIMENTO	
2.1 O município e sua inserção no mundo da produção de mercadorias.....	54
2.2 Progresso e sociedade aparecidense: o desejo do desenvolvimento.....	59
2.3 O que dizem os jornais?.....	64
2.3.1 Mundo rural e urbano: as faces do mesmo progresso.....	71
CAPÍTULO III	
TRABALHO E A DISCIPLINA NA FÁBRICA: OS CAMINHOS E DES/CAMINHOS NA HISTÓRIA DAS RELAÇÕES DE TRABALHO EM APARECIDA DO TABOADO	
3.1 O século XX e os principais modelos de produção: fordismo e toyotismo	76
3.2 Histórias de vida no trabalho: por dentro da indústria <i>Pelmex</i>	81
3.3 A classe trabalhadora e a sombra do amanhã: algumas histórias sobre o trabalho na <i>Dânica Termoinustrial/Brasil</i> , na <i>NTC</i> e o trabalho feminino.....	93

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
FONTES IMPRESAS.....	124
FONTES ORAIS.....	126
FONTES DIGITAIS.....	127
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	129

INTRODUÇÃO

Esta dissertação foi realizada sob a luz de três eixos norteadores: as premissas levantadas pelo projeto inicial de pesquisa, apresentado ao programa de pós-graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD); a colaboração de professores e alunos no período de cumprimento dos créditos, momento de debates sobre as pesquisas na área de História, e principalmente pela ajuda de meu orientador, figura sempre presente que ofereceu todo apoio necessário para a realização do trabalho.

Algumas discussões sobre o tema se originaram de pesquisas anteriores, na época da graduação em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul no campus de Três Lagoas (UFMS/CPTL), em 2007 quando iniciei os estudos científicos como voluntário pelo CNPq. Com o tempo e as experiências, várias questões foram repensadas e amadurecidas. Por outro lado, outras foram deixadas de lado por não serem condizentes com uma pesquisa de mestrado.

Esse estudo analisa a industrialização recente da cidade de Aparecida do Taboado-MS, que começou a tomar forma na década de 1980, momento em que o progresso e o desenvolvimento se apresentam como alternativa de melhores condições socioeconômicas para a sociedade. A pesquisa abordou ainda, de forma breve, a formação histórica do município, com a sua inserção no mundo da produção de mercadorias desde a década de 1920. Em outras palavras, a pesquisa sobre o tema, *Capital e Trabalho na Formação de Aparecida do Taboado e na Industrialização Recente*, analisou o desenvolvimento do município desde o início do século XX, bem como o universo das relações de produção e de trabalho na sociedade contemporânea, a partir da industrialização.

Meu primeiro contato e encanto com a História, ainda no ensino médio, foi devido a aproximação com figuras consideradas, ao menos para a historiografia tradicional, os grandes vultos da História. Desde o colégio, já demonstrava interesses pelas ideias socialistas de Karl Marx, ou mesmo as de Ernesto Guevara de La Sierna (Che), talvez os personagens mais utilizados como símbolos históricos por todas as pessoas tentadas a adentrar o universo da História, sobretudo fora do âmbito acadêmico.

O encanto com os grandes personagens seguiu até o primeiro ano de História, representado na atitude da turma de ingresso de 2006, que resolveu prestar uma homenagem e demonstrar o orgulho sentido ao adentrar as portas da universidade, grafando em camisetas, depois de escolhida em votação pela sala, a frase: “Che, ele foi médico, mas fez História”.

Mal sabíamos que nossa concepção de História mudaria ainda no primeiro semestre do referido ano, mudança que, todavia, não abalou a nossa rebeldia histórica.

Diante da inocência pedante, percebemos que a História não se fazia apenas a partir de grandes sujeitos, ou grandes acontecimentos. A história está ao nosso redor, na vida e na morte, e não apenas nos fatos considerados importantes historicamente. Portanto, para se escrever a História é preciso perceber que todos os sujeitos fazem parte do processo histórico, e que ao mesmo tempo são produtores de sua própria história.

Nós, historiadores, sabemos que não se deve atribuir importância a um acontecimento em detrimento de outro. Isso já não é novidade para a academia. Existem diferenças entre os acontecimentos, mas não é quanto a sua importância. Em outras palavras, não existe acontecimento mais importante em relação a outro. O que a pesquisa histórica valoriza são as formas como os historiadores se utilizam para criar sentido aos fatos narrados, mesmo que esses fatos sejam apenas parte de um processo mais amplo, o de longa duração. Nessa questão reside a diferença entre as formas de narrar o passado, o que consiste no entendimento de cada pesquisador. Diante dessas questões, alguns cuidados metodológicos foram tomados para a confecção desta dissertação.

A construção do conhecimento histórico não se limita em abordagens teórico-metodológicas condicionadas a um modelo específico como categoria de análise. O processo de produção do conhecimento histórico é dinâmico, e a ciência da História, de certa forma, não estabelece parâmetros no que diz respeito a técnicas na sua constituição. Sua dinamicidade pode sugerir até questionamentos acerca de sua legitimidade, levando os historiadores a re/pensarem sua própria prática.

Ao tentar exprimir os fatos historicamente constituídos, o trabalho do historiador se faz, por assim dizer, ao mesmo modo de um investigador. O pesquisador da História trabalha minuciosamente para elaborar seu próprio inquérito, o qual tem por objetivo a busca do entendimento das generalizações e singularidades. Dessa forma, no intuito de resolução, o pesquisador trabalhará com as informações que se aproximam da realidade do acontecimento. No entanto, essa aproximação com a realidade histórica não tem a capacidade de reproduzir o acontecimento em sua forma literal.

Neste sentido, as discussões de John Gaddis (2003, p.25) nos remete a pensar que mesmo um “consenso pode incorporar contradições”, ao mesmo tempo em que incentiva reflexões acerca da nossa prática e amadurecimento intelectual. Segundo o autor, é necessário compreender que existem “versões competitivas de verdades” (Idem, p. 25), e que “Acumular experiências não é endossar sua automática aplicação, pois um dos méritos da consciência

histórica é a habilidade de perceber diferenças, bem como similaridade, de entender que generalizações nem sempre se aplicam em circunstâncias especiais”. (ibidem, p.25)

Para a produção do conhecimento histórico, vários dilemas se levantaram a respeito da legitimidade da História, desde ao menos a escola dos *Annales*. As discussões realizadas pelos *Annales*, como as novas formas de entender a produção historiográfica, a revelação de novos problemas e novas abordagens, são características que marcaram as discussões sobre a crise da História. Os dilemas e problemas enfrentados pela historiografia foram importantes para fortalecer a ciência da História. A partir da proposta dinâmica de uma nova historiografia, os historiadores puderam contar, desde então, com o benefício da aproximação entre as ciências Humanas e Sociais. (PRIETO, 1995, p. 57)

Outro desafio colocado à História se ergueu a partir da virada linguística e do pós-estruturalismo, que tiveram o papel de abalar as estruturas do pensamento histórico. Esse abalo levou muitos historiadores a pensar na crise de paradigma dentro da produção historiográfica. A virada linguística e o pós-estruturalismo também impuseram novos dilemas e participações na construção do conhecimento histórico, o que, contraditoriamente, deixou a ciência da História mais dinâmica, não menos atraente. As dificuldades se multiplicaram é verdade, mas contribuíram ao propor novos caminhos dentro da produção historiográfica, não necessariamente sob a ótica do pós-estruturalismo.

No conjunto da prática historiográfica, o pesquisador pode trabalhar sob a influência da Psicologia, Sociologia, Antropologia, Geografia, dentre outras áreas que dialogam. Não existe problema algum nas novas condições impostas para a produção historiográfica. Pelo contrário, o diálogo entre as áreas do conhecimento se torna extremamente rico.

A questão central é como se utilizar dos mecanismos que proporcionam a construção do conhecimento histórico? Para Marc Bloch, Lucien Febvre, Gordon Childe, Edward H. Carr (BURKE, 1997), a construção do conhecimento histórico deve permitir ao sujeito pesquisador a possibilidade de interferir de forma dinâmica na análise da História. Isso se dá quando o pesquisador utiliza o artifício de uma atividade crítica. As reflexões teóricas, iniciadas no contato com as fontes, vão fornecer a base necessária para essa proposta. A atividade intelectual, portanto, será guiada pela perspicácia do pesquisador, de modo que seja induzida por meio de um processo minucioso de busca de materiais empíricos e teóricos: “O historiador é como o ogro da lenda. Onde fareja carne humana sabe que ali está a sua caça”. (BLOCH, 2001, p. 20)

Na mesma linha de pensamento de Marc Bloch, Collingwood (1972) chama a atenção para se pensar a produção do conhecimento histórico. Segundo Collingwood (1972,

p.300), o historiador deve realizar uma incessante análise dos indícios das atividades humanas, que foram constituídas ao longo do tempo. A busca por indícios históricos potencializa questionamentos novos, na medida em que permite ao profissional realizar novas perguntas às fontes encontradas. Dessa forma, o autor considera a produção do conhecimento histórico uma ciência comprometida com o passado, empenhada com o estabelecimento de um corpo orgânico de conhecimentos, cujo resultado depende de uma ação individual e, em alguns aspectos, coletiva.

De acordo com as considerações de Collingwood (1972, p.307), é impossível estabelecer modelos para a produção da História, pois nenhum evento será, para a análise histórica, igual a outro. Ao conhecer uma guerra ou revolução não significa que o estudioso será especialista a respeito de todas as guerras e revoluções. Mesmo os eventos possuindo aspectos em comum como, por exemplo, os levantes comunistas do século XX que visavam o mesmo fim, as especificidades são mais latentes em virtude do contexto que diferencia um movimento do outro. Também não se pode esperar que um evento seja reproduzido em laboratório, como nas ciências químicas e exatas. Segundo o autor:

As guerras e as revoluções - e outros acontecimentos de que trata - não são produzidos deliberadamente pelos historiadores, em condições laboratoriais, a fim de se estudada com precisão científica os meteorologistas e astrônomos tem de fazer viagens penosas e dispendiosas - para observarem por si próprios, eventos que lhes interessam - porque o seu critério de observação é tal que não se dão por satisfeitos com as descrições feitas por testemunhas incompetentes; mas os historiadores não preparam expedições aos países, em que se desenrolam as guerras e as revoluções. Ora isso não acontece porque os historiadores sejam menos enérgicos do que os cientistas da natureza, ou menos capazes de obter o dinheiro requerido por tais expedições. E assim porque os factos que poderiam ser apreendidos, por meio das expedições - tal como os factos que poderiam ser apreendidos fomentando deliberadamente uma guerra, ou uma revolução, no seu próprio país - não ensinariam nada do que eles pretendem saber. (COLLINGWOOD, 1972, p. 308)

A análise do autor ajuda a entender as implicações da construção do discurso histórico. Para propor essa abordagem, o estudioso levanta uma crítica aos historiadores que considera adeptos do método de cola e tesoura. Em outras palavras, sua crítica é direcionada aos historiadores que limitam o discurso histórico a simples sobreposição de fatos: sem questionar as fontes e a teoria, realizam seu trabalho mecanicamente na tentativa de buscar uma verdade histórica.

O material produzido pelos historiadores, a História propriamente dita, em seu caráter final, no livro ou no texto, é marcado pelo estilo autêntico de quem o faz. Isso denota uma maneira específica de condução da pesquisa e interpretação das fontes, que se remete, de certa forma, à subjetividade do pesquisador. Na medida em que o discurso histórico está vinculado a práticas e saberes ligados às experiências de cada pesquisador, temos um leque de possibilidades para a produção do conhecimento histórico. Por outro lado, ao se abrir esse leque, vários dilemas vão acompanhá-lo e multiplicar os questionamentos sobre as implicações no campo da produção historiográfica.

José Matoso (1998) também nos permite refletir sobre essas questões. No entanto, o autor alerta para que a subjetividade do pesquisador, no processo dinâmico de produção da História, não seja comparada em sua dimensão com a área literária. “O passado não é uma coleção de fatos humanos que a memória retém ou imagina, mas o conjunto daqueles que se podem deduzir vestígios concretos, materialmente impressos pelo homem na superfície da terra” (MATOSO 1998, p. 30).

Portanto, a intervenção do historiador em relação à realidade histórica, não pode ser entendida como um processo de construção de uma realidade fictícia, com a criação de fatos inexistentes. De acordo com Marc Bloch: “A História é uma ciência, mas uma ciência que tem como uma de suas características, o que pode significar sua fraqueza, mas também sua virtude, ser poética, pois não pode ser reduzida a abstrações, a leis, a estruturas”. (2001, p.19)

Quando se fala em subjetividade na História, não quer dizer que o pesquisador tenha o direito de criar estórias e personagens para os eventos. Sua responsabilidade se resume em analisar os fatos por meio de teorias e metodologias aplicáveis a ciência da História, e sua subjetividade está ligada as vias de acesso utilizadas para se aproximar dessa realidade historicamente constituída.

Sabemos que literatura tem liberdade de viajar pelo mundo da imaginação. Mesmo trabalhando com contextos históricos e fontes que constata uma dada realidade, seu objetivo é, fundamentalmente, o da ficção ou crônica, não tendo compromisso com a realidade histórica.

Como o pesquisador apreende o passado, a partir dos materiais disponíveis (empíricos e teóricos), é a discussão que envolve o produto final desse processo: a História a ser contada. Para Matoso:

A apreensão do real em todas as facetas implica que se ponham em jogo todas as faculdades de observação, não apenas as racionais, mas também as

volitivas, o que corresponde a dizer que os sentidos do corpo e do espírito se deverão abrir de tal modo ao real, que ele seja como que interiorizado, absorvido, captado em nós mesmos. Este exercício é, por isso, um acto de amor. Um amor na plena acepção da palavra, isto é, que não é contaminado pela tentação de possuir, dominar ou destruir, mas que mantém intacta a alteridade, a radical separação do sujeito e do objeto, e que tenta estabelecer a relação com ele através do verbo interior, em todas as suas dimensões: o cântico de admiração, o diálogo do gesto, a descoberta do símbolo, o desencadeamento da palavra poética. (MATOSO, 1998, p.18)

A Literatura e a História, em muitos sentidos, bebem no mesmo copo e se alimentam dos mesmos preceitos: contar uma história. Elas se envolvem com as temáticas de maneira que suas dimensões não são radicalmente separáveis. No entanto, acabam por se diferenciarem em seus objetivos. A História, como diria Marc Bloch (2001, p.20), tem por finalidade a explicação dos fatos e atividades humanas ocorridas ao longo do tempo, um aspecto não utilizado na análise literária que tem por objetivo a crônica ficcional. A composição literária se baseia na criação de efeitos de realidade, sem se comprometer, necessariamente, com a narração dos fatos e transformações constituídas em sua dimensão temporal, ao contrário da História.

Ao pensar nas várias questões sobre a construção do conhecimento histórico, foi de fundamental importância se ater a História do Tempo Presente, utilizada como recurso metodológico para algumas abordagens de estudo nesta dissertação. Essa corrente historiográfica, que se ocupa em analisar os fatos recentes, auxiliou no entendimento sobre as décadas de 1980, 1990 e 2000.

A metodologia de abordagem da História do Tempo Presente, ancorada nos pressupostos dos autores Chauveu e Tétard (1999), para entender as décadas que se referem ao início do processo de industrialização em Aparecida do Taboado, está calcada na premissa de um presente delineado a partir de relações históricas e seus movimentos. A História do Tempo Presente é tema de discussões propostas pela nova História, trazendo em seu bojo novas formas de se pensar a condução do processo de construção de conhecimento histórico, como dito antes.

Para Pierre Nora a História de Tempo Presente, ou contemporânea como prefere classificar, é um terreno historiográfico arenoso para qualquer historiado: “A História contemporânea é quase inevitavelmente um História cruel, que fere, que faz sangrar, porque rema quase que fatalmente contra a corrente da imagem que uma sociedade tem necessidade de construir acerca de si mesma” (NORA, 1984, p. 52). Nesse sentido, um dos desafios de se

trabalhar com essa corrente historiográfica diz respeito a dificuldade de analisar os acontecimentos em seu curso. Quando os fatos estão em uma realidade bem próxima ao tempo estudado e que, de certa forma, não trazem elementos suficientes para constatar o desfecho da história que se pretende contar, se torna perigoso tomar conclusões. Ou seja, se torna uma situação delicada, quando o historiador necessita acompanhar a história em movimento.

Essa dificuldade foi enfrentada pela pesquisa, pois o turbilhão de informações que se apresentaram para entender as duas últimas décadas do século XX e a primeira do XXI, deixou o terreno ainda mais arenoso para o estudo. Exemplos de informações de uma história corrente, foi o acidente sofrido por um trabalhador informal dentro da empresa *Dânica* em 2011, e também a de dois incêndios, um no barracão de estofados e poltronas da empresa *Pelmex* e o outro na *NTC*, em 2011 e 2012 respectivamente. Esses temas não foram tratados no decorrer da dissertação, pois não ficaram bem esclarecidos para a sociedade aparecidense os motivos e falhas. Esses acontecimentos servem de ilustração para pensar a História do Tempo Presente, uma história em andamento.

O acidente com o trabalhador aconteceu no momento em que o mesmo descansava em seu horário de almoço embaixo do caminhão, a única sombra no pátio de descarregamento da empresa *Dânica*. Nesse momento, o motorista que conduzia o veículo resolveu manobrá-lo e passou com as rodas sobre membros inferiores do rapaz. Segundo o relato de uma trabalhadora, o rapaz saiu da empresa sem conseguir movimentar qualquer parte do corpo, mas ainda consciente. Como o trabalhador não possuía vínculo com a empresa, ou mesmo com o empregador, pois seu trabalho era exercido na categoria de *chapa*¹, o jovem não pode ser indenizado pelo acidente de trabalho. Possivelmente, não recebeu qualquer auxílio para tratamento dos ferimentos. O acontecimento não foi divulgado em nenhum veículo de informação local. Nem todos os trabalhadores da empresa quiseram falar sobre o assunto. A única pessoa que se dispôs a falar foi uma trabalhadora que ficou horrorizada com a cena, momento em que descansava em seu horário de almoço.

A precariedade do trabalho no século XXI nos mostra sujeitos se submetendo a subempregos, correndo riscos dos mais variados, para sobreviverem e terem condições mínimas de vida. Isso afeta grande parte da população brasileira que depende do trabalho na categoria de informal.

¹ Categoria de trabalho volante no contexto urbano e agrário. O chapa exerce sua atividade de prestação de serviços para carga e descarga de caminhões leves e pesados. Pode ser considerado um profissional que não possui regulamentação, organização sindical ou mesmo registro em carteira de trabalho.

Com relação ao incêndio na *Pelmex*, ocorrido no sábado dia 29 de outubro de 2011, considerado de grandes proporções, não se sabe o que aconteceu realmente. A empresa trabalha com produtos químicos altamente explosivos, utilizados na fabricação de espumas. No entanto, as próprias espumas teriam, também, capacidade suficiente para alimentar rapidamente o fogo, uma vez que são produzidas pelos reagentes químicos, o MDI² e o TDI³, essenciais na composição do material e que são altamente explosivos.

A dúvida que ficou foi sobre a segurança do trabalho na empresa. Como é tratada a questão da prevenção de acidentes entre os trabalhadores e trabalhadoras no cotidiano da empresa? O acidente não feriu nenhuma pessoa, mas poderia ter dizimado centenas de vidas caso ocorresse em um dia normal de trabalho. Segundo uma entrevista do trabalhador que se encontrava fazendo hora extra nesse dia, publicada pelo jornal Correio de Santa Fé do Sul⁴, a causa do acidente gira em torno de duas hipóteses. A primeira é de um erro de cálculo em seu trabalho, pois o mesmo se encontrava soldando algumas peças no galpão. A segunda é de um acidente provocado por uma possível falha nas instalações elétricas da empresa.

O fogo se alastrou rapidamente, sem chances para qualquer reação. Nas palavras do trabalhador, em entrevista ao jornal:

Percebi uma fumaça irritando meus olhos e meio que me sufocando. Nesse momento vi um foco de fogo pegando nas espumas, imediatamente pedi ajuda, mas não deu mais tempo para nada. O fogo se alastrou em segundos queimando todo o galpão, sofás e poltronas reclináveis.⁵

² Difenilmetano diisocianato (MDI) - Os diferentes tipos de difenilmetano diisocianato (MDI) são os isocianatos mais consumidos pelo mercado de PU. A química do MDI é mais complexa do que a do TDI e permite um significativo grau de liberdade aos químicos no sentido de modificarem e aperfeiçoarem tipos diferentes de MDI's para atender as especificações desejadas para o PU. Inicialmente o MDI foi desenvolvido para utilização nas aplicações em que a volatilidade do TDI causa problemas devido à toxicidade e consequentes problemas de higiene industrial. A primeira etapa do processo de fabricação do MDI é a nitração do benzeno formando nitrobenzeno que é então hidrogenado formando anilina. A seguir ocorre a condensação da anilina com formaldeído, catalisada pelo ácido clorídrico, formando uma mistura de difenilmetano dianilinas (MDAs) contendo diferentes isômeros com dois ou mais anéis aromáticos. Posteriormente é feita fosgenação das MDAs formando o MDI cru. Informação retirada do site <http://www.poliuretanos.com.br/Cap1/132comerciais.htm> as 12 horas do dia 20 de março de 2012.

³ O tolueno diisocianato TDI (diisocianato de tolileno) é normalmente comercializado como uma mistura dos isômeros 2,4 e 2,6 proporções 80/20 (TDI-80/20), 65/35 (TDI-65/35), ou puro (TDI-100). O TDI é um isocianato com funcionalidade igual a dois ($f = 2,0$) e apresenta maior reatividade do grupamento NCO localizado na posição 4 do anel aromático em relação aos grupos NCO nas posições 2 e 6. Informação retirada do site <http://www.poliuretanos.com.br/Cap1/132comerciais.htm> as 12 horas do dia 20 de março de 2012.

⁴ Santa Fé do Sul é uma estância turística do Estado de São Paulo situada no extremo noroeste paulista, a 625 km da capital. O município faz divisa com Mato Grosso do Sul, na fronteira da cidade de Aparecida do Taboado.

⁵ Entrevista retirada do site <http://www.correiosantafe.com.br/site/noticia/cidades/14646/maquina-de-solda-pode-ter-provocado-incendio-na-pelmex.html>, as 12:00 do dia 23/12/2011

O fato é que o ambiente de trabalho oferecido para os funcionários e funcionarias é extremamente perigoso, com situações de risco, como o caso do acidente.

A pesquisa não aprofundou sobre esses fatos, entretanto, eles indicam que lidar com a História do tempo presente é presenciar alguns acontecimentos em movimento, como salientado por Pierre Nora:

Lembro-me, por exemplo, de certa noite das barricadas de maio de 68, encontrando-me eu numa varanda do Boulevard Saint-Michel, ao lado de Julien Besancon, que cobria o acontecimento para uma estação de rádio. Encontrávamo-nos em cheio na efervescência e das cargas policiais, e eu ouvia Julien Besancon dizer ao microfone: rebentam granadas, sufoco, não posso falar-vos mais, e eu ouvia ao mesmo tempo a voz do transistor, numa sala ao lado, como a ouvia a do farmacêutico de Carpentras, tranquilamente deitado na sua casa ao lado da mulher. E, nesse momento, tive a sensação duma mudança na própria percepção de História, que se colocava a tal ponto ao presente que já nada os podia separar. (1984, p. 46)

Como a História do Tempo Presente está em constante movimento, é preciso cautela em qualquer análise. Por esse motivo, também não foi analisado o incêndio dentro da empresa NTC que aconteceu no dia 11 de fevereiro de 2012. Mas as situações dos acidentes nos levam a pensar sobre a periculosidade que oferecem as empresas instaladas no município. Os acidentes existem dentro de qualquer sistema de produção, seja ele em cidades pequenas ou grandes, mas é necessário questionar quais as precauções para que isso não ocorra nas indústrias do município.

Além da dimensão da abordagem baseada na História do Tempo Presente, a dissertação esteve atenta também ao diálogo entre as áreas das Ciências Humanas e Sociais. A Sociologia colaborou de maneira significativa no que diz respeito às análises sobre as relações de trabalho.

Nesse sentido, a Sociologia ganhou destaque nesta pesquisa no momento em que o limite da História se apresentou. Entretanto, essa abordagem se deu não apenas na análise do tempo presente referenciado pela pesquisa, mas no que diz respeito as dimensões do trabalho na contemporaneidade.

Enquanto ciência humana e social, a Sociologia tem como objeto de estudo a sociedade, a partir de uma análise sincrônica. Dessa forma, procura entender a organização social e os processos que interligam os indivíduos em grupos: nas instituições, comunidades, tribos, associações, organizações políticas, movimentos sociais, dentre outros. Com Karl

Marx, Émile Durkheim e Max Weber, a Sociologia tomou corpo enquanto ciência. A partir disso, seus fundamentos passaram a ser institucionalizados.

O estudo da História, até o início do século XX, se baseou em um entendimento diacrônico da realidade, ou seja, ligado a sucessão de fatos constituídos ao longo do tempo. A partir da escola dos *Annales* o diálogo entre as duas ciências permitiu a interação entre a análise sincrônica e diacrônica. Em outras palavras, além do estudo do homem e suas transformações ao longo do tempo, a História se ateve às análises das relações sociais constituídas no espaço/tempo. Houve uma interação maior entre a narrativa da História e as análises sociais dos fatos.

Nesta pesquisa, a História do Tempo Presente não pode ser confundida com a análise sociológica, apenas pela dimensão do tempo histórico de que tratam: o contemporâneo. Não é a análise do tempo, recuado ou presente, que vai conceituar uma abordagem histórica ou sociológica, mas sim as ferramentas e categorias utilizadas pelo pesquisador.

Autores como Florestan Fernandes e Octavio Ianni, realizaram vários trabalhos, dentre eles *Organização social dos Tupinambás* (1949) e *As Metamorfoses do Escravo* (1962), respectivamente, baseados em análises sociológicas. No entanto, suas abordagens recorreram a um tempo histórico mais afastado da contemporaneidade, se utilizando de fontes das mais diversas.

Quando Octavio Ianni analisa as *Ciências Sociais na Época da Globalização*⁶, evidencia um novo caminho para ser percorrido diante das possibilidades de entendimento das questões histórico-sociais: “Mais uma vez reabre-se a controvérsia ‘presente e passado’; e vice-versa. Quando se dá a globalização, tanto se criam novos desafios e novas perspectivas para a interpretação do presente como se descortinam outras possibilidades de interpretar o passado”⁷. Nesse sentido, o papel da Sociologia em conjunto com a História se torna relevante para entender o mundo em transformação.

A História do Tempo Presente e a Sociologia, abordando um mesmo problema, têm a capacidade de revelar as estruturas não percebidas, em geral, nos estudos de longa duração. Ao analisar as obras de Octavio Ianni e sua relação com as transformações históricas, Tânia Regina Zimmermann (2008) demonstra que ao optar por uma abordagem histórica de longa

⁶ Texto disponível em <http://www.iea.usp.br/iea/textos/iannicienciassociais.pdf>. Acessado em 12/03/2012 as 12:30. Informações que estão no site: Esta seção contém artigos, íntegras de conferências e outros textos relacionados com as atividades de grupos de pesquisa, professores visitantes, pesquisadores visitantes e conferencistas convidados. Parte dos cadernos impressos da antiga "Coleção Documentos" (encerrada) foi digitalizada e aqui incluída.

⁷ Idem. p. 08-09

duração, pode-se cair num terreno cujo foco seja as mudanças e as permanências constituídas ao longo do tempo histórico. Enquanto que na análise histórica de longa duração interdisciplinar, mais centrada na proposta de Octavio Ianni, o foco pode ser não só as mudanças históricas e as permanências, “mas nas interpretações, uma vez que a sociologia também ali se move” (2008, p. 04-05), bem como nas análises sobre a mudança de pensamento, de comportamento, posturas políticas, organizações sociais. Enfim, a interdisciplinaridade permite várias possibilidades diante do processo de construção do conhecimento científico, não só histórico, mas em diversas áreas.

Outro recurso metodológico utilizado na confecção desta dissertação foi a História Oral. A metodologia de História Oral vem sendo utilizada desde a década de 1980, quando novos personagens começaram a ganhar destaque na historiografia. Esses novos personagens tiveram maior notoriedade a partir de preocupações de estudos voltados para tentar entender os sujeitos comuns.

Questões sobre como se constituía a História Oral tomaram fôlego incentivando diversos debates. Um dos problemas enfrentados de início por essa corrente metodológica, dizia respeito ao modo como se constituía o documento, se a entrevista gravada, ou o documento transcrito. Outros debates giraram entorno de como deveria ser feita esta transcrição. É o caso dos estudos realizados no livro *História oral, como fazer, como pensar* de José Carlos Meihy e Fabiola Holanda (2007), que tiveram a preocupação de questionar se o documento em sua forma final, transcrito, deveria respeitar a fala literal do entrevistado, ou deveria eliminar vícios de linguagens.

A importância da História Oral, como discurso histórico, e, conseqüentemente, como documento, institui a entrevista como fonte historiográfica da mesma importância que as outras fontes. Segundo Verena Alberti:

Dois fatores precisam ser enfatizados para dar conta da especificidade do documento em questão. O primeiro deles diz respeito à época de realização da entrevista. Uma entrevista de história oral não apenas fornece relatos de ações passadas, mas é ela mesma um conjunto de ações que visa determinados efeitos – efeitos que se pretende que ajam sobre o interlocutor na própria entrevista, e efeitos que se pretende que repercutam para além da relação de entrevista, no público que a consulta e eventualmente na sociedade como um todo. Desse ponto de vista, a entrevista de história oral não se diferencia de outros documentos de cunho retrospectivo, como autobiografias ou relatórios, por exemplo, que constituem tanto *relatos de ações* quanto *ações* propriamente ditas. Sua especificidade com relação a esses documentos vem do fato das *ações* que documenta serem tanto do entrevistado quanto do entrevistador – deste, maiores ou menores, não importa, mas, como já se tornou costume dizer, trata-se, na história oral, de

uma produção *intencional* de documentos da parte do pesquisador. (ALBERTI, 1994, p.02)

Do ponto de vista metodológico, nesta pesquisa a utilização das fontes orais teve por intento a compreensão das experiências vividas pelos trabalhadores e trabalhadoras que fazem parte da história da industrialização de Aparecida do Taboado. Esse recurso metodológico ajudou a memória transferir para fala, que depois foi transportada para a forma escrita, as vozes dos sujeitos comuns que fizeram e fazem parte do processo histórico.

A escolha das histórias utilizadas na dissertação, narradas pelos trabalhadores e trabalhadoras, não seguiu, ao menos nas indústrias *Dânica/Termoindustrial* e *NTC*, uma ordem precisa quanto a representatividade de cada sujeito. No entanto, os sujeitos privilegiados, em sua grande maioria, foram os das linhas de produção, ambiente que traz inúmeras situações da forma de organização do trabalho. Já no caso dos trabalhadores entrevistados da empresa *Pelmex/MS*, o critério de escolha foi a participação nas equipes de trabalho, denominadas de células, instituídas na empresa a partir 2002.

Não se pode deixar de lado, ainda, a relação desta pesquisa com a História Regional. José D'Assunção Barros salienta que é necessário se posicionar diante do espaço e do tempo do objeto em que se pretende analisar, sobretudo no momento em que a História Regional, para a historiografia, mostra suas nuances. Assim:

Quando um historiador se propõe a trabalhar dentro do âmbito da História regional, ele mostra-se interessado em estudar diretamente uma região específica (ou, melhor dizendo, uma determinada espacialidade). O espaço regional, é importante destacar, não estará necessariamente associado a um recorte administrativo ou geográfico, podendo se referir a um recorte antropológico, a um recorte cultural ou a qualquer outro recorte proposto pelo historiador de acordo com o problema histórico que irá examinar. Mas, de qualquer modo, o interesse central do historiador regional é estudar especificamente este espaço, ou as relações sociais que se estabelecem dentro deste espaço, mesmo que eventualmente pretenda compará-lo com outros espaços similares ou examinar em algum momento de sua pesquisa a inserção do espaço regional em um universo maior (o espaço nacional, uma rede comercial). (BARROS, 2007, p. 168)

Para abarcar todas as discussões metodológicas que foram levantadas nesta introdução, de modo geral, a dissertação foi dividida em três capítulos.

O primeiro capítulo esboça algumas características do desenvolvimento industrial do município de Aparecida do Taboado a partir do conceito de descentralização produtiva, embasado nas leituras de Wilson Cano e François Chesnais. Dessa forma, o capítulo procurou

evidenciar o contexto da descentralização produtiva e suas consequências em nível regional e global. Isso ajudou a entender como se deu o processo de industrialização no Brasil, em Mato Grosso do Sul e especificamente no município.

A nova localização de empresas em regiões como a do Centro-Oeste brasileiro, e também em outras regiões do interior do Brasil, está ligada ao contexto em que o desenvolvimento industrial, em localidades sem essa tradição, é considerado como sinônimo de progresso. Progresso esse alavancado pela ideia de revolucionar incessantemente o estilo de vida humana. No entanto, esse sistema apenas molda, cada vez mais, o ser humano a estrutura social que explora e degrada sua própria vida.

As discussões sobre o desenvolvimento industrial do município foram tratadas nesse capítulo para que se tenha dimensão de como se dá esse processo e quais as suas características e consequências. Portanto, estudar a industrialização significa entender que o cenário industrial apresentado tem suas especificidades, bem como suas generalizações. É preciso perceber que, em um devido momento, o específico e o geral se apresentam e, dialeticamente, nos oferece uma realidade dinâmica. Isso permite estabelecer comparações com realidades mais gerais, que são apresentadas pelo estudo do contexto, e analisar as específicas.

O setor secundário e o terciário vêm crescendo consideravelmente no estado, resultado de políticas voltadas para o incentivo a produção industrial. No caso de alguns municípios, o Produto Interno Bruto do setor industrial chegou a ultrapassar o do primário. Esse assunto foi abordado neste primeiro capítulo, e ajudará a refletir sobre o papel da política governamental no incentivo a industrialização de diversas regiões do país.

No segundo capítulo as discussões se centram, de forma geral, nas características do desenvolvimento da região, do início do século XX, quando o município se insere no mundo da produção de mercadorias. Também traz algumas discussões sobre o contexto da segunda metade do século XX e das duas últimas décadas no município.

A produção pecuária dos estados do antigo Mato Grosso e Goiás, no início do século XX, encontrou na região onde nasce o rio Paraná, na confluência entre o rio Grande e Paranaíba, um corredor de acesso para o escoamento. O destino da produção era os frigoríficos do interior de São Paulo, na região de Ribeirão Preto.

A região em que se concentrava uma pequena população, primeiramente, ficou conhecida como porto taboado, lugar onde tinha um melhor acesso à travessia do rio Paraná.

Era uma região ribeirinha, a qual deu sentido ao nome do município por conta da taboa⁸, planta característica do ambiente. O sentido dado ao Porto Taboado é pela travessia do rio, e não por conta de movimentação de embarcações ou carga e descarga, embora existissem na época as pequenas embarcações para o transporte de pessoas.

Outra característica que marcou a produção de mercadorias na região, foi a produção de dormentes para a estrada de ferro araraquarense. Sua produção se inicia na metade do século XX, dando origem a configuração de um quadro social complexo.

As relações políticas desencadeadas a partir da ideia de desenvolvimento na região, momento em que a emancipação política se mostra uma realidade, mostram a complexa rede de relações entre a política partidária e a sociedade aparecidense. Nesse momento, a busca pela posse do poder de mando na região acirrou disputas no seio da elite política e econômica da região.

Outra discussão importante, tratada no segundo capítulo, é a influência da mídia local na propagação do discurso de progresso, nas últimas décadas do século XX. A mídia e a elite local apresentaram essas décadas como a época do desenvolvimento do município. Nesse sentido, o trabalho industrial foi visto como alternativa para Aparecida do Taboado alcançar um nível considerado de progresso.

Para finalizar esta pesquisa, o último capítulo analisou o universo da fábrica. Esse capítulo mostra a realidade de alguns trabalhadores e trabalhadoras que dependem, ou dependeram, do trabalho industrial como via de acesso as condições mínimas de sobrevivência. As relações de trabalho no município apresentam uma realidade particular, por ser um município interiorano sem tradição industrial. Procurar entender as relações entre os trabalhadores, trabalhadoras e o patronato dentro do ambiente fabril, foi o objetivo do último capítulo da dissertação.

O sistema de produção toyotista estabeleceu parâmetros para as relações de trabalho em grande parte das indústrias da atualidade. Para analisar as relações de trabalho no município foi preciso ir além da percepção de que o toyotismo, enquanto sistema produtivo, predomina nas relações de produção, como destacou alguns estudos. Em alguns casos, como

⁸ Nome científico, *Typha domingensis*. “Assim como o Junco, é uma planta emersa que cresce nas margens de lagoas e represas, sendo muito frequente em brejos e pântanos. (...) Suas longas folhas, de coloração verde, são utilizadas para a manufatura de esteiras de dormir, cestas e muitos outros utensílios. (...) Dela se aproveita a paina para enchimento de almofadas. Seu caule, muito rico em amido, após ser moído e tratado produz um polvilho comestível.” Informações retiradas do site http://www.ufscar.br/~probio/info_typha.html, as 12 horas do dia 21 de março de 2012.

em Aparecida do Taboado, esse sistema de organização do trabalho atua com resquícios do fordismo, modelo de produção que o antecedeu. Portanto, não opera em sua dimensão plena.

Como sistema de organização do trabalho, reconhecido e utilizado mundialmente, o toyotismo ditou novas regras para as relações de trabalho. Nesse sentido, o que se percebe em relação a sua atuação, diz respeito à exploração da classe trabalhadora em vários níveis e situações. Sua política de organização do trabalho degrada, em grau acentuado, a vida de muitos sujeitos que dependem da venda da força de trabalho.

As discussões que perpassam esse terceiro capítulo demonstram as características da organização do trabalho dentro de três fábricas: *Dânica Termoindustrial Brasil Ltda.*; *PelmexMS Ltda.* e *NTC*.

A tentativa de abordagem deste capítulo advém da necessidade de entender a realidade das relações de trabalho. Não se pretendeu apenas generalizar a situação da classe trabalhadora das três indústrias, atribuindo sentido também para os trabalhadores e trabalhadoras das outras empresas instaladas no município, ou fora dele. O foco das discussões visou mostrar a situação de diversos sujeitos que dependem do trabalho nessas empresas para sobreviverem. Uma realidade de diversas pessoas que se encontram a mercê do modo como as empresas organizam o trabalho industrial no município.

Boa leitura!

CAPÍTULO I

AS FACES DO DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL EM MATO GROSSO DO SUL: APARECIDA DO TABOADO E A INDUSTRIALIZAÇÃO

No alvorecer do século XXI, o paradoxo está em toda parte. O saber científico conjuga-se a técnica e, combinados – a serviço de um sistema hegemônico –, não cessam de surpreender e revolucionar o estilo de vida humano. (Balandier)

1.1 A descentralização industrial no capitalismo global

As transformações ocorridas nas últimas décadas do século XX marcaram uma nova dinâmica para a sociedade no que concerne às relações sociais, políticas e econômicas. Especialmente no tocante ao sistema produtivo, essas transformações permitiram novas perspectivas de exploração diante de um rearranjo industrial.

Essas transformações se inserem no período denominado por Chesnais (1996) como “mundialização do capital”. Conforme o autor, o adjetivo mundialização do capital surgiu no começo dos anos 1980, nas grandes escolas estadunidenses de administração de empresas (*business management schools – Harvard, Columbia, Stanford*), e permitiu a construção da ideia de um *mundo sem fronteiras*, em uma sociedade cada vez mais submissa ao capital. (CHESNAIS, 1996, p. 135)

Com o advento das políticas de globalização, sobretudo econômicas, grandes empreendimentos industriais adentraram em localidades que nem sempre possuíam estrutura para a produção. Tendo a descentralização produtiva como uma realidade, essas localidades passaram por adaptações, de modo geral, bruscas, no intuito de atenderem a demanda da produção e se ajustarem a esse contexto.

A liberdade econômica que gerou um mundo sem fronteiras para o capital, objetivou a não existência de nacionalidade na produção de mercadorias. Por essa razão, a dominação do capital avançou de forma a disseminar a irreversibilidade e, portanto, a necessidade de adaptação.

Essa política de redistribuição industrial visou contemplar as empresas com a possibilidade de melhoramento das margens de lucros, seja por meio de incentivos de governos – no que diz respeito a isenções de impostos e doações de áreas para a produção –,

pela exploração da mão de obra local, ou mesmo na redução de custos. Assim, a descentralização industrial é responsável pelo deslocamento de várias indústrias de expressão internacional, para localidades não industrializadas. Entretanto, François Chesnais salienta que esse fenômeno não se limita apenas ao setor secundário (1996, p. 204). O setor de serviços é alvo dessa nova dinâmica, chegando a assumir os mais altos níveis de exploração de mão de obra qualificada, sobretudo para a programação de computadores. Segundo o autor as empresas de origem estadunidense e britânica, deslocam suas produções principalmente para a Índia, as Filipinas, a Jamaica e Barbado.

No caso do Brasil, Wilson Cano (2008, p. 75) constata que a descentralização produtiva é um fenômeno que garante o desenvolvimento industrial de várias regiões do país, em especial do Nordeste e Centro-Oeste. A descentralização produtiva, segundo a perspectiva do autor, é possibilitada pelas políticas de incentivos fiscais que aumentam a competição entre os municípios e estados para a implantação dos parques industriais.

O estudioso analisou a dimensão da descentralização produtiva e sua estreita relação com a política de globalização do capital. Sua abordagem nos leva a entender que a migração das indústrias no território nacional tão intensa, a partir da década de 1990, se tornou uma estratégia de produção para o aumento de lucros indiscriminadamente. Dessa forma, as empresas podem manter maior inserção de suas mercadorias e serviços em mercados cada vez mais competitivos.

A partir dos estudos de Wilson Cano (2008), pode-se entender que as políticas de incentivos fiscais são consideradas como fundamentais, para os gestores públicos, no processo de mudanças da estrutura econômica de vários municípios e estados. Isso se deve à premissa de que a movimentação financeira possa funcionar como uma espécie de alavanca, que é impulsionada por meio da renda gerada pelos empreendimentos industriais. De acordo com essa visão, esse sistema seria fundamental para o desenvolvimento de regiões que até pouco tempo não possuíam a alternativa da produção e do trabalho industrial em sua base econômica.

Existem duas dimensões para se pensar na questão da migração das empresas no território nacional. Percebe-se pela leitura da obra de Wilson Cano (2008) que, em primeiro lugar, tem a questão das empresas nacionais que se deslocam internamente no território, geralmente em busca de regiões onde existe a possibilidade de maiores lucros proporcionada pela redução de custos. O outro fator é que essa política de incentivo à produção abriu espaço para inúmeras empresas multinacionais, que visam os mesmos interesses das nacionais.

Portanto, a descentralização produtiva nacional acaba se tornando um movimento globalizado.

A partir das perspectivas dos dois autores, François Chesnais (1996) e Wilson Cano (2008) é possível entender que a política de globalização do capital influencia, de maneira significativa, o novo cenário industrial brasileiro. Esse entendimento norteou a análise do contexto de industrialização em Mato Grosso do Sul e em Aparecida do Taboado.

1.2 Migração industrial: incentivos fiscais e atração de novas empresas para o Mato Grosso do Sul e o município de Aparecida do Taboado

A região Centro-Oeste do Brasil, a partir da década de 1990, apresentou crescimento considerável no setor industrial. Dentro do período de 1985 a 1995 “a região Centro- Oeste, ficou pouco atrás do Sudeste e do Sul do Brasil” ao considerar o crescimento industrial, “com taxas de crescimento de 106,03% e 147,88%, respectivamente” (NOGUERÓL, et. al., 2009, p.127). Os autores destacam, ainda, que o crescimento do número de estabelecimentos industriais no Centro-Oeste teve um aumento considerável. De um total de 2.309 unidades industriais em 1985, o Estado passou para 3.528 unidades em 1995, “um crescimento de 52,79%” (NOGUERÓL, et. al., 2009, p. 126-127), correspondente as novas atividades industriais. Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) corroboram a análise dos autores ao apontar para o PIB industrial do Estado de Mato Grosso do Sul a partir da década de 1990. No período de 1995 a 2007, o PIB industrial aumentou 79,2%, enquanto o de serviços cresceu 51,9% e o agropecuário teve elevação de 27,6%.¹

Essa dinâmica de implantação de indústrias foi favorecida pela política fiscal adotada pelo Estado a partir da segunda metade da década de 1980. Uma primeira iniciativa governamental neste sentido deu-se em 21 de março de 1984, no governo de Wilson Barbosa Martins, quando a Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul aprovou a lei 440/84 que visou a organização dos incentivos fiscais para estimular a produção e o trabalho industrial no Estado.

¹ Fonte acessada no site <http://www.fiems.org.br/novo/mapa/mapa.pdf> as 17:00 horas do dia 28 de abril de 2011.

O decreto nº 2539, de 30 de maio do mesmo ano, regulamentou os incentivos fiscais que rezava a Lei nº 440²: “O programa de apoio à industrialização tem a finalidade de promover o desenvolvimento industrial no Estado, através de incentivos fiscais e do fomento à infra-estrutura do Parque Industrial, de acordo com o § 1º, do Art. 1º, da Lei nº 440, de 21 de março de 1.984”.³

O decreto esclarece que o parque industrial serviria para a produção de mercadorias no Estado. Era uma postura preventiva, na tentativa de inibir empresas interessadas em utilizarem o espaço, juntamente com os incentivos, para apenas a comercialização de seus produtos. Segundo o decreto:

O benefício fiscal será orientado, preferencialmente, para aquelas empresas industriais que objetivarem o suprimento do mercado regional e se aplica tão somente aos produtos que industrializarem, não estando incluída no benefício fiscal a comercialização de produtos de simples revenda.⁴

A política de governo pretendia estabelecer parâmetros para formação do parque industrial, objetivo principal das discussões sobre os benefícios fiscais. As empresas eram incentivadas a manterem a produção, gerando renda a partir da movimentação econômica. A implementação da política de isenção fiscal se justificava, conforme a lógica governamental, pela falta de tradição industrial de regiões como o Centro-Oeste que “só poderia ocorrer (...) se houvesse políticas governamentais específicas”. (NOGUERÓL, et. al., 2009, p. 127)

A formação industrial recente de Aparecida do Taboado segue na esteira dessa política governamental. Localizado na costa leste⁵ de Mato Grosso do Sul, fazendo divisa com

² Lei nº 440 de 1984 que dispõe sobre os incentivos fiscais no estado de Mato Grosso do Sul. Fonte acessada no site arquivo <http://www.al.ms.gov.br/> as 19:00 horas do dia 15 de outubro de 2011.

³ Decreto nº 2539, que dispõe sobre a regulamentação dos incentivos fiscais de que trata a Lei nº 440, de 21 de março de 1984 e dá outras providências, p. 01. Fonte acessada no site <http://legisweb.com.br/legislacao/?legislacao=134951> as 19:00 horas do dia 15 de outubro de 2011.

⁴ Idem.

⁵ O termo costa leste de Mato Grosso do Sul é uma denominação mercadológica imposta pelo Estado, cuja finalidade está ligada à atração de investimentos empresariais na região. Explorando a bacia do rio Paraná e seus afluentes, essa região é formada por praias de água doce com um potencial hídrico em grande escala. Os municípios dessa localidade são: Aparecida do Taboado, Selvíria, Três Lagoas, Brasilândia, Bataguassu, Santa Rita do Pardo e Anaurilândia que, juntos, formam um cenário composto pela bela paisagem do Rio Paraná, com diversas opções de lazer e entretenimento em suas margens. Esse é o discurso veiculado pelo Estado, um mecanismo a mais para incentivar a industrialização da região. Por isso o interesse das empresas pela localidade, pois formam um complexo de transporte (intermodal), atualmente composto por rodovias que são utilizadas em 81% do escoamento da produção, as ferrovias escoando apenas 9% e a hidrovía utilizada em 10% do total. De acordo com estudos da Secretaria Estadual de Obras e Transporte, a meta é que até o ano de 2025 Mato Grosso do Sul conte com 33% da produção transportada em rodovias, 32% em ferrovias, 29% por hidrovía, 5% outros

a região do extremo Noroeste Paulista⁶, o município está situado em uma região denominada de bolsão sul-mato-grossense⁷. A implantação de indústrias no município diversificou a economia local que tinha por base, até ao menos a década de 1970, a agropecuária, a pequena agricultura e o extrativismo, conforme demonstram os dados da revista *Retrato de Aparecida do Taboado* de 1973.⁸

Segundo os dados da Secretaria de Indústria e Comércio⁹ de Aparecida do Taboado, os incentivos para a instalação de indústrias no município seriam: créditos no ICMS de até 67%; doação de terrenos; isenção do IPTU e ISS – dependendo da quantidade de empregos ofertados; serviços de terraplanagem; localização estratégica, para facilitar o escoamento da produção para a região de São Paulo, Minas Gérias e Goiás, dentre outros estados da federação.

Uma das primeiras empresas de grande porte a se instalar no município foi a *Coca Cola S/A*. O jornal *O Democrático* apontava os benefícios de se ter uma indústria multinacional no município, e a empresa foi saudada como representante do esperado desenvolvimento da região. Conforme a matéria do dia 20 de março de 1981, a cidade passava por transformações significativas em vista da atuação da empresa na economia, mesmo isenta de toda a carga tributária.¹⁰

A geração de emprego foi um argumento central para se justificar a isenção fiscal oferecida à empresa. Desde o início das discussões sobre as políticas tributárias no Estado, o

meios e 1% por via aérea. Fonte acessada em 5 de abril de 2010 as 13:00 no site [/www.portalms.com.br/noticias/Andre-discute-no-DF-viabilidade-do-Complexo-Logistico-Intermodal/Campo-Grande/Politica/13041.html](http://www.portalms.com.br/noticias/Andre-discute-no-DF-viabilidade-do-Complexo-Logistico-Intermodal/Campo-Grande/Politica/13041.html)

⁶ Essa região é composta pelos municípios: Fernandópolis, Estrela D'oeste, Jales, Dolcinópolis, Guarani D'oeste, Turmalina, Populina, Vitória Brasil, Ouroeste, Santa Fé do Sul, Santa Clara do Oeste, Rubinéia.

⁷ Bolsão sul-mato-grossense é um nome dado a uma parte da região do leste do estado de Mato Grosso do Sul, que abrange os seguintes municípios: Três Lagoas, Brasilândia, Santa Rita do Pardo, Água Clara, Selvíria, Paranaíba, Aparecida do Taboado, Inocência, Cassilândia, Chapadão do Sul e Costa Rica. Para esse assunto, ler Cunha (2008).

⁸ Retrato de Aparecida do Taboado. Revista impressa pela gráfica do jornal “Correio da Região” de 1973. Fonte acessada no arquivo pessoal de Ademar Domingos da Silva.

⁹ Pasta da Secretaria de Indústria e Comércio da administração pública. Fonte acessada no arquivo digital do poder executivo de Aparecida do Taboado, na secretaria de Fazenda e Planejamento do município. Material cedido pelos funcionários do poder executivo no dia 10 Dezembro de 2010 as 11:00 horas.

¹⁰ *O Democrático*. Aparecida do Aparecida do Taboado. Edição nº 16, 1981, p.03. Acessado no arquivo do Jornal Bolsão em Notícias. Esse jornal começou a circular na região a partir da década de 1980, sob a direção do proprietário José Ivo Bernardes de Souza. O jornal circulou até o fim da década de 1990 noticiando o desenvolvimento da região, bem como assumindo uma postura de mensageiro do progresso para o município de Aparecida do Taboado.

tema sobre a geração de renda e novos postos de trabalho foi considerado como uma das justificativas para o desenvolvimento industrial da região, especialmente se tratando de uma década, 1980, de altos índices de desemprego. Na discussão da ata da lei número 50/1980, aprovada pela câmara de vereadores, a justificativa da doação do terreno para a empresa *Coca Cola* se valia do argumento de que geraria desenvolvimento econômico e social para a população por meio do trabalho na fábrica. O governo municipal se comprometeu, portanto, em “adquirir, pelo valor global de Cr\$ 150.000.00 (cento e cinquenta mil cruzeiros)” uma área de terra correspondente a quarenta lotes na região norte da cidade, para a instalação da empresa.¹¹

Conforme a notícia do jornal *O Democrático*, no dia 20 de março de 1981, a primeira multinacional que se instalava no município teria o papel de proporcionar mais espaços de trabalho:

Segundo informações do prefeito municipal a *Coca Cola* já conta com 40 funcionários, diminuindo assim o desemprego em nossa cidade. Quando a indústria entrar em funcionamento ocupará 300 funcionários. Dentro em breve teremos essa grande indústria funcionando em nosso município, trazendo assim inúmeros benefícios para todos os aparecidense e para toda região do bolsão matogrossense.¹²

Após as experiências iniciais da década de 1980, o legislativo e executivo municipal procurou, na década de 1990, estabelecer normas mais abrangentes e estruturais no que se refere ao desenvolvimento industrial. O Programa de Desenvolvimento Econômico de Aparecida do Taboado (PRODEAT) foi criado com essa finalidade. Para tanto, em 1993 a lei nº 560 foi sancionada e entrou em vigor contendo 18 artigos em que regulamentou inúmeros benefícios para as empresas já instaladas e as que viriam a se instalar no município.¹³

O décimo primeiro artigo da lei, oferece um duplo apoio para as empresas. Além de conceder o território para a iniciativa de produção, permite que a área doada à empresa seja

¹¹ Lei nº50/1980 que autorizou o poder executivo local a comprar terras para instalação da empresa de refrigerantes Coca Cola S/A. Fonte acessada no arquivo do poder legislativo do município na seção de leis e decretos.

¹² *O Democrático*. Aparecida do Aparecida do Taboado, edição nº 16, 1981, p.03. Arquivo do Jornal *Bolsão em Notícias*.

¹³ Lei nº 560/93 que institui o PRODEAT. Fonte acessada no arquivo do poder legislativo municipal na seção de projetos de lei e decretos.

hipotecada a fim de que a indústria consiga mais financiamentos. Caso a empresa não consiga pagar o financiamento, o território pode ficar para a financiadora como forma de pagamento.¹⁴

Outro exemplo da atuação desta lei, diz respeito à forma como as empresas recebem os benefícios. De acordo com o artigo décimo quarto, as isenções de IPTU e ISS serão correspondentes a quantidade de novos postos de trabalho que as empresas gerarem no município. A lei estabelece que receberão isenções de impostos de três anos as empresas que “gerarem até 20 empregos”; “de cinco anos, quando oferecerem mercado de trabalho para mais de 20 (vinte) e até 50 (cinquenta) empregados; sete anos quando criarem mais de 50 (cinquenta) novos empregos e até 100 (cem); dez anos quando gerarem mais de 100 (cem) novos empregos.”

A isenção de que trata o artigo décimo quarto da lei é anual, podendo ser revista de acordo com a quantidade de empregos que a empresa vier a gerar em seu tempo de atividade. A cada novo posto de trabalho criado no município a empresa beneficiada com a lei terá a possibilidade de aumentar sua quantidade anual de isenção.

Existem várias consequências desse padrão de industrialização, e que serão tratadas nesta dissertação. Por hora, o assunto sobre a competição entre os municípios, destacado de maneira sucinta no primeiro tópico, chama atenção.

As políticas estaduais e municipais geradas para criarem parâmetros para o fenômeno da industrialização incentivaram vários municípios a disputa pela instalação das indústrias. Pelo menos se percebe essas práticas a partir da década de 1990, sobretudo no estado de Mato Grosso do Sul. O exemplo mais contundente, dessa situação, foi uma disputa pela instalação de um complexo industrial entre Aparecida do Taboado e Paranaíba.

A matéria publicada no dia 01 de março de 1999, na *Gazeta Mercantil* de Campo Grande, e destacada pelo *Bolsão em Notícias*¹⁵, noticiou a instalação de um condomínio industrial na região do bolsão, em Aparecida do Taboado. Esse complexo fabril seria responsável pela produção de calçados no município, e geraria uma média de 400 postos de trabalho diretos, com a previsão de mais 200 postos de trabalho indireto. Seriam investidos

¹⁴ Idem. p. 04

¹⁵ *Bolsão em Notícias*. Edição nº 315, 1999. p.03. Arquivo do Jornal *Bolsão em Notícias*. Esse jornal começou a circular no início da década de 1990, sob a direção de Auci Corrêa Fernandes, e passou por transformações societárias ao longo da década. Auci Corrêa Fernandes, desde a década de 1980, sempre esteve envolvido com a política partidária, chegando a assumir uma cadeira para a vereança na cidade de Selvíria, município vizinho de Aparecida do Taboado. Seu envolvimento político é demonstrado pela sua história, contada no livro de Marlei Cunha (2008) *Aparecida do Taboado: o portal do Desenvolvimento*, que nos mostra seus momentos dentro do PMD e do PDT. No fim da década de 1990, José Ivo Bernardes de Souza assumiu a propriedade e direção do jornal.

cerca de R\$3,5 milhões pelas empresas, tendo como contrapartida os benefícios dos governos estadual e municipal, já aprovados pelo Conselho de Desenvolvimento de Mato Grosso do Sul (CDI-MS).

Paranaíba, município de Mato Grosso do Sul e fronteiro com Aparecida do Taboado, se interessou pela instalação desse complexo industrial. Inicia-se uma disputa entre os dois municípios para oferecer toda a estrutura necessária para a instalação das indústrias. O município de Paranaíba saiu *vitorioso* dessa disputa, pois ofereceu benefícios para as empresas além dos que o município de Aparecida do Taboado tinha oferecido naquele momento.

O então prefeito de Paranaíba, Diogo Robalinho de Queiroz, em entrevista à *Gazeta Mercantil* de Campo Grande, mencionou que as leis de benefícios de infraestrutura e fiscais de Paranaíba foram generosas para com as empresas, o que permitiu a liberdade de escolha entre os dois municípios.

Conforme a entrevista de Diogo Queiroz, o município de Paranaíba ofereceu “[...] 10 anos de isenção de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) sobre a cota que nos compete”. O administrador público finaliza a entrevista dizendo: “Além disso, também doamos um terreno de 25 mil m², a instalação de energia elétrica, os transformadores de alta carga e a terraplanagem”.¹⁶

A acirrada disputa entre os municípios pela instalação de novas indústrias, gerou debate na imprensa local. Em entrevista ao jornal *Bolsão em Notícias*, o secretário de Indústria e Comércio de Aparecida do Taboado, na época, Heller Nogueira, ao noticiar a instalação de mais três indústrias no município, utilizou a ocasião para oferecer uma possível resposta ao município vizinho. Em sua fala, o secretário explanou as condições do desenvolvimento industrial de Aparecida do Taboado, ao passo que provocou o administrador de Paranaíba:

Que todos os tramites legais já estão sendo formalizados, inclusive um “Termo de Compromisso” entre o governo municipal e os empresários, pois tivemos uma experiência inédita no Estado, onde constamos irresponsabilidade por parte dos empresários e uma gama de atitudes que nem sabemos classificá-las por parte de governantes de municípios vizinhos, desesperados por estarem vivenciando a rapidez do nosso progresso. Não somos generosos, trabalhamos em função de projetos, programas e leis que determinam nossas ações e que, conseqüentemente, dão credibilidade aos

¹⁶ Idem.

que aqui estão se instalando. Só oferecemos o que é constitucional, não fazemos “lobbies”, nem usamos forças ocultas para a captação de empresas. Somos extremamente profissionais.¹⁷

Há um jogo de forças, não necessariamente opostas, entre o empresariado e os governos (municipal e estadual). Os primeiros pressionam cada vez mais, para conquistar mais benefícios, com a ameaça de aportar em outros lugares que garantam tais benefícios; e os governos caminham no limite em atender aos interesses dos empresários, para convencê-los a se instalarem no estado e município, ao mesmo tempo em que devem convencer os trabalhadores e trabalhadoras, bem como a população local, de que administra para o bem comum.

Além dos benefícios mais gerais, citados anteriormente, existem os que garantem de fato a instalação das empresas. São os responsáveis pelos serviços de infraestrutura, dentre outros. Esses serviços permitem às empresas um menor custo em sua instalação, sendo uma forma de baratear a operacionalização e a transferência de suas plantas produtivas. Sistemáticamente, os itens que compõem o artigo décimo quinto da lei denotam essa preocupação do governo municipal:

Isenção de taxas e ou emolumentos pela aprovação do projeto ou projetos de construção, alvará e construção e habitar-se; serviços de locação, terraplanagem, aterro e desaterro e, em casos específicos, construção de lagoas para tratamento de efluentes e outros serviços prestados pelo equipamento rodoviário municipal, desde que o atendimento implique em interesse público relevante; acessória na busca por linhas de crédito; iniciação empresarial e treinamento para dirigentes; cursos de formação de mão de obra qualificada mediante convênio com entidades públicas ou privilegiadas promotoras desse evento”.¹⁸

Uma pesquisa realizada por acadêmicos do curso de administração do Centro Universitário de Jales (UNIJALES) e da Universidade de São Paulo (USP), intitulada *Estratégias públicas para o desenvolvimento industrial de localidades de pequeno porte: um estudo aplicado no município de Aparecida do Taboado-MS* (FEDICHINA, et al. 2009) constatou uma série de questões sobre a formação industrial recente do município, o que corrobora a análise aqui realizada.

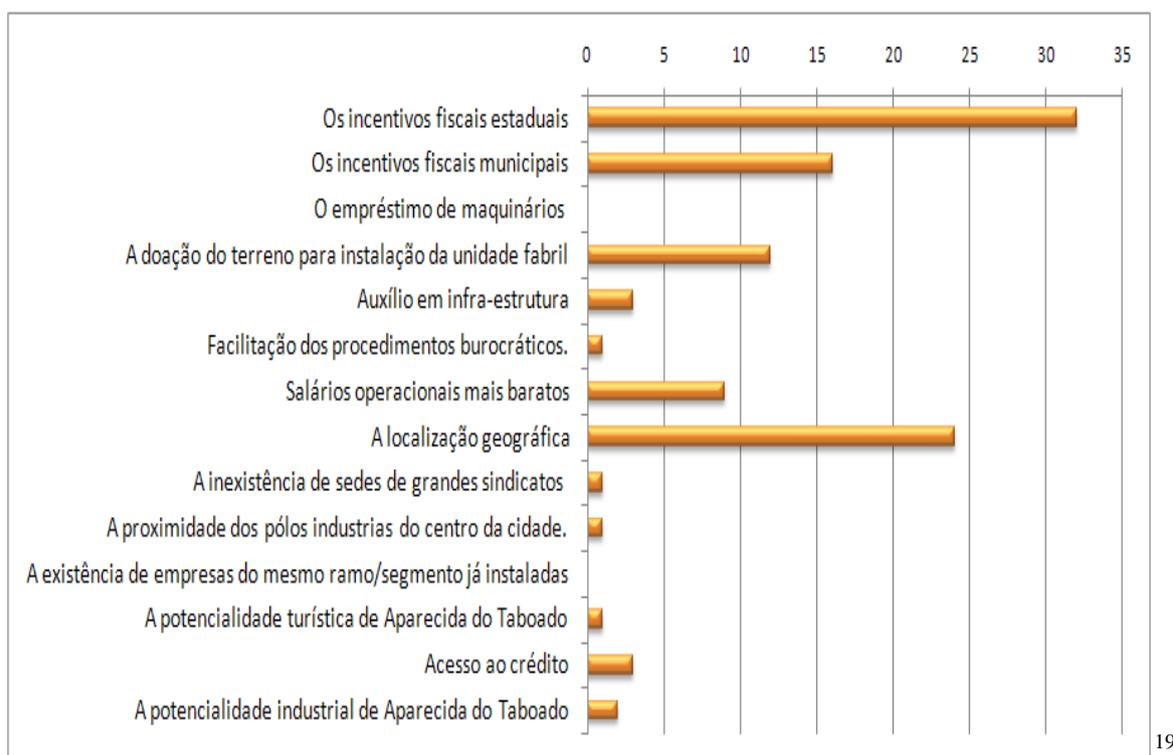
¹⁷ *Bolsão em Notícias*. Aparecida do Taboado, Edição nº 315, 1999. p.04. Arquivo do Jornal *Bolsão em Notícias*.

¹⁸ Lei nº 560/93 que institui o PRODEAT. Fonte acessada no arquivo do poder legislativo municipal na seção de projetos de lei e decretos. p. 04-05.

Os dados apresentados a seguir, reproduzidos da pesquisa citada, demonstram os aspectos norteadores da descentralização produtiva no município. Eles ajudam a entender parte do processo de industrialização e, de certa forma, a maneira como se estrutura tal fenômeno. O conteúdo destacado pelos pesquisadores apoia no sentido de trazer mais informações para a discussão do tema.

Serão verificados no gráfico os elementos que influenciaram para a constituição da industrialização no município. Para tanto, é importante analisar o que foi considerado pela pesquisa como as características fundamentais para alavancar tal processo e se eles estão em sintonia com as premissas levantadas pela dissertação. É preciso analisar o gráfico a seguir, de modo que permita construir um entendimento sobre os cinco elementos que foram considerados como pontos fundamentais para o processo de industrialização, considerados pela pesquisa realizada pelos acadêmicos da UNIJALES e USP.

Gráfico 1 – principais atrativos para a industrialização



Como se depreende do gráfico, a pesquisa constatou que as ações dos poderes executivos e legislativos, do estado e do município, são determinantes na atração de indústrias. Ao descrever os fatores que incentivam a locomoção das indústrias para o

município, podem-se constatar cinco categorias de estímulo que permitem a geração desse fenômeno em Aparecida do Taboado.

Em primeiro lugar se situa as políticas do governo do estado. Como vínhamos discutindo, isso ocorre por meio de todos os incentivos criados pelo estado para a geração de renda.

Em segundo plano, está a localização geográfica que corresponde a um fator decisivo no sistema produtivo brasileiro.

O processo de produção de mercadorias respeita apenas uma ordem: geração de lucro e capital. Para que isso seja possível, a distribuição espacial das indústrias contribui significativamente. Os fatores de localização industrial correspondem às características naturais, sócioeconômicas e político-culturais de uma área. Dessa forma, esses fatores atraem ou repelem empreendimentos industriais, sejam eles de qualquer natureza.

Para que seja possível o gerenciamento da produção de modo lucrativo, as indústrias necessitam de uma estrutura complexa que passa pelo processo produtivo e finaliza no escoamento da produção e a comercialização. Essa situação permite, portanto, entender que nem toda localidade oferece uma predisposição para atividades industriais. Como permite questionar também o contrário: o porquê de certas localidades possuírem tal predisposição? Esse assunto pode ser considerado como fundamental nesse estudo, uma vez que, nesse caso, o foco central de análise é a migração de grandes empresas para cidades do interior do país.

No Brasil, a rede de transportes é concentrada na região centro-sul, especialmente nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Isso se deve há pelo menos dois motivos: a) as características da formação histórica dos estados, ligadas ao desenvolvimento econômico nacional, desde a segunda metade do século XIX; b) o fato de estes estados agregarem, desde o início da industrialização no país, grande parte da produção industrial e, por consequência, também abrigarem um eficaz sistema de escoamento da produção, responsável pela entrada e saída de mercadorias no país. Portanto, atividades industriais próximas a esses grandes centros de produção, ou mesmo na rota, acabam por serem beneficiadas pela logística montada para atender a demanda da produção nacional.

Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Goiás estão interligados a esse sistema logístico da produção nacional. Grande parte da região Centro-Oeste, nesta perspectiva, se mostraria predisposta à atividade industrial por esse motivo. Os incentivos fiscais implantados pelos

¹⁹ Gráfico elaborado pelos pesquisadores que tiveram o intuito de apreender questões sobre o processo de industrialização de Aparecida do Taboado. O gráfico foi elaborado a partir de entrevistas com o ex secretário de Indústria e Comércio do município e com empresários.

estados buscam tornar realidade essa *predisposição* que, nesse sentido, contam também com programas federais, como, por exemplo, o Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste (FCO).²⁰

Quanto a atuação do governo municipal com os incentivos fiscais e a doação de terrenos, a importância é destacada em terceiro plano. Isso se deve ao fato da atuação do governo estadual frente a facilitação da parte burocrática para a instalação das indústrias. Todavia, existe uma espécie de trabalho em conjunto entre o município de Aparecida do Taboado e o governo estadual, sem o qual não seria possível montar a estrutura necessária para a industrialização. A criação do PRODEAT é exemplo desse trabalho em conjunto. É interessante prestar atenção em como o estado e o município se movimentam para a criação de políticas que permitem o fenômeno da industrialização. Ou seja, se existe a importância destacada em primeiro plano acerca da atuação do estado, a atuação do município segue em conjunto, até com a mesma importância. Nesse sentido, o quarto item que seria a doação de terrenos para a instalação das empresas, é uma das estratégias utilizadas para a atração das empresas, o que marca a importância da atuação dos municípios.

Com relação aos custos operacionais baixos, como a folha de pagamento, os dados da pesquisa revelam que as empresas, em sua maioria, os consideram importantes para os interesses da descentralização, mesmo que destacados em quinto lugar no gráfico.

A situação que permite a economia na folha de pagamento é a contratação de profissionais abaixo do valor de mercado dos grandes centros industriais. Por outro lado, quando o poder público e sociedade procuram incentivar o trabalho industrial, como já vimos, abre espaço para essa prática. Em outras palavras, o estímulo do governo municipal ao trabalho industrial – como via de acesso as condições de geração de renda local –, possibilita as empresas explorarem a baixo custo a mão de obra local, tornando o processo produtivo ainda mais vantajoso.

Segundo os dados mais gerais da pesquisa realizada por acadêmicos da UNIJALES e da USP, grande parte da industrialização em Mato Grosso do Sul acontece tendo por base a

²⁰ O Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste tem por objetivo contribuir para o desenvolvimento econômico e social da Região Centro-Oeste, mediante financiamentos direcionados às atividades produtivas, voltados aos setores econômicos industrial, agroindustrial, agropecuário, mineral, turístico, comercial e de serviços. A área de atuação do FCO abrange o Distrito Federal e os Estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. O FCO é administrado pelo Ministério da Integração Nacional, pelo Banco do Brasil - como agente financeiro - e pelo CONDEL/FCO - Conselho Deliberativo do Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste. Fonte acessada no dia 06-08-2011 as 15:00 horas na página http://www.integracao.gov.br/fundos/fundos_constitucionais/index.asp?area=FCO

intenção de economia também nos salários. A respeito disso, podemos destacar o trecho da pesquisa em que a importância dos salários se faz presente:

Dessa maneira, a busca por salários e aluguéis mais baratos e outros fatores como a qualidade de vida, tão singular nas cidades interioranas pequenas, são de grande atratividade para os empresários. Uma empresa com aproximadamente quatrocentos funcionários pode ter uma economia mensal de, por exemplo, R\$ 60.000,00 (sessenta mil reais), caso consiga migrar para uma região, onde em média, os salários são R\$ 150,00 (cento e cinquenta reais) mais baratos do que na antiga sede da mesma. Em busca desta considerável economia, muitas delas consideram este fator, um gerador de competitividade, pois reduz os custos e torna o preço do produto mais barato e competitivo. (FEDICHINA, et.al. 2009, p.8)

Esse foi, também, o entendimento que tivemos ao abordar trabalhadores das empresas *Dânica Termointustrial Brasil Ltda.*; *PelmexMS Ltda.* e *NTC*. O instrumento de pesquisa utilizado foi o questionário socioeconômico²¹, o qual teve a pretensão de buscar informações sobre a classe trabalhadora no município a partir de nove itens, a saber: identificação do trabalhador, religião, escolaridade, condições de moradia, salário e renda, formação, relações de trabalho, sindicatos e organização dos trabalhadores, mapeamento dos últimos locais de trabalho. O questionário foi aplicado para 10% dos trabalhadores e trabalhadoras de cada empresa, em dezembro de 2010, assim distribuídos: treze da *Dânica Termointustrial*, trinta da *PelmexMS Ltda* e sete da *NTC*.

Ao analisar os questionários respondidos pelos trabalhadores e trabalhadoras da *Dânica Termointustrial*, percebe-se que nove dos treze funcionários e funcionárias recebiam um salário mínimo, enquanto quatro recebiam um salário e meio. Com relação as três mulheres, inseridas no mesmo ano de realização das entrevistas nas atividades no chão da fábrica, todas recebiam um salário mínimo.

No quadro pessoal da *NTC*, todas as trabalhadoras e trabalhadores entrevistados faziam parte dos que sobrevivem obtendo condições materiais mínimas, um salário.

Já na *PelmexMS Ltda.* os salários oscilaram entre o mínimo, com a porcentagem de 33,3% dos entrevistados, e um salário e meio, com o total de 66,6%. Os entrevistados, nessa

²¹ Questionário socioeconômico aplicado aos trabalhadores e trabalhadoras das três empresas. Na *Dânica Termointustrial*, devido a dificuldade de acesso, os questionários foram aplicados por um trabalhador, João Henrique Souza, que se dispôs e se mostrou interessado em colaborar com a pesquisa. Nas outras empresas, os questionários foram respondidos pelos trabalhadores e trabalhadoras nas saídas, ou mesmo em casa, quando se diziam cansados e preferiam responder em suas residências.

empresa, foram os trabalhadores das células de produção. Esse último salário é a base fixa dessas equipes de trabalhadores, as células, assunto que será destacado com maior ênfase no terceiro capítulo desta dissertação.

Os dados do gráfico elaborado pelos pesquisadores da UNIJALES e USP respeitam os dados oficiais do governo municipal e as experiências relatadas pelo ex-secretário de Indústria e Comércio, Heller Nogueira, bem como de empresários ligados às indústrias. Por ser um agente político que incentivou a industrialização do município, desde seu início, o ex-secretário jamais colocaria em cheque a ideia que se criou a partir do trabalho industrial: o desenvolvimento social por meio do trabalho fabril. Portanto, a complexa teia das relações sociais, geradas a partir da industrialização, pode ocultar, por exemplo, a função que exerce a exploração da mão de obra barata nessas circunstâncias. Nesse sentido, o gráfico pode ter privilegiado as ações do governo, pois foi elaborado a partir de questionários aplicados aos representantes da classe política do município desde a década de 1990.

Heller Nogueira, colaborou com a administração municipal à frente da Secretaria de Indústria e Comércio, quando participava do governo do então prefeito Wilson Bernardes de Melo, no período de 1 de janeiro de 1993 a 31 de dezembro de 1996, sendo um dos articuladores e responsáveis pela criação do Programa de Desenvolvimento Econômico (PRODEAT).

O custo operacional da mão de obra é destacado em quinto lugar no gráfico mencionado, quanto aos fatores que incentivam e norteiam a industrialização. Ao aparecer em quinto lugar na escala de importância, pode-se entender que sua prioridade não reflete a necessidade real que permite a industrialização no município. Todavia, esta dissertação levanta a premissa de que os elementos que permitem a industrialização fazem parte de um planejamento em conjunto, o que foi percebido também por meio dos questionários socioeconômicos aplicados aos trabalhadores, quando ficou evidente que a maioria dos entrevistados ganhava o salário mínimo. Dessa forma, não cabe uma classificação precisa dos elementos mais importantes que estão a frente do processo de industrialização, como os elencados no gráfico. Os elementos se entrelaçam em uma rede de influências, permitindo que o fenômeno aconteça.

A coincidência nas respostas dos trabalhadores entrevistados, por obterem a sobrevivência a partir de condições materiais mínimas, chama atenção. A questão dos salários, nesse sentido, é complexa, e deve ser pensada sistematicamente junto com os elementos que incentivam a industrialização. Pode acontecer que realmente entre os cinco elementos citados no gráfico, a mão de obra a baixo custo não adquira destaque. Por outro

lado, a falta de destaque pode ser interpretada como não significativa em relação aos outros elementos. Isso poderia implicar, sobretudo, no entendimento de que as empresas não se interessam tanto nesse aspecto da industrialização. O que pode acarretar outra consequência de interpretação, que seria uma possível colaboração entre as empresas e o governo municipal alinhados em um mesmo discurso: que a industrialização é responsável por gerar benefícios sociais, por meio do trabalho nas fábricas.

Diante do exposto, pretende-se, nesta pesquisa, analisar a industrialização de Aparecida do Taboado para além dos dados e discursos apresentados pelos órgãos governamentais e mídia. Entendê-la como parte de um contexto amplo de movimento do capital é um aspecto importante, e é o que se apresenta na sequência. Por conseguinte, esse entendimento não pode nos fechar os olhos para as especificidades do processo em se tratando de um município interiorano, pequeno para os padrões brasileiros. As especificidades podem ser encontradas, também, na forma de interação/reação dos trabalhadores a esse processo, problema que será abordado posteriormente.

1.3 Internacionalização da produção industrial aparecidense: empresas nacionais, multinacionais e mercados globalizados

Para um estudo mais profundo da implantação de indústrias em Aparecida do Taboado, o foco privilegiado de análise foram as empresas *Dânica Termointustrial Brasil Ltda.*; *PelmexMS Ltda.* e *NTC*, como dito antes. O estudo apresentado a seguir, sobre o ramo de produção, o mercado a que se destina e a implantação dessas indústrias no município, permitiu conhecer melhor a organização da produção e a abrangência dessas empresas (se regional, nacional ou internacional). Esse estudo preliminar possibilitou, por conseguinte, interpretar as falas dos trabalhadores, sujeitos privilegiados no terceiro capítulo desta dissertação.

Em um primeiro momento, o estudo abarca a atividade industrial das empresas mencionadas, para entender a importância delas no cenário econômico nacional e suas relações com o mercado externo. Também é necessário questionar o que elas representam em termos da mundialização da produção industrial. Assim sendo, o que merece destaque, neste item, é o fato da produção de duas das três empresas estudadas, *Dânica* e *Pelmex*, estarem estritamente vinculadas ao cenário da economia mundial.

Em 2008 a empresa *Dânica Termoindustrial Brasil Ltda.* iniciou suas instalações no município de Aparecida do Taboado. A lei nº 05/2008, que regulamentou sua vinda para o município em 11 de fevereiro²², garantiu a concessão de uma área de 45.350,09 m² para a instalação da empresa. No mesmo ano a indústria passou a produzir em Mato Grosso do Sul portas para câmaras frias, produto base de sua atuação na economia do estado.

Na ata da lei, várias discussões foram levantadas. Uma delas direcionou elogios ao governo municipal pela iniciativa em buscar recursos, dos mais variados possíveis, para a geração de riqueza e renda²³. O poder legislativo local, na época, fundamentou a importância da instalação da empresa com base na ideia de desenvolvimento, marcado pela industrialização e a geração de novos postos de emprego no município, discurso apregoado desde a década de 1980, como dito no tópico anterior.

Essa situação pode ser percebida como uma forma da administração local garantir o crédito pelo progresso da cidade. Não só pela instalação de mais uma empresa no município, mas por se tratar da instalação de uma empresa dinamarquesa com filiais em grande parte da América do Sul e Europa. Ou seja, mais uma indústria multinacional chegava à cidade e o destaque foi dado à administração pública, que permitiu estrutura necessária.

O assunto foi tema de destaque do jornal *O Bolsão em Notícias* no ano de 2008. Na edição de nº 796 de 2008²⁴ do jornal, a matéria sobre a importância da chegada dessa nova empresa foi veiculada juntamente com outra, sobre o desenvolvimento social e econômico do município no estado. O tema sobre o desenvolvimento social e econômico foi discutido com base nas pesquisas realizadas pela Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (FIRJAN).

O que parece ser coincidência – as duas matérias na mesma edição, a primeira sobre o a instalação da *Dânica* e a segunda a respeito do desenvolvimento econômico e social aferidos pela Federação –, pode ser considerado como uma alternativa de convencimento da população e da classe trabalhadora, quanto ao desenvolvimento econômico e sua representação benéfica ligada desenvolvimento e ao trabalho industrial.

²² Lei nº 05/2008 que liberou terreno para a instalação da empresa *Dânica Termoindustrial*. Fonte acessada no arquivo do poder legislativo municipal na seção de projetos de lei e decretos. p. 02.

²³ Ata da 2ª sessão ordinária do ano legislativo de 2008, em que foi discutido a lei nº 05, sobre a doação territorial, p. 01-02. Fonte acessada no arquivo do poder legislativo municipal na seção de projetos de lei e decretos.

²⁴ *Bolsão em Notícias*. Aparecida do Taboado, Edição nº 796, 2008, p.07-08. Arquivo do Jornal *Bolsão em Notícias*.

De acordo com a pesquisa desenvolvida pela FIRJAN, publicada pelo jornal nas páginas 07 e 08 da edição mencionada²⁵, Aparecida do Taboado contava-se na 4ª colocação entre as cidades mais desenvolvidas do estado, apresentando altos índices de emprego e renda, educação e saúde. A partir dos dados mensurados relativos aos anos de 2008 e 2009, o relatório de 2009 da instituição constatou que o município passou de 4º para 6º colocado no *ranking* estadual, perdendo posições para as cidades de Angélica e Caarapó. O relatório de 2009 evidenciou também a colocação nacional do município, que foi a de 556ª em relação às cidades mais desenvolvidas do país.²⁶

Ao que tudo indica, os argumentos lançados pela imprensa local tinham a função de ratificar a introdução dessa nova empresa ao cotidiano aparecidense. A estratégia de saudar a 4ª colocação do município em relação ao desenvolvimento do estado, juntamente com a implantação da *Dânica*, reforça a concepção de que foi por meio da industrialização que se alavancou o progresso do município. Nessas circunstâncias, a mídia local ofereceu o apoio para levar esse tema para a sociedade, com a intenção de que fosse aceito sem maiores questionamentos.

A *Dânica Termoindustrial Brasil Ltda.* é uma empresa do grupo *Dânica*, que trabalha com vários segmentos produtivos. Dentro desse grupo, as atividades se dividem em cinco ramos: 1) a fabricação de câmaras frigoríficas industriais, que atendem à estocagem de frios diversos; 2) fabricação de câmaras frias para supermercados, para estocagem de diversos produtos entre frutas e laticínios; 3) produção de ambientes limpos no que concerne as salas planejadas, cuja finalidade é o atendimento da indústria farmacêutica, hospitais e a fabricação de cosméticos; 4) ramo da construção civil, em que trabalha com a fabricação de prédios e galpões industriais pré-montados, bem como com casas populares com modelo alternativo de estrutura de imóvel, utilizando o mesmo material na fabricação das câmaras frias; 5) a construção de banheiros para navios comerciais, cruzeiros e embarcações e a produção de estruturas metálicas para as plataformas de petróleo.

A junção entre os diversos ramos de atividades produtivas, mesmo com a existência de pouca semelhança entre eles, tem se tornado uma estratégia de atuação de grandes grupos empresariais. Nesse sentido, a atividade industrial do grupo está ligada a fabricação de estruturas metálicas e suportes, dos mais variados possíveis, para diferentes ramos de atividades econômicas do setor de serviços.

²⁵ Idem.

O grupo *Dânica* concentra, de modo geral, três grandes setores de atividades de produção. Atividades que dividem a partir da representação do grupo pelas empresas: *Dânica Termoindustrial*, especializada em sistemas termoisolantes, correspondente aos primeiro e segundo ramos das atividades mencionados acima; *Dânica Multi Tek*, que está ligada à produção de salas limpas, relativo aos ramos terceiro e quarto e a *Dânica Norac*, responsável pela produção naval do grupo que completa o quinto ramo de atividades mencionados.

São três grandes empresas dentro do grupo *Dânica*. Essa fusão, especialmente com a *Norac*, que há aproximadamente quatro anos compõe o grupo, marcou definitiva e fundamentalmente essa diversificação da produção. A *Norac* era uma empresa norueguesa considerada experiente no mercado marítimo. Sua planta produtiva fabricava sistemas para interiores de navios e instalações de estruturas metálicas, como, por exemplo, as das plataformas para a extração de petróleo.

A *Dânica Norac* é resultado da cooperação de duas grandes empresas. Atuando no mercado há pouco mais de quatro anos, a empresa representa parte do conglomerado de grandes empreendimentos industriais, também definido como uma organização empresarial de grande poder econômico, assim caracterizado por François Chesnais em seus estudos sobre o fenômeno da globalização do capital. (CHESNAIS, 1995, p. 91)

Na América do Sul o grupo atua em diferentes países. A organização espacial da *Dânica Termoindustrial*, ramo de atividade instalado em Aparecida do Taboado, é dividida em três setores: unidades fabris de produção, escritórios e armazéns. Das cinco unidades fabris sul-americanas, quatro estão situadas no Brasil, nas cidades de Recife-PE, Lucas do Rio Verde-MT, Aparecida do Taboado-MS e Joinville-SC. A produção do Centro-Oeste, em termos de distribuição espacial, corresponde a quarenta por cento da atuação da empresa no Brasil, país que concentra oitenta por cento da atuação do grupo na América do Sul.

Com relação aos escritórios, percebe-se o mesmo número. Dos cinco existentes na porção sul do continente americano, quatro estão situados no Brasil, e com a concentração espacial também de 40% no eixo Rio - São Paulo.

As atividades dos escritórios estão ligadas ao setor terciário da economia, e sua localização exige maior proximidade com os tecnopolos: cidades que apresentam altos índices de desenvolvimento em termos de pesquisas científicas e ensino. Em função disso, exige-se que os trabalhadores, desse setor, possuam um alto grau de qualificação, diferente do que

²⁶ Fonte acessada e retirada no dia 20/02/2012 as 12:00 do site http://www.firjan.org.br/IFDM/download/Ranking_IFDM.xls

acontece na região Centro-Oeste, onde a maioria dos trabalhadores possui um grau menor de qualificação.

Sobre os armazéns, existe o total de quatro na América do Sul. Metade desse número se concentra no Brasil, um em Goiânia-GO e outro em Betim-MG. Os outros dois estão nas cidades de Lima, no Peru, e Puerto Varas, no Chile. Isso significa que a atuação do grupo empresarial, sobretudo no continente americano, está concentrada principalmente no Brasil.

Geograficamente, a distribuição espacial dos armazéns está ligada a uma rede de conexão. Com os armazéns localizados em regiões, mais ou menos, centralizadas do país, Goiás e Minas Gerais, facilita a estratégia de armazenamento e distribuição da produção industrial.

A empresa dinamarquesa termoindustrial tem sua produção voltada para atender a demanda de mercado mundial²⁷. Sua atuação como empreendedora na região do bolsão sul-mato-grossense se faz mediante os incentivos gerados pelas políticas municipais e estaduais. Como consta na lei nº05/2008²⁸, aprovada pela câmara dos vereadores de Aparecida do Taboado, sua participação na economia local foi considerada importante para gerar renda para o município.

Essa empresa conta com o trabalho de aproximadamente 130 funcionários e funcionárias. Esse número não corresponde aos dados oficiais da empresa, por falta de acesso aos documentos. São dados relatados nos questionários e nas entrevistas orais realizadas com os trabalhadores e trabalhadoras. Essa situação se repete para o trabalho de aplicação de entrevistas e questionários nas outras duas empresas.

O que chama atenção nas entrevistas, principalmente as dos questionários aplicados nessa indústria, é que 50% dos que trabalham na empresa são oriundos de outras localidades. Ou seja, das dezesseis pessoas entrevistadas oito não residiam no município e passaram a residir pelo fator empregabilidade, o que demonstra que a vinda de empresas para localidades,

²⁷ A produção da empresa, sobretudo no município, está voltada para atender o mercado de países que mantém relações econômicas com o grupo. Não se quer dizer que a produção da empresa no município da conta da movimentação econômica entre o grupo e esses países. Em várias localidades, sobretudo na América do Sul, a empresa atua de modo a criar uma estrutura suficiente para manter a exportação de seus produtos. No caso de Aparecida do Taboado, chega-se a conclusão de que a filial é responsável por uma parte da produção brasileira destinada à países da Europa, tais como: Dinamarca, Finlândia, Alemanha, Portugal, Noruega, Sweden e Reino Unido; da América Central/Norte, com os países de Belize, Costa Rica, Cuba, República Dominicana, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, Jamaica, México, Nicaragua, Porto Rico, Panamá; na América do Sul, que mantém relações com Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Equador, Uruguay, Paraguay, Peru, Venezuela e na África, mais especificamente nos países de Angola, África do Sul, Moçambique, Nigéria, Camarões, Namíbia.

²⁸ Lei nº 05/2008 que liberou terreno para a instalação da empresa *Danica Termoindustrial*. Fonte acessada no arquivo do poder legislativo municipal na seção de projetos de lei e decretos. p. 01

como Aparecida do Taboado, nem sempre consegue contemplar em 100% a ideia de gerar emprego e renda para a população local. Portanto, o discurso da ata da reunião da Câmara Municipal e do jornal *O Bolsão em Notícias* pode não coadunar com a realidade.

Essa situação não é uma característica própria do município e sim do desemprego estrutural brasileiro, o qual leva as pessoas a uma intensa locomoção para garantir um meio de sobrevivência. É o que muitos estudiosos da Sociologia do trabalho, tais como, Antunes (2005) e Eurenice de Oliveira (2004), chamam de migração forçada para se obter um posto de trabalho, uma tendência marcante para a classe trabalhadora no século XXI.

Outra empresa que faz parte desse cenário é a *PelmexMS Ltda.* Com a produção vinculada, a partir do final de década de 1990, ao mercado externo a empresa também se caracteriza pela diversificação da produção, atuando em ramos como a produção de colchões, de estofados, confecção de roupas infantis e adultas, e de molas para estruturas metálicas, produto produzido até meados da primeira década de 2000, e transferido para *Alphamotion*²⁹, empresa criada pelo ex gerente da *Pelmex*, Antônio Sereni, para atender serviços terceirizados da fabricação de molas para as poltronas e colchões.

O produto que consagrou a empresa no cenário industrial brasileiro foi o colchão. No final da década de 1950, a empresa iniciou sua atividade produtiva na região de Fernandópolis-SP. Nascia no interior de São Paulo a *Colchoaria Brasil*.

A segunda sede foi inaugurada em São José do Rio Preto, quando a produção em Fernandópolis superou a capacidade e o local não a comportava mais. A empresa passou, portanto, depois desse processo de acomodação na cidade de São José do Rio Preto, há um ritmo acelerado de produção que a levou a ampliar seus domínios para a produção de poltronas e sofás no polo industrial de Manaus, na década de 1990.

No ano de 2001, segundo a reportagem do jornal *Bolsão em Notícias*³⁰, a empresa se instalou no município a fim de ampliar ainda mais sua inserção no mercado nacional e internacional com a diminuição dos custos de produção de poltronas. Na capa da edição, o semanário parabeniza a empresa pela instalação e a produção da primeira poltrona reclinável no município. Antes mesmo da construção do galpão para instalação da empresa, essa já iniciara a produção de poltronas no ginásio esportivo cedido pela Prefeitura.

²⁹ Empresa terceirizada da *Pelmex* para a produção de ferragens que são utilizadas na produção de poltronas e sofás e exportadas para o setor auto.

³⁰ *Bolsão em Notícias*. Aparecida do Taboado, Edição nº 427, 2001, p.03. Arquivo do Jornal *Bolsão em Notícias*.

Os incentivos fiscais e de infraestrutura (terraplanagem) oferecidos, foram mencionados pelo jornal como o grande trunfo do governo municipal.

Essa empresa atualmente conta com o trabalho de 300 funcionários, divididos em três setores: fabricação de espumas que abastecem o setor de produção de colchões e estofados, fabricação de colchões e o setor de confecção de poltronas. Até 2004 a fabricação de poltronas foi a base da indústria no município. Em 2008 a produção de colchões foi iniciada.

A busca de novos mercados resultou na diversificação do grupo *Pelmex*. Além dos setores de poltronas reclináveis, colchões e confecções, o fato de o grupo produzir molas para o setor da metalurgia, na área de eletroeletrônicos e motocicletas, chama atenção. Por outro lado, podemos entender que a produção de molas seguiu na esteira do que Chesnais (1996) demonstrou em termos da mundialização do capital, quando é transferida para uma empresa terceirizada. Em outras palavras, percebe-se que a empresa responsável pela produção das molas, a *Alphamotion*, foi criada especificamente para esse fim, o da terceirização.

Os produtos da *Pelmex*, em especial as poltronas reclináveis, são exportados para grande parte das Américas, vários países do Oriente e da Europa. Inclusive, segundo um funcionário da empresa, várias poltronas receberam o nome dos países, estados, cidades ou mesmo bairros para os quais foram exportadas para facilitar na hora de identificação dos produtos. Percebe-se isso quando se tem a relação dos nomes de poltronas: Vermont, Veneza, Nevada, Israel, Denver, Atlanta, Detroit, França, Itália, Monte Carlo, Chile, Lugano, dentre outras.

Enquanto a *Dânica Termointustrial* pode ser considerada de caráter multinacional, pois sua organização espacial é baseada na concentração de atividades administrativas em um país sede (Dinamarca) e filiais em outras partes do mundo, o grupo *Pelmex* pode ser entendido como um grupo de empresas que atuam no mercado nacional e internacional, mas com a sede e filiais apenas no Brasil.

Já a *NTC* é uma empresa que atua de forma expressiva no mercado brasileiro, com poucos investimentos no mercado exterior. Entretanto, a empresa mantém relações com a China que presta assessoria na montagem dos moldes de plástico.

Enquanto as empresas *Dânica* e *Pelmex* partilham de uma posição de consolidação e projeção no mercado mundial, a *NTC* segue apenas atuando no Brasil, em que pese o esforço de adentrar no mercado mundial estabelecendo contatos com os chineses para ampliar a capacidade produtiva. Dessa forma, a empresa atua junto com dois grupos: *Luiz Participações*

e *Trust Business Center*. Esses grupos são responsáveis pela injeção de capital na produção da empresa que influencia em sua inserção no mercado mundial.

A *NTC Moldes e Plásticos* foi fundada no final da década de 1980, em Caxias do Sul-RS. O que era apenas uma microempresa passou a ter projeção nacional. Na década de 1990 uma alteração da composição societária da companhia influenciou na capacidade técnica, financeira e administrativa, o que permitiu a produção de peças plásticas destinadas à indústria e ao comércio em geral, atuando no mercado desde a produção de plásticos para o setor alimentício ao automobilístico, segundo informações de trabalhadores do setor.

Em 2001 uma nova reformulação societária integrou a *NTC Moldes e Plásticos* ao *Grupo Luiz Participações*. Essa integração permitiu um maior investimento de capital na empresa, ampliando a possibilidade de atuação no mercado internacional.

A produção dessa empresa conta com a colaboração de mais ou menos 70 funcionários, em sua maioria mulheres. Sua produção atende ao setor automobilístico e de alimentos, pelo fato da utilização do plástico como matéria prima na produção desses setores. Essa matéria prima é transformada de acordo com o produto a ser vendido, atendendo a demanda dos dois setores. Outra característica da empresa é a atuação em conjunto com os grupos *Trust Business Center* na área da construção civil.

Os produtos fabricados pela empresa são à base de vários reagentes químicos, dentre eles o poliuretano, extremamente nocivo a saúde humana, caso haja contato indevido. Esse composto é altamente explosivo, fato que se integra ao problema anterior criando um ambiente de trabalho altamente perigoso, com grande exposição aos fatores de risco para as pessoas que trabalham especialmente na linha de produção, onde existe o contato maior com os produtos químicos.

A produção para o ramo da construção civil define a relação da empresa com o processo produtivo: produção indiscriminada para vários setores da economia brasileira. O fato da produção da empresa adentrar em vários setores da economia reforça o que se discutiu anteriormente, em termos da produção diversificada das empresas que atuam no município. Portanto, o ponto de partida para entender a industrialização recente em Aparecida do Taboado, deve levar em consideração os elementos que compõem a atuação dessas empresas instaladas no município.

O desenvolvimento e o progresso, propostos para criar sentido ao trabalho industrial, foram responsáveis por atribuir uma característica peculiar ao município, que seria a de ponto estratégico para a produção de mercadorias. Entretanto, essa característica tem sua projeção já no início do século XX, quando a região se insere no mundo de produção das mercadorias

nos anos de 1920, principalmente no que concerne a produção de carne bovina, e de dormentes para a estrada de ferro araraquarense no início da década de 1950. Assim se fundamenta o projeto aparecidense com base no desenvolvimentismo, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, assunto que será abordado no capítulo seguinte.

CAPÍTULO II

O DISCURSO DE PROGRESSO E O SILÊNCIO COMO PALAVRA DE CONSENTIMENTO

*Desconfiai do mais trivial, da aparência singela.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.*

Bertold Brecht¹

2.1 O município e sua inserção no mundo da produção de mercadorias

Aparecida do Taboado foi palco de um capítulo importante da história de Mato Grosso, no início século XX, relacionado às vias de comércio e circulação. As estradas boiadeiras, que cortavam a região, permitiram o comércio de bovinos entre Mato Grosso, Goiás e São Paulo. A região se forma, nesse contexto, como um corredor de transporte de bovinos para os mercados consumidores do sudeste. O pressuposto levantado é de que se inicia, nessas condições, a inserção do município no mundo da produção das mercadorias.

Conforme o Anuário Matogrossense², aproximadamente na década de 1920 se intensificou o fluxo de sujeitos por meio de rotas que ligavam os estados de Mato Grosso, Goiás e São Paulo. Esse fluxo se iniciou com o escoamento da produção pecuária, em virtude do comércio de bovinos oriundos, principalmente, da região sul do antigo Mato Grosso e do estado de Goiás. Essas grandes rotas eram chamadas de estradas boiadeiras, pelas quais transitavam os trabalhadores responsáveis pela condução do gado para o abate nos frigoríficos do interior de São Paulo, na região de Barretos e Ribeirão Preto.

A população que transitava pelas estradas ou trilhas que ligavam Mato Grosso e São Paulo, estabelecia relações, tanto comerciais, como sociais e culturais. A movimentação na gleba de terras da Fazenda Córrego do Campo, pertencente a Antonio Leandro de Menezes³,

¹ Frase de Bertold Brecht, retirada do site. www.frasesfamosas.com.br/de/bertold-brecht.html

² ANUÁRIO MATOGROSSENSE: Uma Obra dedicada ao Progresso do Oeste Brasileiro. Rio de Janeiro: Gráfica olímpica editora, 1957. Material pesquisado no arquivo pessoal do senhor Ademar Domingos da Silva, que se refere à região de Santana do Paranaíba, contendo informações da população do Mato Grosso até a criação do município de Aparecida do Taboado.

³ Escritura registrada no serviço de cartório da Freguesia do Imóvel, por Antonio Neves do Nascimento, escrivão oficial de registro hipotecário da comarca de Santana do Paranaíba. Documento registrado na folha 93 do livro de notas de nº 31. Fonte retirada do Arquivo Público de Cuiabá e acessada no livro *Aparecida do Taboado: O*

se intensificou gerando um ambiente de conexão. Ao passo que o fluxo de comerciantes de bovinos aumentava, criando uma espécie de vínculo entre as comitivas e a parca população que vivia na região, o vilarejo toma forma e é denominado, no final da década de 1920, de Lagoa Suja. A aglomeração de pessoas no vilarejo se dava em vista da proximidade do rio Paraná⁴, cuja parada se tornava necessária para os comerciantes de bovinos que pretendiam atravessar o rio, nas proximidades onde ele se forma.

A representação dada ao rio é de fronteira, portanto obstáculo, mas também lugar de travessia, de passagem do gado para o lado do estado de São Paulo. Pode-se partir do princípio de que a aglomeração se baseava na tarefa de criar meios para desafiar e vencer a natureza do lugar.

Com o aumento da população na década de 1930, a região passou a receber um nome apropriado a categoria de lugar, com o levantamento de uma igreja em homenagem a santa padroeira: Nossa Senhora Aparecida.

Ao relatar sua história de vida, o senhor Ademar Domingos da Silva, morador no município desde a década de 1930, constata que a história do lugar está vinculada a migração de sujeitos vindos de Minas Gerais e de outras regiões do país, principalmente do Sudeste brasileiro. Os migrantes buscavam nessa região oportunidades de trabalho, ou mesmo a possibilidade de ascensão social por meio do trabalho com a terra. Arriscavam adentrar caminhos perigosos, com possibilidade de enfrentamento com os indígenas da etnia caigangue, habitantes da região. Segundo as palavras do senhor Ademar:

Aqui a maioria é mineiro, a minha família é de minas e viemos para cá em lombo de burro. Não tinha meio de transporte e nós viemos em lombo de burro. Então minha família é toda mineira não era daqui é tanto que esse tio meu que fundou aqui [município de Aparecida do Taboado] era de Minas. Aqui são uma geração da maior parte de mineiros, aqui do Triângulo Mineiro. E depois migrou muita gente né?⁵

Ao estudar a formação do município de Jales-SP, Sedeval Nardoque (2007) constata que a ocupação da região do extremo Noroeste Paulista, divisa com o antigo Mato Grosso, resultou, em certa medida, da expansão da região do Triângulo Mineiro. O momento em que o

Portal do Desenvolvimento, escrito pelo memorialista Malei Cunha e publicado pela editora Caiapó no ano de 2007.

⁴ O rio Paraná nasce, próximo à Aparecida do Taboado, da confluência dos rios Grande, de Minas Gerais, e Paranaíba, que surge na divisa entre os estados de Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso do Sul.

estudioso analisa, meados do século XIX, pode não ser compatível com o movimento gerado pela colonização do início do século XX, mas algumas proximidades podem ser construídas a respeito.

Sedeval Nardoque evidencia que essa região era constituída de densas matas, e que não existiam fronteiras geográficas e culturais delimitadas (2007, p. 35). Sendo a possibilidade de ganho superior aos possíveis contratempos e dificuldades que os sujeitos por ventura encontrariam, a empreitada se mostrava compensadora.

O autor evidencia ainda que não existia, até ao menos a década de 1850, uma legislação específica para regular o acesso a terra na região. Nesse sentido, Sedeval Nardoque salienta que:

A procura por novas terras, devido à demanda, elevou seus preços, e verdadeira indústria de grilagem desenvolveu-se posteriormente a 1850, quando da aprovação da Lei de Terras que estabeleceu o prazo para legitimação das posses efetuadas entre a cessação do regime de sesmarias e sua promulgação, até o ano de 1854. (NARDOQUE, 2004, p. 40)

A lei imperial de terras acabou por estabelecer a compra como a via de acesso à propriedade, abolindo as sesmarias e estipulando o prazo para que fossem legitimadas as antigas posses (NARDOQUE, 2004, p. 40).

Existiam, contudo, sujeitos como Patrício Lopes de Souza que por *ignorância*, ou mesmo pela distância dos centros urbanos e por falta de divulgação da lei, não tomou conhecimento das transformações acerca da política imperial, continuando nos *sertões* até 1885 na tentativa de expansão do território que havia conquistado por meio da grilagem. (2004, p.39)

Nas décadas de 1940 e 1950 surge outra questão que também marcou a produção de mercadorias na região. Dessa vez a produção de dormentes para a estrada de ferro araraquarense. Como a matéria prima – a madeira – era abundante na região, as serrarias tiveram a oportunidade de trabalhar com capacidade suficiente para alimentar a construção da linha férrea. A dinâmica – tanto a produção pecuária, como a de dormentes –, favoreceu a criação de um ambiente de prospecção, por parte da elite política, de um futuro promissor em que o progresso era certo.

A *Serraria Aparecida LTDA* dos sócios Francisco Lúrio; Francisco Caldeiras Martins Filho; José Carvalho Silveira e Orlando Luzio, trabalhava com a produção voltada

⁵ Ademar Domingos da Silva, 78 anos de idade, morador do município desde 1930. Entrevista realizada em sua residência no dia 10 de setembro de 2008.

apenas para a estrada de ferro. Fundada em 1950, sua produção contava com o trabalho de “[...] 3 horizontais, um motor a óleo de 22 HP, 3 caminhões apropriados para o serviço e 50 homens para o serviço total”⁶. Dessa forma, mantinha a produção mensal de “dois mil dormentes grandes e dois mil simples. Produção essa toda contratada com a estrada de ferro Araraquara.”⁷

Ao relacionar o contexto da formação histórica de Aparecida do Taboado com sua característica produtora de mercadorias, foi possível entender que essa dimensão configurou as relações sociais desde a formação do município. A estrada boiadeira foi um elemento importante na composição das relações sociais na região, tal qual a indústria de dormentes que inicia sua atividade de produção em vista da construção da estrada de ferro.

É por meio do *Anuário* que se percebe a importância da produção de dormentes para a estrada de ferro, e o que representou a chegada dos trilhos para a região. Por assim dizer, a região se inicia no mundo da produção de mercadorias, da mesma forma que também começa a desenhar sua estrutura complexa de organização social. De acordo com o conteúdo do *Anuário*:

Com a chegada dos trilhos da estrada de ferro Araraquara do Paraná e com a construção da estação Presidente Vargas, aumentou o progresso de Aparecida do Taboado. Novas linhas de ônibus passaram a conduzir passageiros ao porto Presidente Vargas que na outra margem embarcam em confortáveis trens daquela companhia. Considera-se que o fato da proximidade de apenas 18 quilômetros de Aparecida ao porto, fez dessa uma cidade portuária, pois, novas indústrias surgiram, principalmente a de extração de dormentes e de madeira em geral, que são exportadas em toras. Instalaram-se serrarias, cresceu o comércio, triplicou o número de residências, prolongaram-se as ruas... Tudo evoluiu!⁸

Segundo Hidelbrando Campestrini, que estudou a formação política e econômica da cidade de Santana do Paranaíba – município que compreende, do século XVIII ao início do XX, a região do atual bolsão sul-mato-grossense onde se localiza Aparecida do Taboado – a necessidade de ligação entre os estados de São Paulo e Mato Grosso, que se fazia desde o final do século XIX, marcava a tentativa de modernização de um estado denominado de *atrasado* (CAMPESTRINI, 2002, p. 15). A necessidade de aproximação com os estados ditos

⁶ Anuário Matogrossense, 1957, p. 38

⁷ Idem. p. 38

⁸ Ibidem. p. 31

desenvolvidos, por parte de Mato Grosso, fazia parte de um projeto ancorado na ideia de desenvolvimento. O início do século XX oportuna a relação de aproximação com o estado de São Paulo em vista da ferrovia Noroeste Brasil (NOB). Nesse cenário a ferrovia desempenhou papel significativo no que diz respeito a interação entre os dois estados. Dentre outras questões, essa interação permitiu, principalmente, maior relação econômica entre os dois estados, momento em que a Noroeste Brasil favoreceu o setor comercial a partir de suas atividades de transporte.⁹

O ambiente natural modificado pela ação humana, ou seja, o desmatamento proporcionado pela atuação das serrarias, também permitiu uma maior introdução da produção pecuária na localidade. A ação da extração da madeira abriu espaço, bem como colaborou para as grandes pastagens. Isso permitiu também o início de várias atividades comerciais na região, como a da fábrica de fogos *Nossa Senhora Aparecida*, que operava com 70 funcionários em 1955; a construção do posto mecânico *Esso* em 1950, para auxiliar os serviços das serrais; a *Casa Castro* de secos e molhados e *Casa Nasser* que vendia calçados e ferragens em geral; também a *Construtora Brasil*, importante para época no que diz respeito ao fornecimento de matérias para a infra-estruturar da cidade; a farmácia Santa Luzia, dentre outros estabelecimentos criados na década de 1950. (CUNHA, 2008)

O fato que garantiu ao município, depois de sua emancipação política, a alcunha de *terra dos peões de boiadeiros*¹⁰ foi sua inserção no mundo da produção das mercadorias, especialmente a carne bovina. A grande festa que carrega esses símbolos, realizada para comemorar a vida sertaneja dos boiadeiros há mais de trinta e cinco anos, comprova que essa cultura foi encarada como um modo particular de vida, calcada no mundo rural do sertanejo. Essa comemoração celebra a vida dos sertanejos mais tradicionais e o festejo, nesse sentido, tem o objetivo de agradecer a Nossa Senhora de Aparecida, padroeira da cidade, pelo bom desempenho do trabalho no campo. Nessa sociedade, o boi representou uma alternativa para o desenvolvimento da região. A pecuária, até a década de 1980, desempenhou um papel vital para a economia do município.

Seja a carne, ou o dormente, a produção dessas mercadorias influenciou de maneira significativa a construção da sociedade aparecidense e a ideia de progresso. *A predisposição* do município para produzir mercadorias, foi uma construção sócio-histórica que remonta o início do povoado.

⁹ Sobre a Noroeste do Brasil, ver Queiroz (2004).

2.2 Progresso e sociedade aparecidense: o desejo do desenvolvimento

Diante da situação que passava o município no final da década de 1940 e início de 1950 – com o avanço da pecuária e da agricultura –, a sociedade aparecidense também iniciou a sua estruturação política partidária local. O desenvolvimento pressupõe uma organização complexa que se dá em conjunto com vários elementos, dentre eles a política partidária, a qual era conduzida pelo município de Santana do Paranaíba. Por isso a necessidade de organização, para que as decisões ligadas ao município fossem discutidas em âmbito local.

As relações de poder pela posse de mando envolveram sujeitos que representaram figuras da elite, intencionados em administrar o erário público. Dessa forma, no decorrer da década de 1950, foram-se acirrando tensões entre os grupos que se formaram em busca do poder na região.

Os sujeitos que estavam ligados a partidos políticos que dominavam o cenário da política nacional na época, o PSD e a UDN, dividiam a sociedade, basicamente, em dois grupos. A emancipação política do município, datada de 1949, pode ser considerada como um elemento que contribuiu para o início dos embates político-partidários na região. Dessa forma, as disputas estavam baseadas em atuações de figuras de expressão no cenário nacional, ligadas a esses dois partidos políticos. Os grupos políticos mediam forças para estabelecer qual era a maior representatividade local, e qual mereceria estabelecer o controle, no momento em que o poder passava a ser institucionalizado.

Em carta de 27 de março de 1949, ao procurador do estado de Mato Grosso Walter Faustino Dias, Polybio Garcia explicita as tensões políticas daquela época entre o Partido Social Democrata (PSD) e a União Democrática Nacional (UDN). As preocupações evidenciadas por Polybio, integrante do PSD, na carta que segue, abre possibilidade para se pensar o papel da política partidária na emancipação do município, bem como a questão dos jogos para se estabelecer no poder. Segundo o texto da carta:

Amigo Dr Walter Faustino é portador desta o senhor Martinho que responderá por mim sobre a carta que junto a esse envio. É pena você não estar aqui para ver o que o Dr Lucio esta fazendo do PSD aqui, faz até graça. Diz ele que, se caso for minha a candidatura de um dos candidatos, ele da procuração para outro que será válida. Assim, estão fazendo nomeações para delegado, advogado do partido, enfim, andam de um lado para o outro.

¹⁰ Imagem cantada em versos caipiras na música *sessenta dias apaixonados*, composta por Darci Rossi que ganhou destaque nacional nas vozes dos cantores sertanejos, Chitãozinho e Xororó.

Nesta eleição estamos bem mais animados. As críticas estão visando somente o Ajax e o João Alves. Tome cuidado, pois eles já estão planejando meios para anular as eleições! Cuidado! Aqui sempre anunciando. De seu melhor amigo, Polybio. (CUNHA, 2008, p. 81)

De acordo com a visão de Ismael Luis Pereira¹¹, morador do município desde 1930 e migrante de Minas Gerais, a emancipação política também teve seus fundamentos na complexidade de estar ligada ao município sede de Santana do Paranaíba, distante do território onde se formou a cidade de Aparecida do Taboado. A distância gerava uma série de dificuldades relativas ao registro de imóveis, casamentos, compra e venda de fazendas, de terrenos, dentre outras. Assuntos corriqueiros que demandariam alguns dias se fossem tratados na localidade, demoravam semanas, ou até meses para serem resolvidos na sede administrativa, tanto pela questão da burocracia, como pela distância de 60 km percorrida em carro de boi.¹²

As décadas que seguiram os anos de 1950 dinamizaram as relações sociais e de produção no Brasil. No pós-Segunda Guerra, especialmente na segunda metade do século XX, o sinônimo de civilidade e desenvolvimento já se transpunha da ferrovia para a rodovia e a indústria. A modernidade chegava com o avanço da fronteira agrícola que incorporava regiões distantes do Centro-Sul à órbita de produção de mercadorias.

Com a estruturação da indústria nacional, vários setores ganharam força frente ao contexto do impulso capitalista no Brasil. O setor de produção de alimentos adquiriu nova roupagem, estabelecendo-se, como salienta João Mello e Fernando Novais, uma dominação esmagadora dos alimentos industrializados sobre os de produção local. (MELLO e NOVAIS, 1998, p. 45)

Ao passo que a indústria de alimentos se especializava, influenciava nas relações de trabalho no campo. O espaço rural, nesse momento, se confunde com o urbano em vista da atuação da agroindústria. Em meio ao desenvolvimento, as enxadas perderam espaço para os tratores e as sofisticções do sistema capitalista tomaram conta do campo, sendo responsáveis por um crescente êxodo rural. Parte expressiva de pessoas que viviam no campo foram

¹¹ Ismael Pereira, 70 anos de idade, morador do município desde 1930. Entrevista realizada em sua residência no dia 10 de setembro de 2008.

¹² Segundo Ismael Pereira, o carro de boi era um dos mais simples meios de transporte utilizados na época para o transporte de cargas, tais como: produtos agrícolas, sal, comida, ferramentas e, sobretudo, pessoas. Conta o orador que as viagens em carro de boi duravam semanas, principalmente quando necessitavam buscar produtos na região de Três Lagoas. Em Aparecida do Taboado, na atualidade, esse meio de transporte é utilizado apenas como símbolo cultural, em que é apresentado como parte histórica da ruralidade da região, principalmente em época de desfiles cívicos dentre outros.

obrigadas a deixar o lugar de origem, se incorporando aos trabalhadores dos latifúndios ou cidadãos.

Uma alternativa para a população rural foi a recondução de localidade. Muitos sujeitos foram incentivados a ocuparem lugares até então considerados inóspitos e incivilizados. Assim, ao adentrar nas terras dos *sertões* do Brasil, na esteira da *Marcha para o Oeste* do Estado Novo, esses sujeitos se deparavam com todo tipo de dificuldades nas densas matas do território nacional. Esse movimento perduraria, com intensidade, ao menos até o final dos governos militares, quando a fronteira agrícola chega à Amazônia mato-grossense, conforme abordado por Regina Beatriz Guimarães Neto, no caso de cidades criadas na década de 1980 ao longo das rodovias federais no estado de Mato Grosso. (GUIMARÃES NETO, 2005, p. 520-1)

A infiltração do capital estrangeiro, na década de 1960, surgiu com o pretexto da modernização do país, considerado até então de baixo desenvolvimento. Segundo João Mello e Fernando Novais, foi a partir do golpe de 1964 que o Brasil abriu de vez seu mercado para o capital estrangeiro, trazendo, desse modo, inúmeros investimentos para o território. Com o golpe, os militares tiveram o papel de adequar o país mais incisivamente às normas do capitalismo mundial, principalmente no que se refere à expansão agrícola e a produção nacional. (MELLO e NOVAIS, 1998, p. 45-60)

Na formação do Brasil *moderno* apresentou-se a contradição, pois a violência gerada pelo sistema capitalista brasileiro excluiu grande parte dos sujeitos do sistema produtivo. Esse cenário acabou, por assim dizer, influenciando a constituição de um exército de mão de obra de reserva.

Tendo o contexto das décadas de 1950 e 1960, e o movimento nacional desenvolvimentista, pode-se levar em consideração algumas questões sobre as perspectivas de organização política do município de Aparecida do Taboado. A emancipação político administrativa do município foi resultado da atuação das forças da política formal. Entretanto, os grupos políticos da elite organizavam suas ações com características próprias, não necessariamente ligadas à uma ordem formal. O exemplo pode ser retomado a partir da carta redigida por Polybio, momento em que chama o procurador do estado de amigo e recomenda certos cuidados no que diz respeito aos sujeitos que faziam parte da UDN.

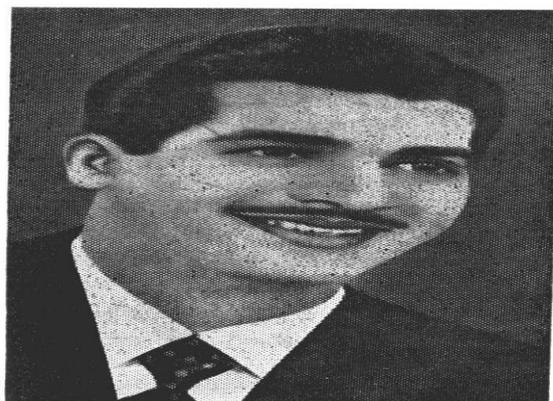
As discussões sobre desenvolvimento, pautadas no cenário nacional, ganhavam força nos ideais da elite política e econômica local. Essa espécie de influência gerava uma série de disputas entre os que pretendiam estabelecer o domínio.

Ao analisar a propaganda veiculada para a campanha municipal à prefeitura, na década de 1960, pode-se constatar que um dos candidatos, João Chama, estava conectado aos pressupostos desenvolvimentistas do Brasil moderno. Sua referência é o período pós Juscelino Kubitschek, anterior ao governo autoritário dos militares, momento em que o Brasil apresenta em crescente desenvolvimento.

De certo modo, o discurso de progresso estava pautado em todas as esferas da sociedade, podendo ser percebido até mesmo na campanha para prefeito. O espírito desbravador e desenvolvimentista fazia com que a elite local mantivesse uma relação estreita com a evolução do Oeste brasileiro. Essa postura contribuiu para gerar uma espécie de representação local a respeito das tensões políticas em âmbito nacional, como se apresenta na análise da propaganda política de João Chama.¹³

Figura 1 – Campanha para a prefeitura de Aparecida do Taboado, 1960

A época é dos Zetas
VEJAM A SUCESSÃO
JUSCELINO
ÂNIO
ANGO... e agora
João Chama



Na Prefeitura de Aparecida do Taboado 14

Ao analisar a imagem é possível perceber a existência da articulação entre município e estado, bem como estado e nação no que diz respeito ao ideal de desenvolvimento. Percebe-

¹³ João Chama era natural de Jacui-MG, onde nasceu no dia 2 de agosto de 1925. Faleceu no dia 28 de julho, de 2009 na Santa Casa de Misericórdia de Aparecida do Taboado. Chegou no município em 1945, onde começou sua vida como comerciante e político.

¹⁴ Imagem retirada do livro de Marlei Cunha (2008, p. 59).

se que a emancipação política de Aparecida do Taboado tinha suas bases no discurso de modernidade veiculado no Brasil. Entretanto, o *marketing* que considera a época dos jotas chama a atenção, no sentido de vincular o desenvolvimento do Brasil com a política de João Chama, justamente pela sua popularidade, característica de Juscelino Kubitschek.

Na figura é possível perceber questões mais gerais sobre a ideia de desenvolvimento dos políticos da localidade. No entanto, analisar a imagem enquanto fonte histórica requer que se tenha o cuidado de não tomá-la como verdade. Aliás, e não é novidade para os historiadores, nenhuma fonte histórica deve ser tratada como um regimento de verdade. Quem nos adverte a respeito desse assunto é Boris Kossoy, quando que saliente:

A fotografia em si, o filme em si não representam, tanto quanto qualquer documento velho ou novo, uma prova de verdade. Toda a crítica externa e interna que a metodologia impõe ao manuscrito impõe, igualmente, ao filme. Todos podem, igualmente, ser 'montados', todos podem conter verdades e inverdades. (KOSSOY, 1980, p. 29)

O quinto prefeito eleito, com o mandato de 1961 a 1965, segundo o memorialista Marlei Cunha, era tido pela população como uma pessoa ideal para gerar o desenvolvimento da sociedade naquela época, por dois motivos: João Chama fazia parte da elite política e possuía certo poder econômico, além do fato que a sua imagem criou a representação do exemplo de sucesso, característica fundamental de um bom representante público. Segundo o memorialista:

João Chama chegou em Aparecida do Taboado em 1945. Iniciou sua atividade profissional como Mascate. Vendia de tudo: pedra de binga, tecidos, etc. estabeleceu-se com uma loja e obteve grande sucesso. Lembra que o serviço que tirava dormente para colocar na estrada de ferro que estava sendo construída no Estado de São Paulo, foi um impulso para o seu comércio. Eram inúmeras as atuações do jovem migrante que aplicava até injeção. (CUNHA, 2008, p. 59)

A forma como João Chama enfrentou as dificuldades o colocava como figura empreendedora e visionária. Disposto a trabalhar da mesma forma que Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart, sua carreira como figura pública se valia da postura política dos dois últimos estadistas, mas a partir do desenvolvimentismo de Juscelino Kubitschek. Isso garantiria para o político a fama, depois de toda a sua atuação no município, de *pai dos pobres*, conforme os relatos do morador Ismael Luis Pereira que também foi assessor de João Chama em grande parte de sua vida pública, e do jornal *Bolsão em Notícias*, quando faz uma

homenagem póstuma ao político no ano de 2009 pelos serviços prestados para a comunidade.¹⁵

Sua vida política atingiu certa popularidade que permitiu sua eleição para deputado estadual, no mandato de 1967 a 1970. Entretanto, foi cassado depois da instituição do AI-5, fazendo coro aos muitos políticos que foram também depostos no governo militar de Costa e Silva.

O memorialista Marlei Cunha levanta uma teoria para a sua deposição. A representação que Marlei Cunha tenta criar para o político é de herói da resistência. Nesse sentido, a deposição do mandato de deputado foi devido a postura de descontentamento com o regime militar, considerando que o mesmo fazia parte da oposição ao regime junto a outros políticos considerados inconvenientes para os militares.

Nas palavras do memorialista e de Ismael Luis Pereira, a postura visionária do político foi capaz de, a partir de seu mandato como prefeito na década de 1960, possibilitar a concretização de um sonho tão almejado pela sociedade aparecidense: a instalação da energia elétrica. O progresso já se mostrava iminente, e para a população isso significava melhor qualidade de vida. Diante dessas circunstâncias o município, visto pela sociedade como uma terra em que o progresso desenhava seu curso, estaria preparado para seguir na esteira do desenvolvimento do país.

Perante a geração que presenciou a chegada da luz elétrica, como a de Ismael Luis Pereira, esse acontecimento teve, talvez, a mesma representação e repercussão como a robótica e a nanotecnologia tem para a nossa geração.

2.3 O que dizem os jornais?

Na década de 1980 a ideia de desenvolvimento se voltou para a produção industrial. A mídia local destacava a importância do setor industrial, como outra maneira de promover o desenvolvimento da cidade. A implantação das empresas significaria a construção de uma sociedade modificada por meio das vantagens da produção de mercadorias e do trabalho industrial.

¹⁵ Notícia publicada no site 29/07/2009 e retirada no dia 10/10/2011 às 12:00 hs http://www.jornaldobolsao.com.br/noticias/visualizar_noticia.php?noticia_id=20364&categoria=Gerl

Os jornais *Bolsão em Notícias* e *O Democrático* tiveram um papel significativo, a partir da década de 1980, na propagação da ideia de progresso. Essa ideologia, vinculada à produção industrial, marcava os anseios da classe dominante que visava a realização do projeto político iniciado com a emancipação administrativa. Os jornais buscaram criar uma espécie de mito com relação ao desenvolvimento da cidade. Grande parte das notícias privilegiava os feitos dos sujeitos que representavam a elite política.

Nas edições das décadas de 1980 e 1990 de *O Democrático*, e nas do *Bolsão em Notícias*, de 1990 a 2000, não há espaço para crítica ao sistema político e social do município. Pelo contrário, sempre privilegiaram a administração pública, demonstrando a importância da transformação econômica e social pela qual passava a sociedade em vista da industrialização desencadeada na década de 1980.

O mito, entendido aqui como promotor de uma determinada ideologia, abarca uma dimensão social e cultural. Assim, caracteriza com simbologias atos e fatos que correspondem a um determinado contexto ou prática social, fazendo com que essas simbologias interajam com a sociedade. O resultado é a assimilação, por parte da sociedade, da representação propagada. Carlo Ginzburg salienta que o mito pode ser considerado como uma peça central na propagação de um sistema de representações, articuladas com mecanismos que gerenciam a visão de mundo de uma coletividade. (GINZBURG, 1990, p. 12)

O papel do jornal, meio privilegiado de difusão de mitos, acaba por ser definido como produtor de uma suposta ideologia ou mesmo uma representação a respeito do que considera como viável para a sociedade aparecidense. Conforme Tânia de Luca, além do conteúdo, o jornal tem em sua estrutura de edição uma forma de priorizar assuntos dos quais considera de maior relevância e repercussão na sociedade. O jornal, por assim dizer, pode ser considerado como um instrumento capaz de dialogar com os anseios de uma sociedade. Ou seja, sua capacidade de captar e moldar discursos sociais age de modo a assumir a cena como *ator principal*. (DE LUCA, 2006, p. 111-155)

No que se pode entender, a representação social do progresso é construída por meio dos discursos dos jornais, de maneira nem tanto aparente. O incentivo a submissão ao espírito capitalista, em uma sociedade gerenciada pela liberdade individual, cuja teoria julga que todos os sujeitos possuem as mesmas chances diante do processo produtivo, pode ser percebida na forma como se estruturou as discussões propostas pelos periódicos, nos seus diferentes períodos de circulação.

Por meio da matéria do jornal *O Democrático*¹⁶ do dia primeiro de maio de 1985, pode-se perceber o teor dos discursos produzidos. O conteúdo da notícia dizia respeito a uma crítica à União Soviética e chama atenção pelo fato de estar ligada às discussões em âmbito mundial sobre socialismo, comunismo e capitalismo. A nota foi retirada de uma matéria da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e divulgada com a finalidade de informar o leitor sobre o assunto.

A justificativa do modelo de produção capitalista não se faz presente de forma assumida no texto veiculado pelo jornal. O conteúdo do texto repele a ideia de uma possível sociedade comunista, no momento em que evidencia os problemas que existia no regime socialista, constatando-o como inviável. Essa postura se deve ao fato do regime ser considerado, pelo menos segundo o viés da notícia, como uma forma de manipulação da realidade.

Estando em jogo dois sistemas políticos muito evidentes depois do fim da Primeira Guerra Mundial, a negação de um sistema social e político pode ser caracterizada como a afirmação do outro. Assim, o discurso do jornal aparecidense buscava sua afirmação desenvolvimentista com a ajuda da negação do sistema socialista. O que foi veiculado pelo jornal pode ser considerado como uma representação dos anseios políticos de uma elite, cuja tarefa foi a de incentivar a industrialização.

Na mesma edição outra nota também chama atenção. Essa nota faz menção a importância do trabalho na sociedade capitalista, e direciona a pensar o dia primeiro de maio vinculado a essa sociedade. Ao analisar seu conteúdo, o pressuposto levantado foi de que existe uma interconexão entre as duas notícias. Em outras palavras, as duas notícias não se encontram na mesma edição por mera coincidência.

A nota sobre a importância do dia primeiro de maio carrega em si o sentido de afirmação do capital, com a função de vincular o projeto de sociedade almejado pela classe dominante com a alienação do trabalho. Nesse sentido, as duas notícias em conjunto apoiam o discurso do jornal que teve a função de conectar o sujeito, pela importância do trabalho do tipo capitalista, a ideia de desenvolvimento proporcionado pelo progresso do município. Para a realização desse feito, foi necessário edificar o sentido de ideal de trabalho como atividade submissa ao capital.

No texto do jornal, pode-se presenciar o seguinte:

¹⁶ *O Democrático*. Aparecida do Taboado, Edição nº 150, 1985, p. 04. Arquivo do Jornal *Bolsão em Notícias*.

O trabalho é, sem dúvida, a maior virtude do homem. É por ele que se constrói um mundo melhor, para nós e para as gerações futuras. Desta forma, foi instituído o dia 1º de maio como o dia dos trabalhadores, seja ele do campo, das indústrias, dos escritórios, enfim, todos que de uma maneira ou de outra ajudam a edificar uma pátria melhor. O trabalho dignifica, e todos os que o tem, devem neste dia 1º de maio fazer uma reflexão sobre a sua função perante a sociedade e uma breve análise sobre a tarefa que vem desempenhando. Nós, deste semanário, queremos prestar nossa singela homenagem à todos os trabalhadores, e desejar-lhes que suas tarefas executadas possam ser coroadas de pleno êxito. Que o primeiro de maio simboliza sempre, uma vida digna de lutas em busca de melhores dias.¹⁷

O trabalho, nesse sentido, é considerado a partir da concepção de um ofício, de uma ocupação. Em decorrência da livre atuação do sujeito no sistema capitalista, cujo sucesso depende estritamente do desempenho individual, essa ocupação garantiria *status* de conexão entre o sujeito trabalhador e a sociedade. Entretanto, é preciso levar em conta que a partir do momento em que se tem o trabalho, no sentido veiculado pelo discurso do jornal – como um sistema criador de mais valia –, o trabalhador se torna alienado/estranhado.

Na sociedade do negócio, do capital, como salienta Ricardo Antunes (2005, p. 15), o trabalho é a marca social que configura o tempo livre como uma falta de virtude. A ideia produzida pelo discurso do jornal de que “O trabalho é, sem dúvida, a maior virtude do homem”¹⁸, desqualifica quem não possui um posto no mercado de trabalho, elegendo esses sujeitos como não portadores de virtudes.

Segundo Ricardo Antunes (2005, p.24), o negar o ócio (negócio) é característica de um quadro mundializado do capitalismo, no qual a sociedade é levada a interiorizar como expectativa de vida as condições impostas do sistema de produção. Nesse sentido, o pressuposto de criar um mundo melhor por meio do trabalho, oferecendo uma postura de rendição ao capital, não está vinculado aos sentidos do trabalho em sua dimensão de transformação e emancipação humana.

O texto do jornal que estamos tratando propaga a representação de que “É por ele [trabalho] que se constrói um mundo melhor, para nós e para as gerações futuras”¹⁹, sendo esse trabalho um ideal que está vinculado a ordem do capital. É preciso entender que esse ideal de trabalhador e trabalhadora, veiculado na nota do jornal, em momento algum faz parte de um plano de emancipação social por meio do trabalho. As referências à dignidade do

¹⁷ *O Democrático*. Aparecida do Taboado, Edição n° 50, 1981, p. 05. Arquivo do Jornal *Bolsão em Notícias*.

¹⁸ *Idem*.

¹⁹ *Ibidem*.

trabalho nada tem a ver com a emancipação humana do sistema de produção que oprime, mas sim a permanência nele.

Em um primeiro momento a nota do periódico condena o modelo político da União Soviética. Em segundo momento, relaciona o trabalho em sua dimensão capitalista como peça fundamental de reprodução social. Essa postura tem relação com a injeção de capital estrangeiro no Brasil, principalmente a partir do estreitamento das relações com os Estados Unidos da América no contexto da guerra fria, contribuindo para que o país veiculasse um discurso que reforçava a ideologia capitalista. De certa forma, essa postura tinha a pretensão de adequação ao mercado mundial. Esse é o sentido que está por detrás do discurso a respeito do trabalho, veiculado pelo jornal no dia primeiro de maio de 1985.

Ao se interpretar as matérias dos periódicos, pode perceber as condições sobre as quais a sociedade aparecidense foi direcionada a partir da atuação da mídia local. Portanto, é possível entender que a alusão ao progresso do município é parte de um projeto ancorado em pressupostos da exploração do capital, cujo eixo central se destaca pela dimensão das relações de dominação de uma elite.

De acordo com o semanário, “O trabalho é, sem dúvida, a maior virtude do homem. É por ele que se constrói um mundo melhor, para nós e para as gerações futuras. Desta forma, foi instituído o dia 1º de maio como o dia dos trabalhadores [...]”, constatando ainda que o dia primeiro de maio é um momento para “[...] todos que de uma maneira ou de outra ajudam a edificar uma pátria melhor.” Nesse sentido, “O trabalho dignifica, e todos os que o tem, devem neste dia 1º de maio fazer uma reflexão sobre a sua função perante a sociedade [...]”.²⁰

O texto mencionado se remete ao que vínhamos discutindo a respeito do ideal de trabalho, proposto pela elite aparecidense em meados da década de 1980. Contudo, existe uma questão adicional quando se remete ao dia primeiro de maio, um dia de paralisação do trabalho. A notícia do jornal é bem taxativa no que diz respeito ao assunto e considera o dia primeiro de maio como o dia para o trabalhador, em especial, pensar sobre suas funções na sociedade. No entanto, esse tema precisa ser questionado de outra forma, para além da construção do sentido capitalista.

A partir dessas considerações, é preciso pensar no que existe por detrás do discurso de progresso veiculado pela mídia. Essa postura nos ajuda a entender a constituição de uma sociedade voltada para atender as necessidades do capitalismo. Conforme Gilberto Dupas, o mito do progresso é uma ideia ilusória criada em vista de um discurso hegemônico. A

²⁰ Ibidem.

sociedade é levada à crença de um imaginário de consumo, capaz de revelar a relação sistêmica entre desenvolvimento e exclusão. (DUPAS, 2006, p. 157)

Quando analisamos a dimensão do mito do progresso nessa perspectiva, percebemos que ele atende a uma crença desenvolvimentista que, por sua vez, acolhe e propaga o pensamento de um grupo, ou sistema hegemônico. Nessas circunstâncias, podemos entender o mito do progresso como uma peça que o sistema capitalista utiliza para a sua permanência e revigoração.

Pode-se perceber que o discurso do jornal sobre o desenvolvimento não estava estritamente relacionado com uma ideologia, embora faça parte de uma ideologia liberal burguesa (SILVA, 2000, p. 80). Esse discurso acaba se manifestando em forma de representação social. Não é uma ideia propagada avulso, mas sim, em certo sentido, uma representação coletiva das benfeitorias do sistema capitalista. Até que ponto as manifestações da coletividade é ideologia? E até que ponto é representação social? Helenice Silva salienta que:

Assim como a noção de pensamentos ou de memórias coletivas pressupõe a ideia de um modo particular de conhecimento real, compartilhado por uma comunidade de indivíduos, ou seja, o modo de conhecimento é construído de maneira coletiva. A representação social difere, então, de um sistema ideológico, segundo o qual uma minoria de indivíduos propõe sua própria visão de mundo. (SILVA, 2000, p. 85)

O discurso ideológico acaba por criar uma representação, ligando os pressupostos de uma minoria – a elite política e econômica – a um ideal de sociedade. A representação coletiva define uma forma de incluir os sujeitos nas aspirações da sociedade dirigida por uma minoria.

Ao analisar o livro escrito pelo memorialista Marlei Cunha (2008), livro financiado em sua grande parte pelo poder executivo local na administração de Djalma Lucas Furquim (2005-2008), e por membros de famílias consideradas tradicionais, o discurso desenvolvimentista se mostra predominante, assumindo uma relação entre industrialização e progresso. O memorialista apresenta o processo de industrialização como sinônimo de qualidade de vida adequada ao século XXI, uma realidade que ele contrapõe ao caráter rural da localidade, alegando um possível conforto diante dessa nova realidade.

Quando o autor apresenta a história do poder executivo, lança mão de uma série de argumentos para incentivar o projeto desenvolvimentista de sociedade. Da mesma forma,

tenta vangloriar feitos de políticos que participaram da transformação do município. Segundo o autor:

A industrialização da cidade é uma realidade, que somada a um comércio forte e a uma agropecuária vibrante, fazem do município uma terra de fartura, com empregos para todos e um crescimento vertiginoso em todos os seus recantos. Aparecida do Taboado, cantada em prosas e versos, tem uma gente amiga e hospitaleira, um futuro grandioso e neste ano especial faz do seu dia a dia um tempo de trabalho nunca visto, uma época de esperanças e um tempo radiante em que podemos afirmar que esta é uma feliz cidade. Feliz pelo seu povo! Feliz pelo seu progresso! Feliz pelo seu futuro! 60 Anos não se faz todo dia! Avante Aparecida do Taboado! (CUNHA, 2008, p. 59)

O projeto político da classe dominante visou, a todo momento, cooptar a consciência da sociedade. Dessa forma, se buscava concretizar os ideais hegemônicos para que a industrialização tivesse terreno aberto para sua consolidação no município.

Outro tema discutido no município na década de 1990 e registrado pelo periódico *O Democrático*²¹ foi a segurança do trabalho. No dia 9 de fevereiro de 1995 o jornal noticiava a realização de uma reunião para se discutir esse tema. A reunião organizada por Toshitune Yura²², tinha como pauta a segurança do adolescente inserido no mercado de trabalho após a idade permitida pelo Art. 60º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).²³

Pelo que parece as empresas se sentiram ameaçadas com a proposta de discussão sobre o tema – trabalho –, e não compareceram ao evento. O semanário publicou uma nota com base no que foi dito em reuniões preparativas, como uma tentativa de aliviar a tensão entre os empresários e o poder público. O título da nota dizia: "Não Haverá Perseguições aos Empresários", seguido do texto com o seguinte conteúdo: "Um das condições, após vários debates, foi no sentido de que não se pretende perseguir ou prejudicar industriais, ao contrário, o objetivo é de que mais indústrias se instalem no município, e nesse sentido todo apoio será oferecido."²⁴

As questões mais delicadas geradas pela industrialização como, por exemplo, sobre o trabalho nas fábricas, foram pouco discutidas. Na verdade, atividades relacionadas a esses

²¹ *O Democrático*. Aparecida do Taboado, Edição nº 427, 1995, p. 03. Arquivo do Jornal *Bolsão em Notícias*.

²² Presidente do Conselho Municipal da Criança e do Adolescente na gestão de Wilson Bernardes de Mello, no período 1993 a 1996.

²³ Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

²⁴ *O Democrático*. Aparecida do Taboado, Edição nº 427, 1995, p. 03. Arquivo do Jornal *Bolsão em Notícias*.

assuntos não ganhavam tanta repercussão, pois desde a década de 1980 o foco da industrialização era a geração de benefícios e diminuição do desemprego, como já salientado no capítulo anterior. Nesse sentido, a discussão sobre o trabalho no município ganhou pouca notoriedade, pois uma das justificativas da industrialização foi, desde sua introdução, a importância dos postos de trabalho, uma forma utilizada para cooptar a sociedade para fazer parte do projeto industrial.

2.3.1 Mundo rural e urbano: as faces do mesmo progresso

Outra questão que merece destaque na análise é a inserção das indústrias em uma realidade tipicamente rural. Esse aspecto do fenômeno da industrialização, de certa forma, revela os desafios e tensões da produção industrial, gerados pelo contexto da descentralização produtiva no Brasil, que se choca com a tradição rural.

Segundo Thompson (1998, p.270), sociedades com características marcadas pela disciplina instável do trabalho, como a camponesa, que tem a organização do trabalho em sistema de tarefas, se chocam com a disciplinarização do tempo inerente ao sistema capitalista. Thompson analisou a dimensão entre os tempos históricos, colocando em pauta as relações geradas a partir de mudanças na cultura da sociedade inglesa com o advento da revolução industrial. O estudo das transformações dessas realidades, as quais foram praticamente sobrepostas, conseguem mostrar os momentos de avanços e permanências, bem como a forma que se deu a sua consolidação. Assim, o autor salienta que:

Aqueles que são contratados experienciam entre o tempo do empregador e o seu “próprio” tempo. E o empregador deve usar o tempo de sua mão de obra e cuidar para que ele não seja desperdiçado: o que predomina não é a tarefa, mas o valor do tempo quando reduzido a dinheiro. O tempo é agora moeda: ninguém passa o tempo, e sim o gasta. (THOMPSON, 1998, p. 272)

A realidade das sociedades tradicionais inglesas dos séculos XVII, XVIII e XIX, da Revolução Industrial, se difere do processo analisado em Mato Grosso do Sul, no final do século XX. Mesmo o camponês europeu estudado por Thompson é bastante diferente do trabalhador rural assalariado da década de 1980 em Aparecida do Taboado. Todavia, as

considerações do autor possibilitam entender a relação que a sociedade aparecidense mantinha com o tempo, ainda não dominado pela instalação das indústrias.

O relógio, marca da sociedade cujo jargão *tempo é dinheiro*, não estava, de certa forma, presente na produção da pequena agricultura, da pecuária e do extrativismo, anterior a chegada das indústrias. Havia a predominância de um modo particular de vivência, mesmo que inserido em um sistema de produção capitalista. O tempo regido pelo sistema de tarefas conferia ao ganho do salário uma qualidade de autonomia do trabalho. Com isso, não se quer dizer que inexistia o trabalho alienado/estranhado, visto que esse trabalho fazia parte de um planejamento societal do capital.

De fato, os sentidos do trabalho em sua dimensão emancipatória não podem ser considerados nessas relações de trabalho, por se tratar de um momento em que o sistema capitalista se apropria da mais valia e se reproduz. A dimensão da exploração do trabalho no campo está ligada a separação entre os possuidores e os não possuidores dos meios de produção, sendo esses últimos obrigados a sujeição das relações patronais.

Quando a análise se refere à pequena agricultura, uma atividade costumeira no período, não se pode constatar que esta representasse uma forma de trabalho autônomo, quer dizer, sem as prescrições do capital. Até mesmo a liberação de terras para o plantio pode ser considerada como uma forma de benefícios cedidos pelo patrão ao seu funcionário, talvez até como parte do pagamento.

Foi, contudo, essa predominância do rural sobre o urbano que a industrialização veio inverter em Aparecida do Taboado. Desde a década de 1980, o espaço regional vem se transformando, não sendo totalmente rural, nem tanto urbano. Até pelo menos a década de 1970, quando o espaço era predominantemente rural, tinha-se a organização social e de produção mais voltada para o campo.

Conforme o relatório²⁵ sobre a população rural do município, produzido pela EMATER-MT²⁶ em 1978 com base nos dados do IBGE, a população se concentrava, basicamente, em atividades ligadas ao campo. Segundo o relatório, o município de Aparecida do Taboado, no ano de 1970, contava 8.272 pessoas na zona rural e 6.429 na zona urbana. Os

²⁵ EMATER-MT. Relatório sobre o aumento populacional na região do Bolsão sul-mato-grossense. Trabalho de assistência técnica e extensão rural, elaborado para ser apresentado no C.T.A, no período de 09/10/78 a 13/10/78. O documento encontra-se na caixa arquivo nº135 do Núcleo de Documentação Histórica *Honório de Souza Carneiro*, da UFMS – Três Lagoas, p. 03. Junto encontram-se outros relatórios administrativos, da administração especial de Ilha Solteira.

²⁶ EMATER-Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Mato Grosso, que se fundiu à Empresa de Pesquisa Agropecuária (EMPA) e à Companhia de Desenvolvimento Agrícola (CODEAGRI), dando origem à Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (EMPAER).

dados também mostram os números para o ano de 1978, em que constatou uma população rural de 10.328 pessoas, enquanto a urbana estava em 7.718 pessoas.

A tentativa do relatório foi a de demonstrar o desenvolvimento populacional na década de 1970, para vários municípios da região do bolsão sul-mato-grossense. Outra questão que se destaca no relatório é a relativa à produção do município. Até a década de 1970 e início da década de 1980, essa produção esteve voltada predominantemente para o campo. Como consequência disso, grande parte do contingente de trabalhadores estaria vinculada aos serviços do campo.

Essa base rural do município se apresenta como fator limitador da produção industrial, conforme diversas análises empresariais, o que motivou a adoção de políticas de formação de mão de obra industrial. A predominância do rural também se apresentou, ao patronato, como elemento formador de uma determinada representação acerca da classe trabalhadora.

Em entrevista o encarregado da empresa *Bouts*, Denílson Antonio Custódio²⁷, salienta que se criou uma representação da classe trabalhadora a nível regional. Esse padrão está alicerçado na concepção de que a classe trabalhadora do município não está devidamente preparada para o trabalho industrial. No entanto, a justificativa parte de um modelo, de um tipo ideal de trabalhador e trabalhadora, o qual está vinculado à uma realidade fabril dos grandes centros industriais.

Quando o entrevistado relata suas experiências, percebe-se que a desqualificação e o despreparo dos trabalhadores e trabalhadoras do município são aspectos apontados como um problema social, devendo, portanto, ser corrigido. Órgãos como o Serviço Social da Indústria (SESI) e Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) são evocados para acelerar a adaptação do trabalhador à indústria. Em 2011, ao anunciar a possibilidade de instalação desses órgãos em Aparecida do Taboado, o presidente da Federação das Indústrias de Mato Grosso do Sul (FIEMS) destacou que o objetivo era resolver o problema crônico de falta de qualificação de mão de obra²⁸. A sociedade aparecidense comemorou com grande entusiasmo

²⁷ Encarregado da empresa de tênis *Bouts*. Entrevista realizada no dia 07 de setembro de 2010 na residência do entrevistado. A empresa que o encarregado trabalha não é foco da pesquisa, entretanto, a discussão que levanta é importante para ajudar a entender melhor a questão do modelo de operário que as empresas esperam encontrar no município.

²⁸ Fonte acessada em <http://www.fiems.org.br/novo/noticias-ler/Longen-participa-hoje-de-audiencia-publica-na-Assembleia-Legislativa/11653> no dia 10 de outubro de 2011.

quando a ordem de serviço, que permitiu a construção do prédio dos órgãos, foi assinada no dia 19 de março de 2012.²⁹

Para a justificativa do despreparo do trabalhador, o entrevistado considera que o universo predominante desses novos operários e operárias é o mundo rural, por isso a difícil adaptação ao trabalho industrial. Na análise de Denílson Custódio, existe uma diferença entre os trabalhadores do município, quando comparados aos de outras cidades:

A diferença (...) é que de onde eu venho as pessoas elas tinham uma qualificação, tinha um treinamento de industrialização mesmo. A cidade de Paranaíba já tinha cinquenta anos até o presente dia que estava lá e era um pouco mais fácil de se trabalhar. Lá você achava pessoas que já estava quatro anos dentro daquilo que já estava fazendo. Que nem minha área é calçados e tinha pessoa lá que já eram treinadas para isso. Teve curso do SENAI, a gente teve curso do SEBRAE teve pessoas para qualificar essa mão de obra. E a diferença que eu achei de lá pra cá é muito grande, porque quando a gente chegou aqui a empresa era (...) nova, não tinha cinquenta colaboradores e eu entrei dentro desses cinquenta. A gente teve um trabalho para formar mais cinquenta, (...) se passaram ali 150 pessoas até que a gente achasse 50 que se adaptasse. Que a adaptação aqui ela é muito difícil das pessoas. As pessoas aqui elas tem o costume de trabalhar no campo, trabalhar na área rural, mexer com vaca desde criança. Cresceram na fazenda, porque aqui a cidade é muito pequena e que a maioria dos habitantes aqui moram na fazenda (...). Então essas pessoas não estão acostumadas a ter essa industrialização na cidade igual esta acontecendo aqui, porque esta vivendo um momento de transição né? A cidade esta passando de uma era rural pra entrar direto na era industrial, que é o que a gente esta vivendo hoje. Então essa transição, ainda precisa de um acompanhamento porque as pessoas não estão se adaptando. É difícil a pessoa sair do campo e entrar em uma área onde ela tem que fazer um trabalho em equipe, pois ela é acostumada a viver sozinha. As pessoas aqui elas tem essa dificuldade. Pra gente treinar eles esta sendo até um desafio novo. Cada dia a gente tem pessoas diferentes treinando, porque a maioria esta saindo, às vezes não aguenta e sai, entra outro. E a gente tem essa troca de funcionários, essa rotatividade.³⁰

A ideia que se tem sobre a industrialização no município, nesse sentido, pode ser interpretada a partir da transformação de uma realidade rural. Existe uma dificuldade na conexão entre esses dois universos, e o patronato usa essa dificuldade para desvalorizar a classe trabalhadora do município.

A ideia de qualificação para a classe trabalhadora à subjuga em extrema especialização. Também leva os trabalhadores e trabalhadoras a uma incansável busca para

²⁹ Foi cedida ao órgão, pela prefeitura municipal, uma área de 50 mil m² localizada na Avenida Orlando Mascarenhas Pereira, no Bairro Jardim Primavera, onde será investido mais de 1 milhão de reais para a construção.

³⁰ Entrevista realizada no dia 07 de setembro de 2010 na residência de Denílson Custodio. p. 02

melhorar o desempenho para entrar em uma empresa, ou mesmo para permanecer no emprego. Segundo Ricardo Antunes a questão da qualificação demanda sistemáticos questionamentos, pois:

Um exemplo ainda mais forte é dado pela necessidade crescente de qualificar-se melhor e preparar-se mais para conseguir trabalho. Parte importante do "tempo livre" dos trabalhadores está crescentemente voltada para adquirir "empregabilidade", palavra que o capital usa para transferir aos trabalhadores as necessidades de sua qualificação, que anteriormente eram em grande parte realizadas pelo capital. (Ver Bernardo, 1996) Além do saber operário, que o fordismo expropriou e transferiu para a esfera da gerência científica, para os níveis de elaboração, a nova fase do capital, da qual o toyotismo é a melhor expressão, re-transfere o *savoir faire* para o trabalho, mas o faz visando apropriar-se crescentemente da sua dimensão intelectual, das suas capacidades cognitivas, procurando envolver mais forte e intensamente a subjetividade operária. (ANTUNES, 2005, p. 17-18)

O mercado de trabalho exigente, a crescente onda de subemprego e terceirização, pressionam em todos os graus a classe que vive do trabalho. Isso garante ao sistema capitalista o controle de um exército de mão de obra de reserva, o qual é iludido pela expectativa de um possível posto no mercado de trabalho. Outro ponto importante para se pensar é que quanto mais especialista, mais unilateral é a classe, e como consequência menos oportunidade terá o trabalhador e trabalhadora caso sofram com a demissão, pois eles só saberão trabalhar no sistema produtivo em que foram especializados, tendo que correr atrás de novas especializações, ou se sujeitar as condições impostas.

Fora isso, temos ambientes de trabalho com as condições mais adversas, as quais trabalhadores e trabalhadoras enfrentam cotidianamente para garantirem a sobrevivência. O trabalho industrial, nesse sentido, se mostra em toda sua complexidade, tema que será tratado no capítulo adiante, sobre as relações de trabalho e os modelos de produção, toyotismo e fordismo.

CAPÍTULO III

OS CAMINHOS E DES/CAMINHOS NA HISTÓRIA DAS RELAÇÕES DE TRABALHO EM APARECIDA DO TABOADO

Um mecânico muito inteligente nesse departamento (ferramenteiros e estampadores) inventou um tipo todo próprio de 'linguagem da Ford': aprendeu a falar com o ventríloquo. Depois de passar dez anos trabalhando na Ford, esse homem transformou-se em objeto de ridículo para a esposa e os amigos, pois o hábito de falar pelo lado da boca sem mover os lábios acabou por torna-se ingovernável; ele passou a falar dessa maneira inconscientemente, em casa ou em conversas informais com pessoas fora do ambiente de trabalho. (BEYNON, 1995, p 12)

Delicio-me em pensar o que seria de todas essas técnicas do capital – just-in-time, kanban, kasein, andon, TPS – com os trabalhadores de braços cruzados ou fazendo tai-chi-chuan... no melhor estilo oriental, claro! Operador multifunciona. (OLIVEIRA, 2004, p.5)

Pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. (MARX, 1988, p.142)

3.1 O século XX e os principais modelos de produção: fordismo e toyotismo

Após a consolidação da Revolução Industrial em meados do século XIX, principalmente na Grã-Bretanha, segundo os estudos de Eric Hobsbawm (2007, p. 235), a humanidade assistiu o crescente avanço de novas técnicas para o aperfeiçoamento da produção de mercadorias. Os países que representavam as grandes potências políticas e econômicas, acirravam as disputas por mais espaços no mercado mundial. Isso pode ser percebido, também, pelo seu resultado mais catastrófico, que deu início ao tão conturbado século XX: o advento da Primeira Guerra Mundial.

A produção industrial foi influenciada, também, pelo avanço da ciência. Em certo sentido, as novas técnicas de produção e os estudos científicos subverteram a capacidade humana de pensar e agir perante o processo produtivo. A criação de sistemas mais eficientes

para o aproveitamento do trabalho industrial, em todas as suas esferas, conseguiu oferecer uma dinâmica diferenciada no intuito de aperfeiçoar a produção capitalista. A racionalização do tempo e do espaço, necessários para produção de mercadorias, permitiu a integração mais eficaz entre homem e máquina.

Eric Hobsbawm demonstra que os principais acontecimentos no século XX, pós Primeira Guerra, podem ser considerados como parte do resultado do desenvolvimento da ciência e da tecnologia. O autor salienta que as transformações sociais e econômicas geradas com a consolidação da Revolução Industrial, possibilitaram um novo comportamento diante do desenvolvimento humano. Entretanto, o estudioso chama a atenção para que esse raciocínio não seja encarado como um determinismo histórico.

O sistema de produção fordista, aperfeiçoado e consolidado no início do século XX, foi fundamentado a partir da guinada de novas técnicas de produção e se insere no contexto definido por Hobsbawm. No início do século XX, essa realidade já se mostrava viável para o sistema de trabalho dentro das fábricas de Henri Ford. O sistema produtivo mostrou a capacidade de operacionalizar com o princípio da administração científica. Tratava-se de uma demonstração *sui generis* da disposição para a racionalização do sistema de trabalho dentro das fábricas.

Fundamentado nos estudos de Frederick Taylor, engenheiro mecânico, o fordismo visou racionalizar a organização do trabalho fabril, tendo por objetivo a busca por normas e processos uniformes. Esse modelo de produção tinha como característica a disciplina rígida de controle no interior e fora das fábricas; produção em massa; grande contingente de trabalhadores do sexo masculino, dentre outras.

Em boa parte de seus estudos, Taylor observou o modo como se desempenhava o trabalho fabril, chegando à conclusão da existência de problemas que julgava causadores da baixa produtividade nas fábricas. Ao constatar que esses problemas se deviam à enorme variação do tempo de trabalho, bem como de rendimento individual de cada trabalhador, Taylor propôs aperfeiçoar o sistema produtivo.

Do ponto de vista do capital, seria inconcebível existir variações dentro do processo de produção de uma mesma mercadoria, ainda se tratando de variações que, de certa forma, traziam prejuízos. Para Gramsci:

Taylor de fato exprime, com cinismo brutal, o fim da sociedade americana; desenvolver no trabalhador, no máximo grau, atitudes maquinais e automáticas, despedaçar o velho nexos psicofísico do trabalho profissional qualificado, que exigia uma certa participação ativa da inteligência, da

fantasia, da iniciativa do trabalhador e reduzir as operações produtivas ao seu único aspecto físico maquinal (GRAMSCI, 1978, p. 328)

A principal forma de agressão ao trabalhador, nesse sistema de produção, foi a maneira como se organizou o trabalho dentro das fábricas. A condição do trabalhador se limitava a realização de tarefas predefinidas, ditadas pela gerência científica. No taylorismo/fordismo, a criatividade do trabalho – “A produção dos meios de existência” para a “produção da vida material”, assim como frisou Marx em a *Ideologia Alemã* (2005, p. 44) – deixam de fornecer ao homem o subsídio que permite construir um mundo diferente por meio do trabalho. O trabalho, por assim dizer, passa a exercer uma função que distancia o trabalhador da realidade que deveria, sobretudo, conectá-lo a transformação do seu mundo exterior e interior. Dessa forma, eliminava-se a possibilidade de autotransformação do trabalhador.

Com a intenção de baratear o custo da produção, Henry Ford se utilizou dos princípios de Taylor para aproveitar cada segundo da mão de obra contratada. O que marcou o sistema de produção fordista foi a forma como se introduziu as linhas de montagem. Cada operário trabalhava em um local pré-determinado, se responsabilizando por uma tarefa específica, enquanto o automóvel da Ford se deslocava na fábrica em uma esteira. O ritmo de trabalho de cada operário era estabelecido a partir da movimentação dessa esteira, como demonstra o humor crítico de Charlie Chaplin no filme *Tempos Modernos*. Os trabalhadores repetiam as mesmas atividades durante toda a jornada de trabalho, situação que provocava consequências gravíssimas à saúde física e mental. Por outro lado, esse sistema de trabalho permitiu a popularização do produto, o automóvel Ford T, que, por sua vez, acelerou o processo de produção em massa, característica principal desse modelo de produção.

O objetivo da produção em massa era impulsionar a movimentação do mercado por meio da introdução dos produtos em larga escala, uma lei básica da economia: quanto maior a oferta, menor o preço. Segundo o raciocínio de Henri Ford, a procura intensa pelo produto deveria acontecer na medida em que a sua disponibilidade aumentasse. Em outras palavras, a procura do produto aumentaria de acordo com o baixo valor que adquiria no mercado. Esse sistema forçava a movimentação rápida dos produtos no mercado, e o ritmo de produção deveria ser suficiente para o controle do estoque e da inserção massiva dos produtos no mercado.

Outro modelo de produção característico do século XX é o toyotismo. Desenvolvido em meados do século XX, esse sistema de produção organizou o trabalho nos moldes: *just-in-*

time, kanban, kasein, andon dentro do TPS (Sistema de Produção Toyotista). Essas técnicas de produção permitiram construir uma dinâmica diferenciada para as relações de produção e de trabalho.

O modo toyotista de produção industrial teve sua origem no Japão do pós-guerra. Inicia-se em um país destruído pela Segunda Guerra, onde os recursos de materiais e mão de obra eram escassos. Nessas condições se estrutura uma produção voltada para o conceito de *Qualidade Total*, em que preconiza o desperdício zero no sistema produtivo, tanto de matéria prima, como de tempo de trabalho. Nesse sentido, o toyotismo começou a ganhar espaço em vista da produção de material bélico fornecido, principalmente, aos Estados Unidos da América, que se encontrava frente à guerra contra a Coréia.

A produção japonesa se voltou para o mercado externo e, sobretudo, para o mercado estadunidense. De certa forma, o Japão conseguiu atingir sua meta com a nova proposta de produção, que era a de atender a demanda de mercado, mesmo com a mão de obra, capital e matéria prima em escassez. A crescente demanda pelos produtos incentivou a rotatividade da produção industrial, o que significou para a sociedade japonesa o início da reconstrução após a Guerra.

O modelo toyotista de produção transformou não só as relações econômicas, mas o conceito de qualificação para a classe trabalhadora. Para as relações de trabalho, segundo Ricardo Antunes (2005) e Eurenice de Oliveira (2004), esse sistema produtivo reserva a intensificação do ritmo de trabalho, principalmente na esfera intelectual, em que o trabalhador é levado a se comportar dentro de um sistema de melhoramento contínuo. Em outras palavras, esse sistema de trabalho limita ao processo produtivo a vida de muitos trabalhadores e trabalhadoras.

Para o trabalhador, espera-se um comprometimento maior que a simples venda da força de trabalho. Exige-se o trabalho em tempo integral, de certa forma, pois quando não se está na fábrica se está pensando em melhorar a produção dela. Isso trouxe inúmeras consequências para a classe trabalhadora, desde os desgastes físico e mental, que são os mais frequentes, até as doenças crônicas como o caso da depressão.

Surgia também, com o toyotismo, o conceito de trabalho polivalente, em que o trabalhador executa várias tarefas em sua rotina fabril, diferente da monotonia do sistema fordista.

De acordo com Ricardo Antunes, o conceito mais adequado para se referir as condições de produção no fim do século XX e início do XXI, é o de produção flexível, vislumbrado desde o fim da Segunda Guerra Mundial:

Para atender às exigências mais individualizadas de mercado, no melhor tempo e com melhor “qualidade”, é preciso que a produção se sustente num processo produtivo flexível, que permita a um operário operar com várias máquinas (em média cinco máquinas na Toyota), rompendo-se com a relação um homem/uma máquina que fundamenta o fordismo. É a chamada polivalência do trabalhador japonês, que mais do que expressão e exemplo de uma maior qualificação, estampa a capacidade do trabalhador em operar com várias máquinas, combinando “várias tarefas simples” (ANTUNES, 2000, p. 34)

Esse sistema de trabalho foi padronizado pela empresa japonesa Toyota. No entanto, o toyotismo se tornou referência para a organização do trabalho em várias indústrias do mundo, como por exemplo: supermercados, grandes lanchonetes de *fast food* e empresas de *telemarketing*. Em ambientes fora da Toyota, esse sistema de produção não é utilizado em sua dimensão plena.

Ao contrário do fordismo, a produção toyotista está voltada para atender a demanda de mercado. A produção deve suprir a necessidade de consumo, bem próximo do imediato, sustentada na ideia de estoque mínimo, ou quase zero, cuja finalidade é a de garantir o fluxo sem prejudicar o preço da mercadoria. Como parte da política de produção, a mercadoria só pode ser lançada no mercado a partir do momento em que este tiver a capacidade de recebê-la sem dano ao valor gerado por ela. Ou seja, sem prejuízos a *mais valia* do produto.

Uma característica fundamental desse modelo de produção, que se somou a ele na década de 1980 a partir do neoliberalismo, foi a terceirização dos serviços. Diante de um mercado cada vez mais competitivo, como demonstrado por Chesnais (1996) – e apresentado no primeiro capítulo dessa dissertação –, as empresas se voltaram mais precisamente para o negócio do produto final, deixando outros setores, como algumas partes do processo de produção, no controle de empresas que são contratadas para esse fim. As atividades consideradas de apoio foram transferidas, principalmente, para empresas externas.

Como decorrência da política de terceirização, houve um deslocamento da mão de obra das empresas principais para as prestadoras de serviços, ficando para essa última a responsabilidade de contratação e manutenção. Isso permitiu um maior controle da classe trabalhadora por parte das empresas contratantes, pois os postos de trabalho ficaram cada vez mais vulneráveis pela sua escassez e diluição em plantas diversas, ameaçados ainda pela conjuntura social e política da contemporaneidade.

Tendo como referência esses dois modelos de produção, neste terceiro capítulo a análise se volta para as relações de trabalho nas fábricas delimitadas para a pesquisa. A partir

das entrevistas realizadas com os trabalhadores e trabalhadoras das três empresas, percebe-se uma proximidade com os dois modelos de produção citados. No entanto, essa percepção não é suficiente para classificar as relações de trabalho e os sistemas produtivos das três empresas no município de Aparecida do Taboado como pertencentes ao toyotismo ou fordismo. O que se percebe são características dos dois modelos de produção.

De acordo com as evidências da pesquisa, percebe-se um entrelaçamento entre as duas formas de organização da produção e do trabalho industrial, deixando de lado a tese de que o toyotismo atua padronizadamente em grande parte das indústrias mundialmente. Na verdade, o próprio toyotismo é de difícil definição fora de seu ambiente natural, a Toyota, haja vista que é um conjunto de técnicas altamente integradas, havendo até cartilhas específicas de como manipular a produção e se comportar diante desse sistema organizacional.

3.2 Histórias de vida no trabalho: por dentro da indústria *Pelmex*

As relações de trabalho em Aparecida do Taboado acompanham as mudanças ocorridas em nível internacional, quanto à forma de organização da produção e das relações de trabalho com a adoção do modelo toyotista. Entretanto, em alguns momentos, as relações de trabalho se dão com resquícios do fordismo.

A entrevista realizada com um ex-funcionário da *Pelmex*, Kleber Mendes¹, contribui para entendermos melhor o funcionamento do sistema de produção da empresa. Ao relatar suas expectativas quando da entrada na empresa e as mudanças no decorrer dos anos de trabalho, Kleber revela as artimanhas da empresa no processo de produção de mercadorias e as relações desta com os trabalhadores:

Bom, eu trabalhei seis anos e meio na empresa, e as minhas expectativas de início era ter um emprego que me desse a possibilidade de estudar e fazer uma faculdade, mas quando eu comecei a crescer na empresa, no setor de tapeçaria, eu vi que a empresa dava oportunidade para ganhar dinheiro na época, coisa que se fosse pegar todas as fábricas da cidade o salário da

¹ Kleber Mendes, 27 anos de idade, montador de estruturas de madeira para estofados e preparador de das mesmas para serem revestidas em couro. Funcionário da fábrica de estofados e colchões *Pelmex*, entre 2002 e 2008. Entrevista realizada em sua residência no dia 26 de novembro de 2010. p. 02

empresa Pelmex estaria em um nível superior que as outras. E quando eu comecei a ter essa facilidade de ganhar dinheiro através da produção, meu foco mudou. Eu já não estava mais preocupado com o estudo e aproveitei aquele tempo do trabalho e fazer aquilo que a gente chama de um pé de meia, construir a casa, então investir nos sonhos. E aí durante seis anos e meio eu trabalhei com essa visão, com a visão de ter um sustento ali pra que eu pudesse construir minha casa e poder ter um futuro, talvez mais tranquilo, mas a primeira expectativa minha foi a de ter um trabalho que desse pra mim estudar, mas pelo sistema da empresa, que empresa trabalhava por produção, ficava difícil, então minha expectativa, por isso, ela mudou. (...) Eu consegui durante os seis anos e meio construir minha casa, que é o que eu estabeleci a princípio. Agora quanto aos aspectos negativos, o que eu lembro muito e que acontecia dentro da empresa, e que me chateava muito, é a competição que existia dentro da empresa. Não só entre funcionários do mesmo nível, mas também entre patrão e empregado. Tipo assim, a desconsideração que existia quanto à relação de ser humano. A pessoa, ou melhor, a liderança da empresa, olhar o colaborador, o funcionário, não como um ser humano, mas como uma peça que precisava estar bem para a empresa girar e desconsiderar esse lado social da empresa. Visando acho que o lucro, esse é o aspecto negativo.²

Ao entrar na empresa, o trabalhador se viu tentado a mudar de opinião quanto a sua permanência. De início, seu objetivo era o de receber um salário que desse tranquilidade econômica, necessária no período dos estudos. Com o passar do tempo, e com o encanto do resultado da produção, seu objetivo inicial foi adiado.

No ano de 2009, após mais de seis anos de permanência na fábrica, o trabalhador se viu diante de uma proposta de mudança de área e teve a oportunidade de investir seu tempo em um curso universitário na cidade de Dourados (MS). Entretanto, as sombras do lugar em que Kleber frequentou durante o tempo de trabalho, a fábrica, deixaram lembranças de dias bons e ruins:

Eu posso te dizer que o que fascinava o nosso grupo, a princípio, em produzir mais, era o salário. Então, quando a gente fazia as contas daquilo que a gente ia ganhar por aquilo que a gente ia produzir, isso é normal, a equipe se animava, mas no decorrer do período, dentro desse processo, o desgaste falava mais alto. Às vezes a gente não conseguia mesmo, a mão trava, é cansaço, cansaço físico, cansaço mental, cobranças. É isso! [...] Eu vejo que a princípio era positivo, tinha o lado econômico como você falou e pra gente que chega o final do ano, esse período de festa, você quer ter um dinheiro a mais, pra poder fazer uma festa melhor pra família, poder gastar

² Idem. p.01

mais, essas coisas que acontecem no final do ano. Só que por outro lado o cansaço aumentava muito, e de repente aquela expectativa toda que a gente criava envolta do benefício que a gente ia ter, falando de forma econômica, não compensava, pela carga de trabalho que era invertida sobre a gente.³

Segundo as considerações do trabalhador, existia uma aparente liberdade de opção pelo salário. Essa liberdade o levava a decidir a quantia do salário que receberia no final do mês, uma vez que seu ganho poderia variar de acordo como a comissão acrescida ao rendimento base.

Conforme o operário André Almeida⁴, a premiação era oferecida pela superação da meta diária na produção de poltronas. Ou seja, ao alcançar a meta diária, uma meta obrigatória, o trabalhador era incentivado a permanecer na empresa caso tivesse a intenção de superar o valor mensal. Essa permanência era certa diariamente, visto que a meta era sempre atingida no final do expediente. Como a premiação pela produção só era iniciada após o cumprimento do compromisso, os trabalhadores desse setor se sentiam pressionados pela necessidade de diferenciar o salário, como uma oportunidade para aumentar os rendimentos.

Sempre dependente da quantidade de trabalho despendido, que o levava também ao limite do esforço físico, o trabalhador se encontrava em situação de submissão à produção da fábrica. A hora extra, nesse sentido, foi convertida em premiação pela produção. Essa rotina diária era comum, como demonstram os trabalhadores Kleber Mendes, André Almeida e Marcelo Moraes Miranda⁵. Situação essa que denotava não apenas uma oportunidade de melhorar o salário, mas também *status* de comprometimento com o sistema produtivo da empresa.

Segundo Eurenice de Oliveira (2004, p.75), no modelo de produção toyotista o trabalhador é cooptado pela ideia de comprometimento com a empresa. Vestir a camisa, mais que representar uma entrega total a empresa, significa também se mostrar ávido na tentativa de permanência no posto de trabalho. Para isso, as táticas são as mais diversas possíveis, sendo a aceitação da extensão diária do trabalho uma delas.

³ Ibidem. p.03

⁴ André Almeida, montador de estruturas de madeiras na Pelmex, profissão que aprendeu trabalhando na empresa quando começou em 2002, época em que a empresa se instalou no município. Idade trinta e sete anos. Entrevista realizada em sua residência no dia 17 de dezembro de 2010.

⁵ Marcelo Moraes Miranda, 29 anos de idade, montador de estruturas de madeira para estofados e preparador de das mesmas para serem revestidas em couro. Funcionário da fábrica de estofados e colchões Pelmex, desde 2002. Entrevista realizada em sua residência no dia 03 de abril de 2011.

Na fala de André Almeida constata-se que a base de exploração da empresa se remete a autossuficiência do trabalhador. Essa dimensão do trabalho faz com que o trabalhador se responsabilize pelas consequências de seu desempenho no trabalho industrial, elegendo-o como competente ou não para acompanhar as exigências da produção, dentro de um modelo de trabalhador preestabelecido pela empresa. Segundo André:

O salário da gente ele ocorre com a produção. O salário na carteira ele baseia, tá sendo com 900 reais e a gente trabalha sobre o valor das peças das poltronas. Atingindo o valor do dia a gente calcula o salário que a gente vai ganhar por mês. E a produção das poltronas de 2009 a 2010 está sendo bom, está vendendo bem. A Pelmex foi desenvolvendo bem melhor. Como que ela começou até fazer a produção de colchões e temos lá agora a costura de colchões e travesseiros que é vendido. E as poltronas foi as mais antigas da Pelmex, por isso é uma coisa que nunca cai dentro da Pelmex é as poltronas.⁶

O que o trabalhador considera como o salário a partir da produção, o estudioso da Sociologia do Trabalho considera como “Novos processos de trabalho [que] emergem, onde o cronômetro e a produção em série e de massa são ‘substituídas’ pela flexibilização da produção, pela ‘especialização flexível’, por novos padrões de busca de produtividade, por novas formas de adequação da produção” (ANTUNES, 2000, p. 24), e que marca um quadro de desmerecimento do trabalhador, principalmente na atividade diária.

O que é visto como *prêmio* a partir da superação da meta diária de produção, pode ser entendido, também, como uma situação de punição para os que não pretendiam estender a jornada de trabalho. Kleber Mendes ressalta que “[...] por outro lado o cansaço aumentava muito, e de repente aquela expectativa toda que a gente criava envolta do benefício que a gente ia ter, falando de forma econômica, não compensava [...]”⁷. Isso demonstra que mesmo existindo a possibilidade de diferenciar o salário, por meio da produção, nem sempre se consegue atingir com êxito a tarefa de produção da empresa.

Outra questão para se refletir, diz respeito ao Fundo de Garantia de Tempo de Serviço (FGTS), um direito da classe trabalhadora. O FGTS foi criado na década de 1960 para permitir ao trabalhador demitido, sem justa causa, a oportunidade de juntar uma quantia em dinheiro para a resolução de possíveis contratempos financeiros, no momento em que não

⁶Idem. p. 01. O trabalhador considera a poltrona como produção base das atividades da empresa, mas vale dizer que a poltrona foi introduzida com o tempo como salientado no primeiro capítulo da dissertação. O sentido que o trabalhador coloca em evidência é a partir das experiências de produção em Aparecida do Taboado. Dessa forma, ele tem razão em mencionar a poltrona como produto base da empresa.

⁷ Op cit. p. 02

poderá contar mais com o seu salário. Sendo assim, as empresas empregadoras devem depositar, mensalmente, um valor correspondente a 8% da remuneração dos funcionários em uma conta da Caixa Econômica Federal. Segundo informações da Caixa Econômica Federal:

O percentual de 8% do FGTS não é recolhido somente sobre o valor do salário recebido pelo empregado. Incide, também, sobre o valor das horas extras, adicionais de periculosidade e insalubridade, trabalho noturno, 13º salário, valor das férias e sobre o valor do aviso prévio trabalhado ou indenizado.⁸

Para os trabalhadores das *células*⁹, o FGTS não foi depositado considerando a totalidade do salário. Se a empresa não contabiliza as horas excedentes como jornada extra de trabalho, o trabalhador perde o direito ao valor real que receberia com a rescisão do contrato. O mesmo recurso pode limitar a oportunidade de utilizar diversos benefícios oferecidos pelo Governo Federal, como, por exemplo, os programas sociais voltados para habitação.

De acordo com os questionários¹⁰ que foram respondidos por cinquenta trabalhadores e trabalhadoras, mais da metade dessas pessoas ainda não possuem a casa própria. Uma situação que pode ser revertida com o auxílio do FGTS, quando o mesmo pode ser utilizado como forma de pagamento nos programas de habitação.

Como demonstra Marcelo Moraes Miranda:

A produção conta no décimo terceiro, uma porcentagem de produção que você ganha, aí eles pagavam certinho assim, férias também você tinha uma porcentagem da produção, no fundo de garantia não, o fundo de garantia era só o salário da carteira.¹¹

⁸ Informações acessadas no site http://www.caixa.gov.br/voce/fgts/saiba_mais.asp as 20: 45, horário oficial de Mato Grosso do Sul, no dia 18 de abril de 2012.

⁹ De acordo com Eurenice de Oliveira (2004) as células de produção modificaram o trabalho individualizado, repetitivo e não criativo, dando espaço ao trabalho cooperativo, diversificado e criativo. O que caracteriza esse sistema de trabalho é a operacionalização em grupo, de modo a garantir o funcionamento do setor em unidade. Isso permite um melhor controle interno dos trabalhadores, no momento em que a responsabilidade de gerenciamento da célula é designada ao líder, o operário responsável pelo comando da equipe que tem relações mais próximas com a chefia.

¹⁰ Questionários aplicados a fim de aferir dados sobre a situação socioeconômica da classe trabalhadora das três indústrias analisadas.

¹¹ Entrevista realizada na residência de Marcelo Moraes Miranda no dia 03 de abril de 2011. p. 01

Ou seja, mesmo a empresa cumprindo com sua obrigação, que é a de pagar o valor que incide sobre o que Marcelo Miranda e os outros trabalhadores consideram como a produção, no caso da superação da meta o valor extra não é computado para outros fins de direito do trabalhador, apenas para o recebimento imediato. Em outras palavras, quando o funcionário rescindir o contrato não terá direito ao benefício real do FGTS, pois o valor que deveria ser computado no FGTS referente as férias, décimo terceiro, hora extra não é agregado para fins contábeis. Ou seja, é negado a classe trabalhadora o direito de receber um bem seu por direito.

O seguro desemprego é outro benefício que fica comprometido. Como é um benefício que permite uma assistência financeira temporária, sua renda corresponde ao cálculo de uma porcentagem sobre o salário base. Nesse sentido, se a empresa omite o salário dos trabalhadores, não registrando na carteira profissional, esse benefício acaba por não responder ao real direito de cada trabalhador. Com isso a empresa paga menos impostos previdenciários.

Quanto ao assunto da meta a cumprir, podemos perceber algumas situações. Mesmo a meta sendo instituída, segundo Marcelo Miranda, nem sempre era possível o seu cumprimento, pois:

Hoje mesmo lá, eles pedem cem peças por dia. Tipo assim, [dá para fazer] só se for poltrona, se for sofá no meio não faz. Não faz sessenta, ou setenta! Tipo assim, para atingir uma meta dessa de cem, tinha que ter (...) umas peças mais inferior, as poltroninhas. Assim que é o mais fácil de fazer! Aí fazia bem, mas se põem uma coisa de luxo, igual àquelas poltronas reclináveis, aquelas lá já é mais difícil. Tem os populares e tem os de luxo que você deita nele e tudo. Ai já é com ferragem, bem mais difícil. Tipo assim, o horário é das sete as cinco, e se caísse um popular lá e você conseguia fazer as cem peças, ai você ia embora.¹²

O trabalhador se vê diante de um quadro em que a valorização de sua função passa pela prerrogativa do imediato reconhecimento: o salário. Esse sistema de trabalho não visa o estabelecimento de um plano de carreira, mas sim uma relação baseada no imediatismo. Portanto, os trabalhadores são lesados no sentido de que seus direitos de longa data se perdem com as novas políticas trabalhistas.

As circunstâncias apresentadas por Marcelo Miranda, Kleber Mendes e André Almeida permitem problematizar o modo como o sistema de trabalho, baseado na produção, é

¹² Idem. p. 02

colocado para os trabalhadores das *células*. Mesmo com incentivo à produção, com o ganho por cada novo produto produzido após o alcance da meta diária, Marcelo Miranda ressalta que existe uma dificuldade para se produzir as peças de luxo. Por tal motivo, o incentivo a produção pode caracterizar uma forma de manipulação do trabalho, em que o trabalhador é levado a vestir a camisa da empresa e sempre acreditar que é possível realizar a demanda da produção.

Na atual conjuntura, a classe trabalhadora é treinada para lidar com a ideia de instabilidade no emprego, ao contrário da era do aparente pleno emprego do período fordista. Isso leva muitos trabalhadores e trabalhadoras a se sujeitarem as mais diversas condições de trabalho. Nesse sentido, o trabalho em *células*, assim chamadas as equipes de trabalho, pode se caracterizar pela tensão entre os operários em vista da pressão pela produção: “Mas eu vejo assim, como toda empresa existe competição, em nível de líder de célula, sei lá, de encarregado, esse tipo de competição ai existia”¹³. A relação interna, nas *células*, é estabelecida pela produtividade de cada trabalhador. Em outras palavras, o trabalhador vale o quanto produz:

A célula, (...) ali sempre tem o bom e tem o ruim no meio. Ali você tinha que ficar, porque ali era onde você ganhava um pouquinho a mais, aí se você começar a quere ir embora às cinco horas e não quer ficar, aí os caras já querem mandar embora, ou os caras já te queimam, já quer tirar da célula, já quer te rebaixar, aí você tem que ficar forçado.¹⁴

Quando o trabalhador Kleber Mendes foi questionado em entrevista sobre a competição que existe na produção, sobretudo entre as equipes, preferiu não responder. O trabalhador apenas gesticulou e sorriu, deixando que o seu silêncio e os seus gestos o denunciasssem. Foi como se os gestos inibissem a sua própria voz, que ressentia em dizer, e oferecessem sentido ao seu olhar, ao seu leve abrir de lábios. Nesse momento, a mensagem captada quisera dizer: não preciso responder, pois você já sabe a resposta!

Em outro trecho da entrevista, Kleber Mendes ressalta que dentro das *células* se estabelecia uma política de incentivo a produção, e o papel do líder era o de cuidar da conduta desse ambiente de trabalho. Segundo o trabalhador:

¹³ Entrevista realizada na residência de Kleber Mendes no dia 26 de novembro de 2010. p. 02

¹⁴ Entrevista realizada na residência de Marcelo Moraes Miranda no dia 03 de abril de 2011. p. 01

Eu posso falar porque era líder de célula, quando eu saí. Lá a reunião a princípio era responsabilidade do líder de célula. A conduta da célula, a conduta saudável da célula, era responsabilidade do líder. Então, de dialogar entre os membros da célula, fazer reunião, estabelecer meta, até porque a gente já havia estabelecido. Então era como se o líder fosse o porta voz da célula, aquele que tem a função de criar harmonia no ambiente. E aí quando tinha problema de produção, a gente reunia e conversava, de repente procurava saber se era algum problema familiar, isso dentro da célula. Mas havia vezes também que não só a reunião entre a gente acontecia, mas também entre o encarregado, o gerente, é quando era um assunto mais sério.¹⁵

Vale lembrar que a forma de trabalho nas *células* pode se revelar coercitiva. Isso devido a pelos menos dois elementos, a saber: a) o trabalho em grupo e a premiação se configuram em vigilância punitiva; b) a submissão como forma de garantia de estabilidade.

A vigilância punitiva ficava a cabo dos próprios trabalhadores da empresa. Como cada trabalhador desempenhava uma tarefa dentro da *célula*, a poltrona, em sua forma final, pronta e acabada, era resultado do trabalho parcial e individual de cada integrante do grupo, sistema típico do taylorismo/fordismo. Entretanto, isso não eliminava a possibilidade da diversificação de tarefas incentivadas pela empresa, típico do toyotismo, pois cada trabalhador sabia realizar mais de uma função. Dessa forma, o processo de produção era controlado, de momento a momento, de mesa em mesa de trabalho, como uma forma de garantir o respeito ao cronometro. Portanto, exigia-se a vigilância entre colegas de trabalho, tanto pelo líder do grupo, quanto pelo restante da equipe, fato que, ao olhar da chefia, permitia um melhor aproveitamento do tempo diário e da produção. De acordo com André Almeida:

Tem duas células agora, uma tenta fazer mais que a outra, porque uma fazendo mais que a outra o salário é maior. Aí o que acontece, o funcionário tenta sempre obter, trabalhar bem para ter um salário digno, porque para não precisar da empresa e precisar dele mesmo. Porque ele precisando dele mesmo, ele vai atingir o objetivo dele mesmo que é o salário bem maior. Porque uma pessoa trabalhar por um salário mínimo, não tem condições não dá pra viver. Aqui em Aparecida eles costumam pagar nessas fábricas, um salário, um e pouco, 600 reais, 580.¹⁶

¹⁵ Entrevista realizada na residência de Kleber Mendes no dia 26 de novembro de 2010. p. 03

¹⁶ Entrevista realizada na residência de André Almeida, no dia 17 de dezembro de 2010. p. 02

A ideia de vigiar o trabalho parte do controle da produção. Em uma sociedade em que a produção é voltada para o conceito de *Qualidade Total*, como analisa Ricardo Antunes (2000), o ato regulatório que permite o gerenciamento da produção é a satisfação do capital. Para tanto, as prescrições desse sistema de produção se remetem a uma espécie de autogestão do trabalhador. Dessa forma, a responsabilidade total da produção e de suas consequências é dirigida à classe trabalhadora.

André Almeida relata que, mesmo sofrendo com doenças a partir do trabalho na empresa, sua relação é positiva com a produção. O trabalhador simplesmente não questiona, se existe uma relação de seu problema de saúde com o esforço cotidiano de trabalho. De acordo com suas palavras:

[...] entrei na Pelmex em dois mil e dois. Entrei já com experiência na montagem, ganhando um salário de cento e noventa reais naquela época. E no correr dos tempos eu fui aprendendo mais as profissões lá dentro da empresa, fui desenvolvendo uma coisa que era pra mim subir. E foi aí que entrei como tapeceiro, no decorrer dos tempos e fui desenvolvendo muito mais. Hoje nos meus oito anos de Pelmex, hoje eu sou um tapeceiro formado. E como sou líder da célula hoje. Cada pessoa que passa por nós, eu tento ajudar essas pessoas (...). Eu já tive momentos ruins dentro da empresa como assim que eu andei doente, com depressão e vários amigos que eu tive lá. Só que também tive momentos muito bons, porque onde consegui na carreira minha construir uma casa, comprar uma moto pra minha esposa e pra mim também. Então eu acho que a Pelmex é uma das firmas que veio para Aparecida do Taboado pra ajudar eu e muita gente, porque é uma firma muito boa. As pessoas que não dão valor em uma firma, porque eu acho que não quer trabalhar. É verdade ou não? (...). Aprendi com os parceiros meus de célula, que nem o Kleber [Mendes] que foi pra Dourados que a gente tem que ser humilde. A pessoa humilde sempre chega em seu objetivo. E de lá pra cá passaram muitos encarregados e hoje a gente tá com o Adailton, ele veio de Manaus e trabalha na tapeçaria e foi escolhido para trabalhar de encarregado. É uma pessoa excelente, muito boa e tenta ajudar sempre nós.¹⁷

Em seu discurso, a empresa é credenciada como instituição responsável pelos momentos felizes de sua vida pessoal, os quais se relacionam com a melhoria da qualidade de vida, ligada, para o trabalhador, à aquisição de bens duráveis como o veículo e a construção da casa. Seguindo esse raciocínio, se não existe adaptação por parte do trabalhador ao sistema de trabalho e a política da empresa, isso deve ser corrigido pelo próprio trabalhador.

¹⁷ Idem.

Quando o assunto diz respeito a submissão como forma de garantia de estabilidade, pode-se chegar a conclusão de que a fábrica é transformada em uma espécie de ambiente natural, parte que constitui a vida do trabalhador. Nesse sentido, convive-se assim, mais com os colegas de produção do que com a própria família. Isso pode ser percebido em outro trecho da entrevista de Kleber Mendes. Por meio de seu relato, pode-se perceber as artimanhas da empresa para criar uma extensão da casa na fábrica:

No sábado a gente poderia trabalhar mais a vontade, de shorts e camisa regata, só não de chinelo. Era proibido chinelos na empresa, mas você estando de tênis você poderia ir de shorts e camisa regata. Poderia colocar um som pra gente ouvir, era um ambiente mais de descontração.¹⁸

Transformado em ambiente familiar, o trabalho na fábrica, principalmente no horário não formal de trabalho, se torna um momento de descontração, mas jamais de desconcentração. Trabalhar sem uniforme e ouvindo música nos finais de semana, caracteriza um momento externo a rigidez da produção. Isso permitiu, portanto, uma melhor aceitação por parte dos trabalhadores da extensão de mais um dia de trabalho na semana.

Para Norbert Elias (1994, p.45) o prazer e a diversão, aspectos categóricos da vida humana, estão presentes na apropriação de várias atividades de descontração e lazer. É possível entender nos estudos do autor que os indivíduos necessitam de ocupações de lazer, pois a satisfação dessa necessidade biológica, também faz parte do conjunto de imposições no decorrer do processo civilizador.

A prática de lazer e o bem-estar das pessoas, quer como indivíduos ou como sociedade, pode ser encarada, de certa forma, como capacidade de externar imposições do processo civilizador. Para fugir da fadiga do trabalho da fábrica, o momento de práticas de atividades de lazer seria os finais de semana. A fábrica, todavia, se apropria desse momento, resignificando o próprio lazer, colocando-o em segundo plano na vida dos sujeitos.

Ouvir música pode ser considerado, também, como uma prática de lazer. Seria um mecanismo que corresponde à amenização da tensão do trabalho, da rotina. Essa transformação do espaço rígido, de tensão, como o da produção fabril, para um espaço de descontração, de lazer, portanto familiar, caracteriza a forma como a empresa se utiliza da mão de obra. Os trabalhadores do setor de poltronas da empresa são guiados para um universo dominado pela ideia da empresa família, em que o momento lúdico gerado pela música é

¹⁸ Entrevista realizada com Kleber Mendes em sua residência no dia 26 de novembro de 2010. p. 02

resignificado dentro do espaço de trabalho. O trabalho, por assim dizer, se torna uma ferramenta que limita a vida dos sujeitos ao âmbito da fábrica, da produção.

A criação de um clube para os trabalhadores e trabalhadoras, dentro da empresa, pode ser considerado como outro mecanismo que proporciona a apropriação do momento de lazer do funcionário. Esse espaço criado é um ambiente de diversão para satisfazer as necessidades de lazer dos funcionários e funcionárias nos finais de semana, com uma piscina, campo de futebol e a liberação do refeitório para a preparação de alimentos. O lugar foi desenvolvido dentro da empresa, em um espaço ao lado dos galpões da produção, próximo ao setor químico de fabricação de espumas.

Em geral o espaço de lazer da empresa é utilizado pelos trabalhadores e trabalhadoras e suas famílias aos domingos, um dos dias da semana mais tradicionais para as reuniões familiares. Essa situação, em contrapartida, pode limitar a visão crítica a respeito da fábrica por parte das famílias.

O trabalho em excesso, a dura rotina fabril, pode ocasionar sérias consequências aos trabalhadores e trabalhadoras. Nesse sentido, o *stress* muitas vezes acompanha a rotina diária do trabalho, assumindo um papel significativo no avanço de doenças crônicas à saúde da classe trabalhadora, como, por exemplo, o caso da depressão, visto na entrevista de André Almeida.

Em nível mundial o excesso de trabalho, sobretudo no Japão, país onde foi criado e padronizado o modelo de produção toyotista, é caracterizado pelo *Karoshi*, termo atribuído a consequente morte pelo excesso de trabalho. O caso mais famoso de morte por *Karoshi* foi o de Kenichi Uchino, funcionário da Toyota que morreu em 2002 aos 30 anos de idade.

Como as mortes por *Karoshi* são difíceis de serem comprovadas, devido a uma série de fatores, muitas famílias desistem do processo contra as empresas e acabam deixando de lado o direito de indenização. A família de Kenichi Uchino seguiu com o processo judicial durante mais de cinco anos, obtendo o direito a indenização em 2007 pelas horas trabalhadas do funcionário, dentro e fora do horário padrão de serviço.

Segundo estudos de Liliana Guimarães, Ângela Coelho e Dorival Caetano (2004), o que acontece com o caso do *Karoshi* é que nem sempre se consegue identificar o que leva a sua causa, por conta dos sintomas gerais serem parecidos com os do *stress* cotidiano. No entanto, o Ministério da Saúde do Japão está abrangendo os critérios para identificar e classificar o *Karoshi*, para assim poder tomar providências e estabelecer medidas de controle com a intenção de eliminar esse problema. Passou-se a incluir, nos registros de mortes causadas pelo *Karoshi*, os óbitos resultantes de casos gerais de *stress* e fadiga acumulada.

Dentro da *Pelmex* existe um sistema de apropriação do trabalho intelectual, típico do toyotismo, que é a caixa de sugestões. Esse sistema também pode ser considerado como parte do trabalho em excesso, pois induz os sujeitos a substituírem seus momentos de lazer no intuito de procurarem novas maneiras de melhorar a produção da empresa. Nesse lugar, o trabalhador e trabalhadora podem deixar suas dicas para propor inúmeras melhorias. Segundo Marcelo Moraes Miranda, os trabalhadores e trabalhadoras:

Indicavam melhores condições de trabalho e da produção. A Pelmex atende muito isso. Eles procuram facilitar o máximo para ver se desenvolve mais. Nisso ai ela é boa! Lá tem uma caixinha de sugestão, no refeitório. Sugestão de qualquer coisa da empresa, agora antigamente eu não lembro disso não. Pode falar qualquer coisa! Sobre refeição, tudo da empresa. O que o povo cobrava muito lá era a comida, aquele necão lá ele matava.¹⁹

O trabalho pode ser considerado como parte integral da vida da classe trabalhadora, e essa situação faz parte do cenário no qual o sistema de produção toyotista dita as normas para as relações de trabalho. A classe trabalhadora é incentivada a produzir até em momentos em que não está na fábrica, pois a rotina de trabalho não se limita apenas à produção. Dessa forma, as trabalhadoras e trabalhadores são incentivados a melhorar cada vez mais o sistema produtivo.

Para exercer suas atividades nas fábricas, operários e operárias passam por situações constrangedoras como, por exemplo, a relatada por Marcelo a respeito da alimentação oferecida pela empresa. A comida que nutre os corpos, e que permite a reposição da energia gasta no processo de produção, é oferecida por uma empresa terceirizada. O *necão*, o qual o trabalhador se refere, é o empresário responsável pelo preparo dos alimentos para as refeições das pessoas que trabalham na empresa. De acordo com o trabalhador, esse serviço oferecido pela empresa terceirizada não condiz com as necessidades de consumo de quem trabalha, no que diz respeito a qualidade.

As condições impostas para as pessoas que sobrevivem do trabalho nas fábricas de Aparecida do Taboado, são as mais adversas e, por vezes, também as mais degradantes. Presume-se que essa situação não é uma característica apenas do município, mas de um conjunto de ações globalizadas em prol da reprodução do sistema capitalista. No entanto, esse quadro se agrava quando nos deparamos com uma realidade fabril em construção, quando

¹⁹ Entrevista realizada na residência de Marcelo Moraes Miranda no dia 03 de abril de 2011. p. 03

percebemos um ambiente marcado pela mentalidade de que se deve aproveitar todas as possibilidades para a geração de riquezas.

3.3 A classe trabalhadora e a sombra do amanhã: algumas histórias sobre o trabalho na *Dânica Termoindustrial/Brasil*, na NTC e o trabalho feminino

Ao analisar as relações de trabalho na *Dânica Termoindustrial-Brasil*, percebe-se algumas especificidades com relação ao desenvolvimento do trabalho fabril. A partir da realização de três entrevistas, com dois trabalhadores e com uma trabalhadora, e dos questionários aplicados, percebe-se algumas características semelhantes às enunciadas pelos trabalhadores da empresa *Pelmex*, em se tratando do contexto toyotista que dita normas para as relações de trabalho. Entretanto, o que chama atenção nessa análise é o fato de que essa empresa se utiliza do trabalho feminino do mesmo modo que se utiliza do masculino. Ou seja, homem e mulher desenvolvem as mesmas atividades na linha de produção, dividindo o espaço que por muito tempo foi, arbitrariamente, valorizado como espaço de trabalho do homem.

Segundo Luis Henrique Souza²⁰, “Lá funciona tipo assim! Tem uma ordem de produção e você tem que pintar duas mil peças por dia e você tem que cumprir essa ordem de produção. Essa é a meta de produção e cada setor tem sua meta de produção, e você tem que cumprir dentro do horário”. Essa meta, segundo o trabalhador, deveria ser cumprida mesmo que o período fosse estendido em forma de hora extra, ou mesmo no dia seguinte. O trabalhador salienta os pontos positivos e negativos do trabalho na empresa:

Eu já trabalhei na V2. Trabalhei um ano e sete meses, quando eu tinha dezesseis anos. [...] ai fui mandado embora. Sai dia sete e dia nove comecei na Dânica. Aspectos positivos da Dânica é que lá a hora extra vem no holerite e tudo que é bom para o trabalhador, por exemplo, pegar o FGTS (...). Também tem outros pontos positivos que é uma empresa, também, que procura mais gente escolarizada. Não é como as outras empresas que o cara não estuda e é melhor para eles que depende mais deles. A empresa igual a Dânica quer mais gente estudada. [...] as máquinas são mais modernas e

²⁰ Luis Henrique Souza, 20 anos de idade, trabalhador do setor metalúrgico da empresa. Funcionário responsável pela pintura das portas para câmaras frias, que são produzidas no município. Entrevista realizada em sua residência no dia 16 de dezembro de 2010.

precisa ter um certo grau, senão, não sabe mexer. Aspectos negativos da empresa é que toda empresa tem suas panelinhas, entendeu? Então não adianta o cara ter escolaridade que não vai subir, porque tem que ser da panelinha. Tem esse grau de dificuldade. [...] por exemplo, teve uma vez, uma entrevista para controle de qualidade e todo mundo fez o currículo, mas mesmo assim chamaram uma pessoa de fora que nem tinha o currículo e nem tinha o requisito para passar. Então em uma empresa dessa, talvez o dono não saiba, mas a panelinha do escritório faz com que o jogo da amizade [passe a] pegar. Então o mérito não é pelas pessoas.²¹

No caso desse trabalhador, sua atividade está relacionada à pintura, uma especialidade que desenvolveu a partir do contato com o sistema produtivo da fábrica. Antes dessa experiência, o trabalhador afirma que conhecia apenas o setor de confecção de roupas, quando trabalhou na empresa *V2 Confecções Ltda.*

Podemos perceber por meio da entrevista um ambiente de tensão em que a arte de se sobressair está ligada a conchavos e alianças estabelecidas dentro da empresa. Neste sentido, em outro momento de sua entrevista, o trabalhador menciona ter uma visão mais pragmática a respeito de sua função na empresa. Visão essa que abandona o sonho de um plano de carreira, expectativa que possuía antes de iniciar suas atividades na empresa. Nas palavras de Luis Henrique Souza:

(...) quando eu entrei nessa empresa eu pensei quero ficar aqui e subir, né? Mas agora meu ponto de vista mudou! Porque quando uma empresa vem de outra cidade para instalar uma filial aqui e vem com seu grupo de panelinha (...) você pode subir de cargo, mas chega um ponto que você não vai subir mais dentro da empresa então aí fica restrito mesmo. Aí você pega sua expectativa e tenta seguir um outro rumo (...). E esse rumo seria terminar minha faculdade e tentar entrar mais na área do direito mesmo, que eu estava tentando ser o advogado da empresa, mas vi que esse aspecto não ia ser positivo mesmo.²²

As características das relações de trabalho, salientadas pelo trabalhador, demonstram uma estreita semelhança com a organização do trabalho dentro do sistema toyotista de produção. Nesse sentido, os interesses e relações interpessoais no ambiente da fábrica, afirmam uma política de separação entre grupos, cuja ligação se faz a partir de interesses individuais e não os de classe. Segundo a visão do trabalhador, a maneira mais apropriada

²¹ Idem, p.01

²² Ibidem. 01

para conseguir conquistar reconhecimento dentro da empresa é a de se sujeitar a competição entre eles. Em outras palavras, o comportamento dos trabalhadores e trabalhadoras desse setor é o esperado pelo sistema capitalista. Assim, esse sistema condiciona a vida humana as suas ordens, e muitos sujeitos consideram a competição existente natural. No entanto, a competição demonstra o lado sombrio das relações humanas. Para ela acontecer, deve se ter em mente que existe a necessidade de combater o oponente, que no caso é o colega da linha de produção.

O trabalhador Luis Henrique Souza analisa a situação dos conchavos e alianças, chegando à conclusão de que “Você rala e o cara que rala junto com você é colega do [chefe] de bar, toma uma cervejinha junto com o [chefe], faz churrasquinho, chama o encarregado. Então essa estratégia faz você subir mais na empresa do que você ralar”²³.

Em outra entrevista, realizada com uma trabalhadora da mesma empresa, Evelin Vanderlan, é possível notar também como se estrutura a relação entre funcionários no ambiente de trabalho. Segundo a trabalhadora:

Pra mim ali está bom, ou às vezes não está bom, mas as pessoas, às vezes, do lado de lá olha: aquela ali esta dobrando porta. Ela chegou ali logo para aquela máquina. Eu estou aqui já faz um ano e nunca fui pra essa máquina e eu queria ir para essa máquina. Você entendeu? Então, fica esse joguinho. Aí um vai lá e fala pro outro.²⁴

A ideia da conquista por mais espaços dentro da fábrica, está baseada em um jogo com regras incertas, sobretudo sem limites. A filosofia de produção adotada pela empresa é capaz de moldar os sujeitos para se portarem conforme as prescrições do capital. Nesse sentido, a inclinação de uma vida dotada de sentido apenas para o trabalho, cria um ambiente de relações tensas.

Leonan Michel Shibata da Silva²⁵ passou por dificuldades parecidas como as enunciadas por Luis Henrique Souza. Entretanto, o trabalhador possuía algumas ferramentas que permitiam a fuga da exploração do ritmo de trabalho intenso, bem como dos momentos

²³ Ibidem. p. 2

²⁴ Evelin Vanderlan. Entrevista realizada em sua residência no dia 13 de janeiro de 2011. Trabalhadora com idade de 34 anos, faz parte do quadro de funcionários da metalúrgica *Dânica Termoindustrial Brasil Ltda*, atuando como ajudante geral.

²⁵ Leonan Shibata da Silva, idade 22 anos. Entrevista realizada em sua residência no dia 29 de janeiro de 2011. Trabalhador que fez parte do quadro de funcionários da metalúrgica *Dânica Termoindustrial Brasil Ltda*, atuando como ajudante geral, no ano de 2010.

de tensão nas relações de trabalho, “[...] pois como dizem no dito popular lá dentro: ‘minha parte eu faço’ e a empresa que se foda [...] Muitas vezes apenas cumpríamos horário.” Todavia, “[...] nós também dávamos o sangue e nas horas em que não havia muito a fazer, disputamos quem batia o record de quem no Pinball 3D Space Cadet do computador da sala química. Risos!”²⁶

Em outro momento da entrevista Luis Henrique Souza salienta que a adaptação da empresa, uma multinacional como a *Dânica*, aconteceu de forma complexa à realidade do município:

No começo, muita gente era desanimado com a Dânica. Que era um salário baixo, então muita gente era desanimada. E tinha muita hora extra, excessiva. A fábrica estava começando ainda, aí muita gente não queria ficar e muita gente foi mandada embora, muita gente ia almoçar e não voltava. Então isso gerou um caos na empresa e a empresa criou algumas normas para ver se diminuía, que até deu o vale cesta para quem não faltasse e nem levasse atestado. (...) aumentou o salário e criou tipo um sistema que a cada seis meses a pessoa não tiver nenhuma falta, não faltar nenhuma coisa, eles aumentavam o salário a cada três meses. Ia aumentando o salário. (...) Isso aí que eles criou, o sistema para acabar com a desilusão. A hora extra minimizaram. Agora muitas pessoas fazem para aumentar o salário, mas muitas vezes (...) o patrão... tipo obriga a pessoa a fazer.²⁷

De acordo com Luis Henrique, existiram diversos conflitos entre a indústria e os trabalhadores, desde o início de sua instalação. Isso levou muitos sujeitos a procurarem alternativas, no intuito de demonstrarem suas insatisfações a respeito da forma como o trabalho era realizado. Segundo o relato, as primeiras iniciativas mais utilizadas pelos trabalhadores, para demonstrarem suas insatisfações, foi a falta ao serviço. Dessa forma, diversos trabalhadores faltavam ao serviço amparados pela possibilidade de usufruírem do abono a falta, proporcionado pela apresentação do atestado médico. Em geral, conseguiam esse documento no pronto socorro do município sob a alegação de um possível problema de saúde, o que em tese justificaria os dias de ausência na empresa.

Para inibir essa prática, a princípio, a empresa ofereceu uma premiação para os funcionários e funcionárias que não faltassem ao serviço e nem apresentasse atestado. O não

²⁶ Idem. p. 02

²⁷ Entrevista realizada com Luis Henrique Souza em sua residência no dia 16 de dezembro de 2010. p.02

recebimento da premiação, a cesta de alimentos, era uma forma de punição pela desobediência às exigências do trabalho e às normas da empresa.

Outra tentativa de coibir a prática de apresentação de atestado médico, essa mais eficaz, foi uma ação em conjunto entre os industriais e o poder público. Nesse caso, o setor público proibiu a emissão do documento no pronto socorro do município, o lugar mais procurado devido ao atendimento de emergência e pela não necessidade de uma bateria de exames específicos.

O setor público, desde o início da industrialização, vem oferecendo todo apoio aos empresários com a intenção de que se concretize a instalação das indústrias, como dito em capítulo anterior. Pelo que se percebe, a proibição da emissão do atestado médico no pronto atendimento não está embasado em um exercício legal do poder administrativo, e faz parte da política de apoio aos empresários. De acordo com o atual presidente da câmara municipal do município, Mauro Sampaio de Souza²⁸, não existe nenhuma razão jurídica que determina a proibição de emissão do documento no pronto socorro, sobretudo aprovada em plenário. Ou seja, não é uma prática embasada em lei, decreto ou resolução criada para esse fim. A administração do município, referente ao período de 2009/2012, apenas instituiu como norma a não emissão do documento, colocando um aviso em papel A4 com o texto dizendo: “Atenção, o pronto socorro não fornece atestado médico. A direção”. Nesse sentido, os dois setores, o público e o privado, se uniram para inibir a alternativa utilizada por muitos trabalhadores e trabalhadoras.

Luis Henrique Souza salienta ainda que é comum muitos trabalhadores e trabalhadoras usarem uma outra alternativa, na tentativa de demonstrarem a insatisfação. É a da rescisão do contrato para o recebimento do seguro desemprego. Segundo sua visão, muitas pessoas utilizam a alternativa de serem demitidas dos postos de trabalho para fugirem do fatigante esforço fabril, por conta do não reconhecimento dentro do trabalho. A garantia do seguro desemprego por um tempo – geralmente referente ao número de meses trabalhados, com no máximo cinco meses de benefício –, encoraja os trabalhadores a essa prática. Para pensar nessa questão, Luis Henrique Souza nos mostra como é trabalhar em uma fábrica:

Porque é um trabalho que você vai ver como é que funciona, por exemplo, dentro das empresas. (...) Eu comecei a trabalhar com dezesseis anos na empresa V2, aí eu vi que toda empresa tem o seu setor dividido individual. Por exemplo, trabalhava em uma loja de roupas, lá chegava os tecidos e

²⁸ Mauro Sampaio de Souza, vereador presidente do poder legislativo municipal, período de 2011/2012. Pergunta realizada em sua residência as 13:00 horas do dia 13 de janeiro de 2012. p. 01

colocava os tecidos em uma mesa, colocava a matriz e cortava aqueles panos que dava um modelo em uma peça. Então, tipo uma estrutura de organização lá que vai formar, por exemplo, a gerência da empresa, o RH e aí vai ter os líderes, os supervisores e os subalternos, que são os operários que vão trabalhar. O supervisor passa a ordem para o líder e o líder passa a ordem para os empregados que vai fiscalizar supervisionar se está saindo correto. (...) você entra nas empresas, e a cada seis meses você vai aumentando [de cargo] pelo incentivo para a pessoa não ficar revoltada, mas você não tem como, [se] os graus estiverem tudo preenchidos. Então muita gente nova fica revoltada e logo (...) é mandado embora e fica os meses no seguro desemprego e fica nessa rotina, sujando a carteira de trabalho de empresa em empresa. E é esse trem aí que eu aprendi das empresas, que ele tinham que criar um outro sistema. Chega a um ponto que não sobe mais e estressa com o serviço e [o trabalhador arruma uma maneira de ser] mandado embora, aí [a fábrica] manda e fica recebendo.²⁹

Para Luis Henrique Souza, o que é revoltante é a forma como os trabalhadores e trabalhadoras são iludidos pelas empresas diante das promessas de progressão não cumpridas. De acordo com Ricardo Antunes, em palestra proferida no ano de 2010 na cidade de Três Lagoas (MS), as relações de trabalho dentro do sistema toyotista de produção dão forma para uma sociedade cujo foco é o desmerecimento do trabalho humano, e a supervalorização do capital. Com isso, grande parte das empresas, principalmente a partir das décadas finais do século XX, se organizou tendo como princípio uma política de exclusão dos sujeitos considerados incapazes de acompanhar a evolução da produção. O exemplo que o trabalhador nos oferece é importante para se pensar nas consequências desse modelo de trabalho, um modelo imposto para a classe a partir do contexto de esfacelamentos de muitos direitos trabalhistas.

Quando o trabalhador diz que: “Chega a um ponto que não sobe mais e estressa com o serviço e [o trabalhador arruma uma maneira de ser] mandado embora, aí [a fábrica] manda e fica recebendo”³⁰, percebemos que existe uma manipulação da empresa com relação as condições de trabalho, sobretudo quanto ao reconhecimento. De acordo com Luis Henrique, grande parte dos trabalhadores, dos quais relata em sua fala, criaram expectativas diante das possibilidades de trabalho na empresa, e essas expectativas foram frustradas a partir do momento em que passaram a conhecer de fato a política da empresa.

²⁹ Luis Henrique Souza, 20 anos de idade, trabalhador do setor metalúrgico da empresa. Funcionário responsável pela pintura das portas para câmaras frias, que são produzidas no município. Entrevista realizada em sua residência no dia 16 de dezembro de 2010. p. 03-04

³⁰ Idem.

O mundo do trabalho fabril é extremamente contraditório, pois diante do ato de vestir a camisa da empresa, buscar maior qualificação profissional, adquirir conhecimentos técnicos na área, as pessoas também necessitam aprender a conviver com a ideia do provisório, da instabilidade. Nesse sentido, o trabalho fabril mostra sua face perversa.

Se por um lado os trabalhadores se utilizam da demissão e também de outros mecanismos para mostrarem a indignação, por outro, existe caso das trabalhadoras que nem sempre conseguem o mesmo feito, por diferentes motivos. Um deles está baseado em uma leitura positivista da história social da humanidade, que traz a “ordem e progresso” – lemas, sobretudo, nacionais –, como elementos essenciais e inquestionáveis. Portanto, o controle dos valores femininos é determinado pela sociedade masculina. É o que nos mostra o trabalhador em sua argumentação sobre um dos motivos da falta de união entre a classe trabalhadora no município. De acordo com Luis Henrique:

Aí depois, por exemplo, é uma pessoa que não busca o conhecimento, (...) engravida e é obrigada a trabalhar na firma. Já tem a visão diferente, já começa a trabalhar e acomoda com esse sistema. Não se une, não busca informação para melhorar, assim nessa cidade. Aí fica naquela classe, dos brasileiros (...) revoltados.³¹

No caso da mulher, que muitas vezes é dona de casa, mãe e trabalhadora, a situação se complica pelo fato de que sua posição na sociedade está calcada na preservação de valores sociais impostos, os quais ratificam sua personalidade como sinônimo de submissão. Ou seja, diferente dos trabalhadores citados no relato de Luis Henrique, muitas trabalhadoras aceitam as condições impostas em diversas empresas do município, principalmente a partir do peso social gerado pela responsabilidade de uma gravidez.

Para Evelin Vanderlan³² a questão da preferência por mulheres que tenham filhos, para o trabalho na *Dânica*, ou por mulheres casadas, também está calcada na ideia de que a responsabilidade advém do compromisso que se tem ao cuidar da criança, ou pelo fato do compromisso matrimonial. Para a trabalhadora:

³¹ Ibidem.

³² Evelin Vanderlan. Entrevista realizada em sua residência no dia 13 de janeiro de 2011. Trabalhadora com idade 34 anos, faz parte do quadro de funcionários da metalúrgica *Dânica Termointustrial Brasil Ltda*, atuando como ajudante geral.

[Os trabalhadores] são meninos novos, entre 18 e 26 anos. (...) eles não tem muita preocupação com a vida. Então é onde [a empresa] está querendo mulheres maduras. A empresa também não quer meninas de 18 a 26 anos, de 26 anos tudo bem, mas que tenha maridos e responsabilidade. Sabe, porque eles falam que a mulher só falta mesmo por necessidade. Eles pensam assim, mas não é assim porque tem muita mulher também que não gosta de trabalhar, estão trabalhando forçadas. (...) O meninos falam as coisas pra mim, eu dou risada, às vezes eu fico triste, vou no banheiro, engulo e bebo uma água. Porque se eu for bater de frente eu vou perder toda a minha razão, porque eles vão falar: – não vai dar conta mesmo! (...) Eles vão crescer mais e aí vai virar aquela confusão. Como eu sou novata: olho da rua!³³

Quando Luis Henrique diz que após a gravidez muitas mulheres acabam se acostumando com o sistema de exploração da empresa e, nesse caso, se acomodam, o trabalhador questiona que a força da situação pode limitar a visão de vários sujeitos. E essa limitação é proposital por parte do sistema capitalista, sobretudo no que diz respeito ao trabalho feminino.

Mesmo a postura do capital sendo agressiva, quanto ao trabalho feminino, Evelin Vanderlan considera que nem sempre as mulheres contemplam as expectativas da empresa, com relação às faltas no trabalho.

As trabalhadoras Evelin e Neuza³⁴ estão na faixa etária dos 35 anos, já Cibele³⁵ tem 25 anos de idade. As três fazem parte do quadro de profissional da empresa, e se encontram no perfil de contratação da empresa considerado adequado, principalmente no quesito que diz respeito ao nível de responsabilidade.

O trabalho feminino na *Dânica Termoindustrial* se destaca pela não divisão sexual por tarefas. Ou seja, homem e mulher dividem o mesmo espaço dentro do sistema produtivo, exercendo as mesmas atividades.

Ao analisar as relações de trabalho na empresa *Pelmex*, percebe-se que as mulheres desenvolvem atividades relacionadas à costura das capas de sofás, enchimentos de almofadas com plumas, corte de tecidos e peças de couros. Serviços essenciais para a produção das

³³ Idem. p. 05-06

³⁴ Neuza Aparecida de Souza. Entrevista realizada no portão da empresa no dia 20 de janeiro de 2011. Trabalhadora com idade 35 anos, faz parte do quadro de funcionários da metalúrgica *Dânica Termoindustrial Brasil Ltda*, atuando como ajudante geral.

³⁵ Cibele da Silva Aguiar. Entrevista realizada no portão da empresa no dia 21 de janeiro de 2011. Trabalhadora com idade 25 anos, faz parte do quadro de funcionários da metalúrgica *Dânica Termoindustrial Brasil Ltda*, atuando como ajudante geral.

poltronas, mas ainda assim ligados ao que pode ser considerado, pela imposição da sociedade, como universo feminino.

Na empresa NTC, como o trabalho é considerado ameno, dos 70 empregados mais da metade é composta de mulheres. Ou seja, ainda existe uma possível divisão sexual do trabalho, pois as atividades dentro dessa empresa não são consideradas para homens, como se constatou pelas entrevistas.

As mulheres na *Dânica*, iniciaram recentemente na planta produtiva, em 2010 especificamente, como revela a entrevista realizada com uma trabalhadora. Na época em que a entrevista foi realizada apenas três trabalhadoras compunham o quadro da linha de produção, dividindo o mesmo espaço com os homens no sistema produtivo.

Desde a década de 1990 a sociedade presenciou inúmeras formas de subproletarização e o avanço do trabalho feminino é um dos elementos que compõe esse cenário. A crescente diversificação da classe trabalhadora, em setores principalmente dominados pela presença masculina, exigiu uma explicação mais complexa sobre as relações de trabalho. Do “incremento da força de trabalho, um contingente expressivo é composto por mulheres, o que caracteriza outro traço marcante das transformações em curso no interior da classe trabalhadora”. (ANTUNES, 2000, p. 53)

Em concordância com Ricardo Antunes, Cleusa Aparecida da Silva, pesquisadora e coordenadora administrativa da casa Laudelina de Campos – Organização de Mulheres Negras –, levanta questionamento acerca do aumento expressivo do trabalho feminino em escala mundial, suprimindo, principalmente, o espaço do trabalho precarizado, subcontratado e terceirizado. (SILVA, 2008, p. 22)

A metamorfose no mundo do trabalho permitiu que a sociedade presenciasse a dupla função da mulher na sociedade do capital: o trabalho no âmbito público, da fábrica, do setor de serviços; e o trabalho no âmbito privado, tendo como princípio a tarefa de reprodução familiar. Dessa forma, esse é o cenário no qual a mulher operária está inserida. Marcado pela desvalorização do sexo feminino, de modo geral, e dentro das relações de produção.

A análise que segue não se trata, portanto, de uma abordagem de gênero. Gênero é uma categoria de análise ampla, segundo Joan Scott (1994, p. 25), bem como socialmente construída: pensado e articulado de acordo com as necessidades dos sujeitos. Trata-se, aqui, de analisar a dimensão do gênero feminino e sua importância no sistema produtivo capitalista.

Como o trabalho feminino, restrito ao âmbito doméstico, segundo alguns estudos de gênero, não foi considerado por muito tempo como produtor de valor, Joan Scott (1994) e Heleith Saffiot (2004), chamaram a atenção quanto a esse assunto. Apontaram críticas com

relação à dominação masculina na sociedade, levando em consideração a constante desqualificação do trabalho feminino no âmbito privado, transferido, como consequência, para o âmbito público.

A partir dos estudos das autoras, entende-se que o trabalho doméstico, na sociedade do capital, não contribui com a representação social de trabalho que advém da criação da mais valia, do sobretrabalho. Ou seja, não foi caracterizado como produtor de salário e lucro, de mais valia, portanto, sem exercer sua devida função na sociedade capitalista. Nesse sentido, condicionada ao menor valor, por relativo desmerecimento em vista da ideia da criação de uma quantidade menor de mais valia, a força de trabalho feminino é constantemente avaliada a baixo do valor de mercado.

Por muito tempo, o tema relacionado ao modo como ocorria a reprodução da força de trabalho masculina, responsável pela manutenção da ordem do trabalho alienado, não foi alvo de análises. Sabe-se que o trabalhador necessita de uma estrutura familiar, a qual permita sua inserção no mercado de trabalho. Contudo, pouco se discutiu sobre o trabalho feminino doméstico como produtor de mais valia, uma vez que este trabalho foi responsável pela produção dos meios necessários ao trabalhador desempenhar suas funções nas fábricas.

A teoria que mais se valeu das análises sobre o processo de trabalho, a marxista, pouco discutiu a atuação da mulher na sociedade do trabalho, tanto em sua dimensão produtora de mais valia, do trabalho assalariado, portanto, alienado, quanto em relação a sua condição de mediadora da criação da mais valia no trabalho humano.

Com o advento dos estudos de gênero, especialmente com os estudos de Joan Scott (1992), Heleieth Saffioti (2004), Michelle Perrot (2005), entres outros, pode-se perceber como foi relegado ao trabalho doméstico o caráter de essencialidade.

Os estudos marxistas contemporâneos que consideram a importância da mulher no processo produtivo, não têm por objetivo saldar dívidas anteriores. A tentativa tem sido de demonstrar que muitas análises foram importantes em suas abordagens, mas com o cuidado de não levar a uma postura de desqualificação das abordagens desenvolvidas pelos estudos anteriores, pois tiveram sua relevância e pertencem a um momento histórico.

Ernest Mandel (2001) contribuiu para se pensar na possibilidade de entender o trabalho familiar como produtor de valor. O autor entende que o trabalho feminino doméstico, inserido na ordem da produção de mercadorias, seria considerado como trabalho alienado. Portanto, descarta a possibilidade de qualificar o trabalho doméstico como produtor de mais valia, sobretudo pelo fato de, ironicamente, essa contabilização não fazer parte da promoção do trabalho assalariado.

Mesmo o trabalho feminino doméstico contribuindo para a possibilidade de criar mercadorias, no caso as produzidas pelo operário, seria complexo assimilar a reprodução vital – como o trabalho familiar – com a produção de mercadorias.

Essa discussão é permeada pela dificuldade em desmembrar o trabalho de seu caráter vital e vinculá-lo ao trabalho alienado, uma vez que a reprodução da vida do trabalhador e de sua família seria encarada como mercadoria apenas. Como se percebe o tema é mais complexo e necessita de um estudo mais detalhado. Nesse sentido, Ernest Mandel considera que:

O trabalho doméstico das mulheres contribui para a reprodução da força de trabalho, de geração em geração, de refeição em refeição, de doença em doença, etc., mas como ele não produz mercadorias, ele não entra na contabilização das quantidades de trabalho dispendidas para a produção mercantil no seio de uma economia de mercado. Contabilidade que Marx estuda e explica, sem evidentemente aprová-la ou identificá-la com ela. (MANDEL, 2001, p. 42)

O autor chama atenção para a limitação de se pensar o trabalho doméstico como produtor de valor e lucro. Embora uma das críticas feministas ao marxismo fosse relativa ao trabalho doméstico, não considerado como produtor de mais valia, o autor salienta a importância de se pensar no trabalho no âmbito familiar, considerando que as questões sobre o assunto são mais complexas. Ernest Mandel vai ao encontro do entendimento das feministas, contudo, tentando não estender a análise para o trabalho no âmbito familiar como sistema de criação de mercadorias.

Sua defesa da análise marxista segue na contracorrente dos estudos feministas. Concorda com as críticas feministas que questionaram a desconsideração da função da reprodução familiar e o papel da mulher nesse sentido, mas busca evidenciar o papel dos resultados obtidos pelos estudos de Marx (2006) a respeito da teoria sobre o valor do *Trabalho Assalariado e Capital & Salário, Preço e Lucro*.

Como demonstram os autores Eric Hobsbawm (2000), Ernest Mandel (2001), Ricardo Antunes (2000), dentre outros, muitos estudos foram realizados no âmbito do trabalho fabril, tendo como preocupação a extensão do trabalho masculino ao feminino. A separação e uma possível mutilação do papel da mulher no processo produtivo, fizeram com que muitos estudiosos realizassem as análises a partir do contingente maciço de trabalhadores. Analisar o homem e a mulher enquanto sujeitos, pertencentes ao mesmo grupo, e com a

mesma importância, se mostra necessário para a compreensão das relações de classe como um todo.

As breves considerações desses três estudiosos sobre o trabalho feminino se mostram de acordo com os pressupostos levantados nesta pesquisa, sobretudo pelo fato de contribuírem com a possibilidade de se pensar a emancipação do trabalho alienado, em especial no caráter do gênero humano.

Eric Hobsbawm, em seu livro *Mundos do Trabalho* (2000), salienta que por muito tempo se deixou de analisar as mulheres na História. O estudo sobre as mulheres ficou restrito a apenas um complemento do entendimento das relações humanas, uma forma quase que padronizada de explicação da realidade histórica: “As mulheres frequentemente salientaram que os historiadores do sexo masculino no passado, inclusive os marxistas, ignoraram grosseiramente a metade feminina da raça humana. A crítica é justa; este escritor aceita que se aplique à sua própria obra” (HOBSBAWM, 2000, p.123). Considera ainda que, “se esta deficiência deve ser corrigida, não poderá ser simplesmente pelo desenvolvimento de um ramo especializado da História que lide exclusivamente com as mulheres, porque na sociedade humana os dois sexos são inseparáveis”. (p. 123)

De fato, as considerações como as de Eric Hobsbawm, nos fazem rever vários critérios e categorias que utilizamos para construir sentido a um determinado assunto. O autor adverte que é preciso não sair de um extremo a outro, visto que os estudos de gênero e feministas, voltados apenas para explicar a realidade social da mulher, podem vir a reproduzir o que tanto criticou nas abordagens dos historiadores marxistas.

Para Ernest Mandel é preciso entender *O lugar do Marxismo na História*, sabendo que:

Marx e Engels eram sem dúvida produto de sua época. Eles não podiam superar completamente todos os limites subjetivos, determinados por experiências ainda muito fragmentárias da emancipação proletária e humana. Eles não eram infalíveis. Eles não podiam compreender tudo, explicar tudo, prever tudo, mas incontestavelmente compreenderam, explicaram, e previram o essencial. Eles tinham suas falhas. (MANDEL, 2001, p. 84)

Portanto, para se entender o marxismo, é necessário situá-lo em seu contexto histórico. Mais que um produto de sua época, ele foi capaz de definir os anseios de sujeitos preocupados com a emergência de uma sociedade industrial. Sua natureza econômica e social,

seus interesses e pretensões, nos permitem aplicar a própria interpretação da teoria materialista da história ao marxismo.

Segundo Ernest Mandel (2001, p. 84), considerar o aparecimento do marxismo como natural não seria suficiente para entender a complexidade de toda a sua teoria. As discussões sobre a insuficiência do marxismo se valeram, justamente, dos assuntos que a teoria não se ateve, como a questão do trabalho feminino. Contudo, é necessário compreender que “os homens se parecem mais com sua época do que com os seus pais.” (BLOCH, 2001, p. 07)

Para Ricardo Antunes (2000, p. 27), quando o assunto diz respeito ao marxismo, e o lugar da mulher no processo produtivo, é preciso ter em mente a variação do processo de trabalho que vem se modificando desde a década de 1980. As metamorfoses no mundo do trabalho geraram uma complexa relação entre os trabalhadores e trabalhadoras e os novos processos de trabalho. Nesse ambiente, a mulher ganhou mais espaço dentro das fábricas, ou se sentiu mais a sua presença, pois ela já fazia parte desde a revolução industrial. A sua presença que foi quase despercebida, a partir da década de 1990 passou a ser uma realidade consolidada. Entender esse universo faz parte dos novos desafios lançados, uma tentativa de redefinir alguns conceitos e abordagens para a historiografia.

O papel dos estudos de gênero foi o de criticar a sociedade estabelecida a partir da dominação masculina, tendo o apoio do contexto das últimas décadas do século XX, quando se levantou relevantes críticas ao marxismo.

Ao ter em mente o papel da mulher na sociedade capitalista é preciso esboçar uma análise sobre o sistema patriarcal que se constituiu como dominação masculina. O falocentrismo³⁶ se firmou como sinônimo do poder masculino, sendo manifestado com naturalidade em uma espécie de relação intrincada entre a percepção de mundo do sexo masculino e a violência simbólica para com o sexo feminino (BOURDIEU, 1989, p.111). A reprodução do patriarcado, nesse sentido, não ficou restrita apenas a atuação masculina de forma preponderante. Manifestou-se também pelas mulheres em determinadas situações, legitimando a dominação masculina, relegando as relações sociais ao caráter biológico, como justificativa das imposições culturais e sociais. Tal imposição é característica de uma sociedade idealizada a partir de uma percepção de mundo baseada no homem branco, heterossexual e europeu.

³⁶ Atitude segundo a qual o falo constitui o valor significativo fundamental, marca da dominação masculina na sociedade. O falo aqui representa a sociedade patriarcal, que busca a dominação da mulher com base no discurso de inferioridade do sexo feminino em relação ao masculino.

A representação idealizada da sociedade tem por finalidade a manutenção de uma ordem positivista, pois o sistema patriarcal brasileiro se constituiu com bases em um sistema autoritário. Portanto, a composição social do país, segundo Marilena Chauí, se faz mediante o autoritarismo de uma oligarquia politicamente autoritária, economicamente oligárquica e culturalmente elitista (2000, p. 35). Nesses termos, o sistema patriarcal serviu de modelo para as políticas desenvolvidas contra os grupos menos favorecidos, como: negros, indígenas, mulheres, homossexuais.

A dominação masculina não permitiu ao trabalho feminino, no âmbito fabril, a mesma representação social do trabalho masculino. Essa separação se fez mediante a tradição do desenvolvimento das tarefas laborativas fora do âmbito familiar, sempre destinadas ao homem, desenvolvidas pelas mulheres em caso de exceção. Segundo Eric Hobsbawm, a responsabilidade de deixar o lar e buscar o sustento familiar foi incumbência designada pela sociedade ao homem (2000, p. 135). Caso ocorresse o imprevisto de a mulher ter que arcar com essa tarefa, seu trabalho, na maioria das vezes, valeria como complemento de renda, mesmo que sua força de trabalho fosse igual à despendida pelo homem.

Os questionamentos que envolvem análises sobre a importância da mulher na sociedade do capital, tiveram a preocupação de levantar discussões acerca da função do sexo feminino no desenvolvimento das relações sociais. Não se tratou, por exemplo, de mostrar apenas o papel da mulher na sociedade do trabalho, fazendo uma história do trabalho feminino. Buscou-se, portanto, um entendimento sobre a importância do trabalho feminino, tal qual o do sexo masculino.

A entrevista realizada com a trabalhadora da empresa *Dânica Termointustrial*, no dia 13 de janeiro de 2011, demonstra um panorama complexo da atuação feminina no trabalho fabril. Evelin Vanderlan, relata as dificuldades de se trabalhar em uma fábrica, tanto para a mulher como para o homem, constatando um grau acentuado de dificuldades para a mulher. Indiferentemente, mulher e homem são tratados enquanto classe trabalhadora, não sendo livres de espoliações e problemas relacionados ao trabalho assalariado. No entanto, no caso da mulher, além do trabalho da fábrica existe o trabalho familiar.

Segundo a trabalhadora, a empresa usa de todos os mecanismos para cooptar a classe, na medida em que responsabiliza os trabalhadores e trabalhadoras pela permanência nos postos de trabalho. A empresa segue o modelo de trabalho baseado no sucesso individual, no qual o melhor funcionário é premiado com uma gratificação acrescida ao valor do salário. Essa premiação tem como fundamento o desempenho e o comprometimento com o trabalho

na fábrica. Assim, a premiação seria o aumento de salário a cada três meses de trabalho, como expressão de um bom desempenho do funcionário.

Como nos mostra a entrevista com a trabalhadora, nem todos aceitam essa espécie de premiação. Evelin Vanderlan³⁷ levanta a hipótese de que os “trabalhadores têm razão em não ‘vestirem a camisa’ da empresa”, visto que o salário para uma pessoa do sexo masculino é precário. Portanto, muitos que trabalham na empresa, segundo Evelin Vanderlan, não se preocupam com a gratificação trimestral, pois as exigências para os que possuem o aumento não correspondem com o reconhecimento oferecido por parte da empresa.

A atitude de não trabalhar como deveria na empresa, é encarada pela trabalhadora como um ato de questionamento do salário baixo, incompatível para uma pessoa do sexo masculino. Em sua fala, o trabalho do homem deveria valer mais do que o trabalho da mulher:

Porque ali eles precisam de gente assim: entendeu? Então ali ele [empresa] falou que eles precisam da gente. Quem não quiser que dê lugar pra outra pessoa. Quem não quiser vestir a camisa da empresa e ajudar a empresa, que a empresa está de portas abertas pra quem quiser sair. Só que é assim, pelo que eu vejo: pelo descontentamento deles [trabalhadores] a empresa não investe. Fica lá [a chefia da empresa dizendo:] o plano de saúde é bom; o seguro de vida é bom; seu salário vai aumentar. Realmente o plano de saúde é bom. Mas e o restante das coisas? Um seguro de vida você vai receber se caso acontecer alguma coisa com você (...). E o salário? E pra um homem, eu digo pra mim que o salário como mulher pra mim é bom, porque eu tenho o gasto comigo e ajudo nas despesas, mas não é tanto, como pra um homem que é pai de família e que tem mais responsabilidade, mais do que a mulher. Então, eu acho que na parte do salário pro masculino é muito pouco. Então é onde eles estão muito descontentes, quer dizer, a empresa não ajuda e eles ficam descontentes. Então, não tem como se empenhar pela empresa! Vou fazer o que a empresa esta me pedindo? Não tem como!³⁸

Para a trabalhadora, sua remuneração não deve assumir a mesma importância na escala de valor que a sociedade ratificou para a remuneração de um trabalhador. A sua visão de mundo – antes de tudo porque se considera esposa e mãe – reproduz a dominação simbólica da sociedade patriarcal. Portanto, a separação dos sexos em determinantes biológicos toma forma como dominação simbólica (BOURDIEU, 1989, p. 65), especialmente a partir do momento em que a própria trabalhadora evidencia o que é necessário para a

³⁷ Entrevista realizada em sua residência no dia 13 de janeiro de 2011. p, 01

³⁸ Idem. p.01

representação social do trabalho masculino. Isso ocorre em várias situações quando da contratação das mulheres para o sistema produtivo, como salienta Ricardo Antunes (2000, p. 79) e Cleusa Aparecida Silva (2008, p. 23).

A análise da trabalhadora acaba por re/produzir e re/criar a sociedade patriarcal. A imposição cultural age de tal forma que sem perceber Evelin Vanderlan demonstra que o trabalho masculino é constituído de importância social, e o trabalho feminino como complemento de renda.

Quando se trata do exercício das funções, não existem diferenças entre o trabalho exercido pelo homem e o desempenhado pela mulher, não nessa empresa. Segundo a trabalhadora, a mesma atividade que ela exerce na fábrica, outros trabalhadores exercem, ou já exerceram:

Hoje eu tive uma conversa com o rapaz que chama Evandro. Ele está me ensinando em uma máquina. Hoje ele perguntou pra mim quanto que era o meu salário. Ele está insatisfeito, porque trabalhava em uma máquina chamada guilhotina, onde corta o aço. Ela é uma máquina muito perigosa e ele cortou o dedo. Ele entrou e depois de três meses aconteceu o acidente com ele. (...) A cada três meses é onde aumenta o nosso salário, porque nós somos horistas. Por exemplo, a minha hora é de 3,04, daqui três meses vai aumentar para 3,14. Então, ele tem oito meses na firma e cortou esse dedo e ele ficou dois meses afastado. Ele tinha três meses de serviço quando ele cortou o dedo. Então não aumentou o salário dele (...). E a hora dele continua 3,04 que é igual a minha. (...)³⁹

A trabalhadora lança mão dos argumentos no intuito de ratificar sua postura frente ao trabalho assalariado. Em outro trecho de sua entrevista manifesta-se em favor da empresa, considerando que “Você sempre está aprendendo algo novo, porque trabalhar é bom. Hoje em dia, mulher ficar em casa não dá. Tem que trabalhar”.⁴⁰ Por outro lado, a trabalhadora também constata que sua atividade é igual ao do seu colega de trabalho. Portanto, não deveria ter diferença entre o seu trabalho e o de um trabalhador.

A mulher nem sempre é vista da mesma forma que o homem, no que diz respeito ao sistema produtivo. A discriminação pode vir dos próprios colegas de trabalho na linha de produção. No entanto, isso pode acontecer não apenas pelo fato de ser mulher, mas pelo fato

³⁹ Ibidem. p. 01-02

⁴⁰ Ibidem. p. 01

de ser considerada incapaz, biologicamente, de exercer a mesma tarefa que o homem. De acordo com Evelin Vanderlan:

A máquina que eu estou, eu tenho dois dias nela. Eu estava na *marafon* e da *marafon* me jogaram para a CNC2 que é a máquina que dobra porta. O rapaz que estava nela, esse Evandro, já tem oito meses. Então a porta tem vários desenhos e eu não consigo gravar tudo em dois dias. Então ele já disse que: – se você não gravar você não vai aprender, se você não fizer isso você não vai aprender nunca! Então fica te pressionando. É uma forma de me discriminar. É mulher e não vai aprender nunca. E quando eu cheguei lá, por ser um ambiente masculino, porque onde só trabalha homem por causa do peso, da força que faz para pegar o aço, eles falaram que: – não dou três meses para essa mulherada sair daqui! Sabe... Esse tipo de conversinha. Só que você vai trabalhando no dia-a-dia, você vai vendo que não é nada do que você não consiga fazer. A gente vai mostrando que sabe.⁴¹

O preconceito existente, com relação ao trabalho feminino, relega para a mulher, dentro do sistema produtivo, o caráter biológico de inferioridade. Ou seja, se social e geneticamente o homem é considerado pela sociedade portador de maior força física, a tendência é a demonstração de superioridade nas relações humanas. O grande problema é que muitos sujeitos, por vezes homens e até mesmo mulheres, se comportam da mesma forma, exteriorizando a sociedade que interiorizaram desde a infância.

Em uma sociedade que se comporta de forma discriminatória, não existe apenas a separação entre as funções de homem ou de mulher. A discriminação acontece, da mesma forma, entre os que detêm o poder social e cultural e os que não detêm. Como o acontecido envolvendo pessoas consideradas normais por essa sociedade, e as com deficiência. Segundo a trabalhadora:

Hoje mesmo eu estava lá no refeitório almoçando, então teve um rapaz da APAE, que está tentando entrar lá, e ninguém quer o rapaz. Eu já acho isso uma discriminação. Tem dois rapazes da APAE lá e, inclusive um, eles vão mandar embora. As firmas hoje elas são obrigadas a pegar pessoas com deficiência, seja física, seja mental. (...) eu escutei a secretária lá do RH falar que eles não vão pegar o menino por ele ser da APAE. Por que acham que pode dar problema para a empresa.⁴²

⁴¹ Ibidem. p. 04

⁴² Ibidem. p.04

Isso demonstra que a discriminação não acontece apenas na linha de produção, entre trabalhadores homens e mulheres. Departamentos como o de Recursos Humanos (RH), podem colaborar para que se propague o preconceito, a exclusão, no momento em que julga uma pessoa apta ou não para desempenhar atividades dentro da fábrica.

Embora a questão do trabalho feminino seja mais ampla e delicada, é possível perceber que a discussão vem acrescentando fôlego a estudos mais sistematizados. Longe de propor soluções, ou mesmo respostas definitivas, a breve menção da importância da mulher na sociedade do trabalho traz um debate para ser pensado com mais cautela.

É necessário não perder de vista a atuação de todos os sujeitos na sociedade, entendendo as relações sociais a partir das inter-relações. Nesse sentido, o trabalho da mulher e do homem na sociedade capitalista, se torna uma mercadoria que as empresas apenas consideram como uma peça na engrenagem da produção.

Quando Evelin Vanderlan é questionada sobre o que é ser mulher trabalhando em meio aos homens, exercendo as mesmas atividades que eles, e depois ainda trabalhar em casa, diz que:

Em primeiro lugar a mulher ela é dona de casa. Então ela sai da fábrica, ela tem que cuidar do marido e dos filhos e no outro dia levanta cedo para ir trabalhar. É cansativo, você levanta cansada, poderia ficar mais um tempo na cama, mas você tem que trabalhar. Aí você chega em uma fábrica onde só tem homens que está o tempo todo te olhando, te rodeando. Dizendo: – Ah!!!! Você não vai dar conta do serviço, isso aqui é pesado pra você, se você não fizer assim você não vai dar conta de trabalhar! Não deixam você ter liberdade pra trabalhar, naquele espaço que é deles. Entendeu? [...] você tem um espaço para trabalhar, mas aquele espaço não é seu, é deles porque eles estavam ali há mais tempo e porque ele é homem. (...). O homem ele sempre, não só o homem, mas ali é um ambiente masculino, eles sempre querem saber mais que você. Eles querem que você trabalhe do jeito deles, então às vezes você passa um batom, mas [eles questionam] (...) você acaba até desistindo de passar o batom. Às vezes você passa um perfume. Nossa está cheirosa de mais, que coisa, vai ficar esse cheiro doce aqui! (...) Acho que é um pouco de medo da mulher estar aprendendo a fazer o que eles fazem e de repente tomar o espaço deles, porque é o que está acontecendo ali na Dânica.⁴³

Para Evelin Vanderlan, existe uma dificuldade em conciliar sua tripla jornada: a de esposa, mãe e trabalhadora. Como se não bastasse as tarefas de trabalho dentro da empresa, a

⁴³ Ibidem. p.04

trabalhadora tem que lidar com o gerenciamento de diversos conflitos, dentro e fora da fábrica. Nesse sentido, ela demonstra os percalços de uma mulher que visou quebrar barreiras e estereótipos, como, por exemplo, o de que mulher não consegue exercer a mesma atividade que a dos homens.

A dupla função, do público e do privado, intensifica o desgaste físico e mental, levando a trabalhadora muitas vezes ao seu próprio limite. Nas palavras de Evelin Vanderlan:

Relacionar serviço de casa e o trabalho é cansativo. Eu tiro pelas minhas colegas também que falam: eu não aguento mais! Olha, se eu pudesse nem trabalharia mais, ou se eu pudesse pagar uma empregada pra mim, pra cuidar da minha casa, pra cuidar da minha roupa. Então, pra mulher é difícil, porque o homem ele trabalha fora, mas ele tem aquela mentalidade: eu sou homem e não sirvo para trabalhar dentro de casa! Não preciso estar fazendo as coisas! (...) Que nem o meu esposo ele fala assim: há eu não vou ajudar você por que tem as meninas, e se eu for ajudar você elas vão folgar nas suas costas e nas minhas costas. (...). Mas é uma maneira de ele escapar do serviço, então é isso. Para mulher é mais complicado.⁴⁴

De um lado a trabalhadora se desgasta na labuta diária para a obtenção do sustento, seu e de sua família; do outro o não reconhecimento dentro do emprego fabril e no lar.

De acordo com Antunes (2005, p.61) “Por meio da duplicidade do ato laborativo, a mulher é duplamente explorada pelo capital, tanto no espaço produtivo como no espaço reprodutivo”. Nesse sentido, “Além de atuar crescentemente no espaço público, fabril e de serviços, ela realiza centralmente as tarefas próprias do trabalho doméstico, garantindo a esfera de reprodução societal, esfera do trabalho não diretamente mercantil, mas indispensável [...]” para a reprodução do capital. Essa espécie de *regulamentação* da duplicidade do trabalho feminino se apresenta de forma a garantir a reprodução da dominação social.

Mesmo a trabalhadora buscando mostrar que consegue executar as tarefas incumbidas, de acordo com as exigências da empresa, ela constata que não se deve deixar a exploração ultrapassar os limites. De acordo com Evelin, existem algumas estratégias para que isso não aconteça. Por exemplo, no caso da produção, a trabalhadora diz que não se deve superá-la, pois a exigência aumentará de acordo com a capacidade que a funcionária demonstrar no desenvolvimento do trabalho. Segundo a trabalhadora, a cobrança pode chegar

⁴⁴ Ibidem. p.05

a uma escala incondicional, em que o resultado deve ser obtido mesmo não respeitando os limites físicos da força de trabalho. Em suas palavras:

Não é fácil! Serviço de fábrica é cansativo, eu digo até explorativo, porque em qualquer fábrica que você trabalha, você aprendeu fazer algo, vamos supor, eles te dão trinta portas pra você dobrar hoje, se você dobrar 38 eles vão ficar de olho, pô ela tinha 40 portas eu dei só 30 para ela dobrar ela conseguiu dobrar 38. Amanhã eles vão dar 50 para você dobrar, você entendeu? Porque eles estão vendo que você dá conta do serviço, (...) 50 hoje, 60 amanhã, 70, 80, até chegar na meta que eles querem (...). Aí você pensa assim, eu vou me esforçar para eles verem a minha capacidade, quem sabe eu vou ter algo melhor aqui dentro mais pra frente. Não! Engano seu! Eles vão te explorar ali, você vai ficar ali o resto da vida naquela máquina, porque você está dando conta de fazer o serviço que eles querem.⁴⁵

O que se percebe é que o sistema de trabalho dentro da fábrica *Dânica* limita a vida de muitos sujeitos à produção, não muito diferente da *Pelmex*, mas com suas especificidades. O sistema de trabalho na *Dânica* procura incentivar trabalhadores e trabalhadoras ao aperfeiçoamento constante, exclusivamente voltado para o sistema fabril. Assim, as relações de trabalho, na empresa, e, sobretudo no município, ganham formas que demonstram a capacidade de exploração do sistema capitalista.

Se por um lado existe a visão da mulher trabalhadora diante do processo produtivo, com a ideia de que é necessário enfrentar a labuta diária de uma fábrica para conseguir mais espaço e reconhecimento, perante os colegas de trabalho e a sociedade, por outro existe a visão do trabalhador, que muitas vezes enxerga a permanência da mulher no processo produtivo a partir de um viés biológico. Em outras palavras, o trabalhador não consegue visualizar o mesmo valor para o trabalho de ambos os sujeitos. É o caso percebido por meio da análise da história de Evelin Vanderlan, mas não diferente das relações de trabalho na empresa *NTC*.

A produção na *NTC* é conduzida, em sua maioria, por mulheres. Segundo os questionários aplicados, a empresa conta com aproximadamente 70 pessoas, das quais cerca de 45 são do sexo feminino. Os trabalhadores entrevistados, Junior de Souza Moura⁴⁶, Lúcio

⁴⁵ Ibidem. p.06

⁴⁶ Junior de Souza Moura, 33 anos de idade. Trabalhador pertencente ao quadro de funcionários da *NTC* desde o início de janeiro de 2011. Entrevista realizada em sua residência às 19:00 horas do dia 03 de abril de 2011.

Estéfano Toledo⁴⁷ e Ricardo Alexandre Menezes dos Reis⁴⁸, ressaltaram que esse setor é composto, majoritariamente, por mulheres, sobretudo pela facilidade de desenvolvimento do serviço. Ou seja, são tarefas, segundo eles, que não exigem tanta força física, sendo realizadas facilmente por mulheres, por conta também do material que é manipulado na empresa, o plástico.

A justificativa de um dos operários para o fato da predominância do trabalho feminino, reforça o sentido de uma atividade fácil, sem grandes empecilhos, desenvolvida – no sentido de suas palavras –, até por mulheres:

As seis horas ali o serviço não é pesado (...). Eu acho até covardia homem trabalhar nas máquinas lá, porque o serviço é muito fácil, tirando alguma coisa ou outra, um para-choque que é pesado, que é homem que faz, é bem sossegado sabe. Lá é tranquilo demais, talvez eu sou suspeito de falar, talvez você pode tá pensando, o cara tá puxando sardinha para ele, mas não é, se não prestasse eu ia falar mesmo. Lá trabalha mais mulheres, eu não sei exatamente, mas hoje a firma está com 71 funcionários, acredito que ali tenha umas 45 mulheres ou 50. É pouco homem, mas pouco mesmo! Os homens mesmo é para o para-choque. Mulher dá conta de tirar, mas mesmo assim vamos se dizer, do sexo frágil, não sendo machista. (...) tem cadeira para sentar se a pessoa quiser sentar, ela senta tranquilo, sossegado.⁴⁹

De acordo com as trabalhadoras entrevistadas, o salário mínimo é o valor que predomina como forma de pagamento na empresa, nem sempre vinculado apenas ao caso das mulheres, pois dos homens entrevistados 50% também ganham o mínimo. Das sete entrevistadas, apenas duas responderam que ganhavam mais de um salário. As outras cinco trabalhadoras recebiam condições materiais mínimas de sobrevivência.

A postura da empresa em empregar, em sua maioria, mulheres, pode não ser pelo fato do trabalho ser simplificado como mencionou Junior de Souza Moura. A economia em salários faz com que a empresa tenha maiores ganhos em sua receita, e a forma mais utilizada é o aviltamento de salários dos funcionários e funcionárias. Como o trabalho para a pessoa do sexo masculino é considerado de maior valor, o fato é que as mulheres são incentivadas ao

⁴⁷ Lucio Estefano Toledo, 23 anos de idade. Trabalhador que pertenceu ao quadro de funcionários da NTC de janeiro de 2011 a março de 2012. Entrevista realizada em sua residência as 18:00 horas do dia 01 de abril de 2011.

⁴⁸ Ricardo Alexandre dos Reis, 28 anos de idade. Trabalhador pertencente ao quadro de funcionários da NTC desde e janeiro de 2007 a março de 2012. Entrevista realizada em sua residência no dia as 22:00 horas do dia 01 de abril de 2011.

⁴⁹ Junior de Souza Moura. Entrevista realizada em sua residência as 19:00 horas do dia 03 de abril de 2011. p. 04

trabalho nessa empresa, com a expectativa de um ambiente realmente voltado para o trabalho feminino.

A sociedade do capital criou o discurso de que o trabalhador e a trabalhadora necessitam de mais espaços de empregos na sociedade contemporânea. Ou melhor, utilizando a expressão em voga: novas oportunidades de emprego. Portanto, muitas pessoas acabam aceitando a condição pela falta de outras oportunidades. Como acontece com uma trabalhadora que tem curso técnico voltado para área de química e atua na produção da empresa, recebendo salário mínimo, esperando melhores oportunidades fora da fábrica. A trabalhadora demonstra pouca confiança de permanência na empresa, em um ambiente marcado, segundo a entrevista, pelo cansaço, ansiedade, desânimo e nervosismo, com exposição a agentes químicos (fumo, névoa, poeira), agentes físicos (calor, frio, ruído, umidade ventilação,) e agentes biológicos (bactérias, fungos, parasitas e vírus).

Além da questão da oportunidade de trabalho para mulheres em um serviço considerado mais leve, do ponto de vista dos trabalhadores, outro fator que incentiva a procura por emprego na empresa é o salário, quando comparado com a quantidade de horas trabalhadas. Segundo Junior de Souza Moura:

Vejo também o salário. Em comparação com outros lugares, o salário está muito bom. Para dentro dos padrões de Aparecida do Taboado, está bom porque, no meu caso subiu bem, até para o pessoal que recebe o salário base, que é o industrial acrescido de insalubridade. (...) para começar em uma vaga de salário base é 620, tava 590 a 620, mais a insalubridade sai 113 reais, mas são seis horas por dia. Você trabalha de segunda a sábado, só que só seis horas. Quer dizer, você fica tranquilo para fazer outra coisa se você quiser. Se você colocar na ponta da caneta, você ganha mais do que em outra empresa, (...) a NTC tem melhorado por isso, essa semana entrou quatro funcionárias, elas falou assim que já fazia mais de meses que elas tentavam entrar lá porque por esse tempo que tem, só seis horas.⁵⁰

De acordo com a CLT a jornada de trabalho deve respeitar as 40 horas por semana. No caso da empresa, os trabalhadores e trabalhadoras cumprem 30 horas de segunda a sexta-feira, em turnos diretos de seis horas. Para completarem a carga horária, trabalham mais seis horas no sábado. Dessa forma, atingem a carga horária de 36 horas semanais. Todavia, o trabalho em finais de semana, como no sábado, em geral, é computado como suplementar, o

⁵⁰ Idem.

que segundo o parágrafo 1º - do Art. 59 da CLT, deve ser considerado com o aumento de 20% superior a hora normal de trabalho.

Mesmo com a premissa de se obter um lugar de trabalho adequado com um ritmo menos desgastante, que tenha uma jornada mais amena, o que se percebe é que a fronteira entre o serviço e o tempo livre está se diluindo. Em muitos casos, como o de Ricardo Alexandre dos Reis, essa fronteira é inexistente. Segundo o trabalhador:

Eu acho que eu e mais uns três ali reclamam que é, não tem sossego. Como funciona vinte e quatro horas, aí é duas horas da manhã você tem que ir, cinco horas da manhã liga, você tem que ir a gente bem que não tem dia e hora para trabalhar. (...) no sábado, nós somos obrigados a trabalhar, para dar a carga horária semanal correta, aí no domingo sempre aparece essa hora extra porque é cem por cento, aí todo mundo quer ir. Mas mesmo se eu disser olha eu não vou vir trabalhar, mas eu fico naquela de sobreaviso se dá algum problema eles me ligam e eu tenho que ir. (...) eu não posso confiar de ir para um rancho, de ir para outro lugar, porque eu tô de sobreaviso ali da empresa. Isso é direto, é uma coisa que a gente acha meio ruim quando a gente está estressado com a carga horária, o “trupelo”....⁵¹

De acordo com Marcio Pochmann (2012, p.01), o trabalho em tempo integral faz parte da era da informação, que tem como pressuposto o trabalho imaterial, muitas vezes fora do ambiente em que foi tradicionalmente concebido, a fábrica. Dentre as inúmeras formas desse tipo de trabalho, está a mais simples, e que o trabalhador acaba não se dando conta, como o caso do uso do telefone celular, um instrumento muito utilizado para resolver possíveis problemas na produção da empresa. Nesse sentido, para Pochmann:

No trabalho imaterial, cujo esforço físico e mental humano não resulta em algo concreto, palpável e tangível, há o despreendimento de sua realização de um local próprio, o que tem permitido a extensão da jornada de trabalho para além do lugar tradicional de sua realização. Dessa forma, constata-se hoje a adoção crescente dos métodos patronais que levam à intensificação e extensão da jornada de trabalho, por meio do atendimento das novas demandas informacionais (por telefone celular, computador, internet etc.). Tudo isso representa ganhos de produtividade cada vez mais fundada no trabalho imaterial que segue distante do tratamento das negociações coletivas de trabalho pelos sindicatos, tampouco tributadas pelo governo. (POCHMANN, 2012, p. 01)

⁵¹ Entrevista realizada com Ricardo Alexandre dos Reis em sua residência no dia as 22:00 horas do dia 01 de abril de 2011. p. 02-03

A jornada de trabalho intensificada é um elemento que ajuda a compor o quadro da desestruturação sociopolítica da classe trabalhadora. Como se pode perceber, a desestruturação de classe acontece quando o sujeito que trabalha cria perspectivas sobre sua condição e permanência no sistema produtivo. Nesse sentido, seu reconhecimento passa pela aceitação do sistema capitalista, que o aprova como capaz de participar, em todos os sentidos, do processo de produção de mercadorias.

O operário Lúcio Estéfano Toledo conclui que um bom trabalhador tem que participar ativamente no sistema produtivo:

Ali se você desse a ideia, sua ideia ia adiante. Se você tinha uma ideia e falasse para o gerente, ali ele pegava e ia pelas suas ideias, fazia acontecer a coisa. Uma ideia positiva para a produção era bem recebida. O legal é isso, você dá uma ideia lá e às vezes até pagavam pela ideia. Dava um aumento no salário que, pelas ideias, é um jeito assim de agradar e de agradecer, de incentivar. Tinha a reunião, ou você chegava nele falava. Oh eu tenho uma ideia, acontece isso é isso, e se você fazer isso é bom. (...) É bom pra caramba.⁵²

Ou seja, a classe trabalhadora não apenas vende sua força de trabalho, mas colabora para melhorar o sistema produtivo, do qual faz parte também como mercadoria. Quem confirma essa posição é Ricardo Alexandre dos Reis, quando menciona o processo produtivo. Para o trabalhador:

Lá sempre eles estão reunindo, (...) tem três, quatro da CIPA, só que eles preferem ouvir nós trabalhadores que está diariamente lidando com aquilo ali, para explicar qual que é a forma de perigo (...) aí nós já comunica a CIPA aí ela também (...) já resolve da melhor forma possível. Os problemas que aparecem que a gente sabe que vai ter a gente sempre procura resolver rápido assim tranquilo. A empresa ela dá ouvido ao trabalhador.⁵³

Entretanto, quando o assunto é reivindicação, por melhores salários ou mesmo outras questões que vão beneficiar diretamente os trabalhadores, a empresa não se mostra tão prestativa, e procura evitar a formação de grupos. Segundo Junior de Souza Moura, quando os

⁵² Entrevista realizada com Lucio Estefano Toledo em sua residência as 18:00 horas do dia 01 de abril de 2011. p. 02

⁵³ Entrevista realizada com Ricardo Alexandre dos Reis em sua residência no dia as 22:00 horas do dia 01 de abril de 2011. p. 02

trabalhadores e trabalhadoras necessitam reivindicar algo, dentro da empresa, a estratégia é não se unir. A união pode demonstrar sinal de força:

O que acontece, a gente conversa direto com o gerente, e é cada um por si. Eu acredito, até concordo com eles num ponto, a empresa é pequena e não temos sindicato, porque o sindicato só aparece no dia de pegar o dinheiro, é o imposto sindical que é em fevereiro, que é uma dor no coração de dar aquele dinheiro, porque eu acho super errado. Não fazem porque a empresa é pequena e aí o que acontece, se mobilizar e ir pedir, provavelmente, dependendo das pessoas, vai ser mandado embora. Se por exemplo juntar três, quatro, cinco pessoas e for diretamente lá, eu acredito que se quiser forçar eu acho que não é o ideal. Concordo plenamente em empresas que os funcionários fazem greve, pedir reajuste salarial, concordo plenamente, porém nós precisamos do serviço, fica preso nesse ponto. Como que eu vou reunir 3, 4, 5, 6 pessoas em uma empresa que tem 71 funcionário para ir lá e forçar o gerente? Eu preciso do serviço e não sou burro! (...) se eu for lutar pelos meus direitos lá eu vou ficar sem serviço. Vai mudar, eu espero que mude porque a cidade está começando agora a industrialização. Eu acho que se tivesse na cidade um sindicato dos funcionários, e não dos patrões, porque tem que ter o sindicato para lutar pela gente (...). Eu não aconselharia, nesse momento, a fazer isso. Porém o gerente ele aceita você chegar lá, como aconteceu comigo, (...) e reivindicar um salário melhor (...) ele também nunca chegou na gente e disse que não queria que ninguém fizesse alguma reivindicação de quatro, cinco, não. Porém ele aceita qualquer um ir lá e falar com ele. Eu não aconselharia o pessoal a juntar quatro, cinco e ir lá pedir, eu aconselharia nesse momento ir um por um.⁵⁴

Segundo o trabalhador, existe um complicador quanto ao assunto: união de classe. Esse complicador é falta de segurança no posto de trabalho. Todas as pessoas da *NTC* que responderam os questionários, não confiam na estabilidade do posto de trabalho, pois a qualquer momento a demissão pode ocorrer. Isso gera certa desconfiança diante da possibilidade de reivindicação, fazendo com que o comportamento, do qual descreve Junior Souza Moura, seja natural.

Para o trabalhador, o tema sobre a reivindicação na empresa é sempre visto, entre o grupo, com certo sentido negativo, pois “Como que eu vou reunir 3, 4, 5, 6 pessoas em uma empresa que tem 71 funcionário para ir lá e forçar o gerente? Eu preciso do serviço e não sou burro! (...) se eu for lutar pelos meus direitos lá eu vou ficar sem serviço”⁵⁵. Nesse sentido, a

⁵⁴ Entrevista realizada com Junior de Souza Moura em sua residência as 19:00 horas do dia 03 de abril de 2011. p. 06-07

⁵⁵ Idem. p.06-07

limitação da união pode estar baseada na ideia de não questionar a política da empresa, pois existiria aí a falta de gratidão, se levarmos em consideração o viés de que grande parte das pessoas que trabalham nela é por considerá-la, segundo Junior Souza Moura, a mais justa em termos de salário, “para os padrões de Aparecida do Taboado” ⁵⁶. Como também pode estar baseada na luta individual, pregada pelo contexto em que a competição é valorizada entre as pessoas em detrimento das ações coletivas.

É necessário analisar a questão do sindicato, do coletivo (classe) e do individual (personalismo) nas relações sociais (de classe). São questões para serem pensadas, sobretudo a partir das falas dos trabalhadores e trabalhadoras para tentar entender essa realidade: “Eu acho que se tivesse na cidade um sindicato dos funcionários e não dos patrões... Porque tem que ter o sindicato para lutar pela gente, não adianta eu querer lutar porque eu não vou conseguir”. ⁵⁷

A partir da fala do trabalhador, o questionamento que fica é sobre a função do sindicato, se de fato ele conseguiria realizar uma proposta de unificação entre os operários, uma vez que, como bem disse o trabalhador, dentro da empresa *NTC* é melhor fazer qualquer tipo de reivindicação sozinho.

A união se inicia a partir das interações, tanto em apoio ao próximo, nesse caso o indivíduo, como em função do coletivo. O sentido de classe em si, amadurece o sentido de classe para si. Agora se não existe a sentido de classe em si, a percepção de mundo do sujeito pode não considerar sua participação, enquanto pertencente a um coletivo, como importante. Isso prejudica as relações de classe.

⁵⁶ Ibidem. p. 04

⁵⁷ Ibidem, p.07

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse momento, é importante apontar algumas questões para a conclusão das ideias propostas nesta dissertação. No entanto, não é um momento de esgotar o tema pesquisado, pois o mesmo necessita ainda de diversos estudos. Esta dissertação é apenas um entendimento de uma parte do processo de industrialização de Aparecida do Taboado, que se iniciou na década de 1980, com o seu maior desenvolvimento e sistematização a partir da década de 1990.

Ao construir a narrativa, com a pretensão de contar uma História, esta dissertação pretendeu evidenciar não somente os fatos discutidos ao longo do texto, mas também a utilidade da ciência da História. Toda ciência tem sua utilidade e dinamicidade, e a da História não é diferente.

Em um momento da história da civilização ocidental, a curiosidade de um garoto em saber “para que serve a História”, incentivou o pai historiador a questionar a legitimidade da História. O sentido de estudar o passado para esse historiador, antes de tudo, foi o de entender a importância do mesmo para a sociedade ocidental. Sua resposta ao filho cruzou a segunda metade do século XX, e rendeu debates até os dias atuais. Virou tema de seminários, congressos, enfim, repercutiu de maneira significativa na forma de pensar o papel do historiador em seu ofício.

Analisar a industrialização recente em Aparecida do Taboado; os mecanismos que permitiram sua concretização; a forma como se constituiu a região enquanto produtora de mercadorias no século XX e as relações de trabalho, permitiu compreender a importância dos estudos históricos tal como frisou Marc Bloch em resposta ao seu filho. Essa pesquisa demonstrou, portanto, a importância do estudo da História, seguindo os ideais de Marc Bloch (2001), o que pode ser percebido, principalmente, pela finalidade de estudar a região de Aparecida do Taboado, considerada pelas análises como palco de um capítulo crucial da história do antigo Mato Grosso e atual Mato Grosso do Sul.

A necessidade de entender a industrialização de Aparecida do Taboado, bem como as relações sociais que se entrelaçaram por meio de tal fenômeno, partiu de questionamentos teóricos sobre as transformações mundiais no sistema produtivo e sua composição a partir da década de 1990. O contexto proporcionado pela descentralização produtiva, segundo as considerações de Wilson Cano (2007), influenciou na industrialização do município, o que veio a culminar na ideologia de desenvolvimento.

Aparecida do Taboado se encontra, desde a década de 1990, em um complexo desenvolvimento industrial. Isso significa entender que a existência de contradições, sobretudo vividas pela população aparecidense, desenha um cenário complexo para as relações entre capital e trabalho.

As indústrias que se instalaram a partir da década de 1980 no município tiveram o incentivo, principalmente, do governo municipal. Os saguões do poder público se encarregaram de estruturar a região para a produção industrial, com o objetivo da anunciação do progresso, do desenvolvimento, correlatos ao projeto almejado por grande parte da elite aparecidense. Um dos argumentos que ofereceu base a esse projeto dizia respeito a abundância de postos de emprego, sempre mencionado pelo governo municipal como carro chefe na proposta desenvolvimentista, e que na verdade não contemplou grande parte da necessidade da sociedade aparecidense.

Conforme visto na pesquisa, a região possuía atividades mais estritamente ligadas ao universo rural, e a implantação das primeiras indústrias na década de 1980 incentivou a necessidade de adaptação ao trabalho industrial. Em muitos casos, as indústrias que chegaram na região, juntamente com o governo municipal e a mídia, manifestaram posição a favor do benefício econômico, estabelecendo relação com a qualidade de vida, de acordo com o viés do capital. Entretanto, a exploração sem medidas do capital, a exclusão, o mundo sem fronteiras para o espólio humano, foram as bases que nortearam as atividades das empresas instaladas no município desde o final do século XX. É preciso ir além do entendimento de que a realidade fabril é benéfica para a sociedade e a classe trabalhadora, sobretudo no que diz respeito a situação econômica.

De acordo com as discussões levantadas, a aparente melhoria de vida dos sujeitos que dependem do sistema produtivo, o aparente benefício econômico saudado como transformador de uma realidade social, encobrem uma face do sistema capitalista que atua na sociedade aparecidense. O que as empresas buscam, ao se instalarem no município, é a utilização de todos os recursos para a diminuição de custos na produção de mercadorias. Segundo a Teoria Geral da Administração, o conceito de produção para a sociedade atual está calcado no alto rendimento em produtividade e redução de custos. Para Idalberto Chiavenato (1997, p. 56), o princípio da administração científica deve valorizar o alto desempenho das empresas em racionalizar a produção, diminuindo dessa forma as perdas desnecessárias e prejudiciais ao sistema produtivo.

Como as empresas que se instalaram no município receberam – e ainda recebem –, incentivos fiscais e de infraestrutura, sobretudo do governo municipal, elas perceberam que

esses incentivos foram a porta de oportunidades para aumentarem a receita e diminuir os gastos com a produção, seguindo os preceitos da Teoria Geral da Administração. Em alguns casos, as empresas que receberam as isenções de taxas tributárias permaneceram na cidade apenas pelo prazo estipulado, quantidade de anos de direito sobre a isenção de impostos, conforme o número de empregos gerados no município.

A empresa *Coca Cola S/A*, instalada na década de 1980, foi a primeira que resolveu desativar a fábrica no município após o término da isenção de impostos. Dessa forma, o prédio utilizado pela empresa, a estrutura local, algumas máquinas utilizadas para a produção de refrigerantes, foram abandonadas.

Outra empresa que abandonou o prédio no distrito industrial, foi a *Mizuminho Birigui Ind E Com De Calc*. Suas instalações, construídas com o apoio do governo municipal, que investiu no trabalho de terraplanagem e infraestrutura, a partir de 2006 se tornaram sem uso. Mais um *elefante branco* no município.

O governo municipal investe na instalação de diversas empresas, mas nem sempre elas retribuem da forma como é esperada pelo governo municipal: a geração de empregos e renda para a localidade.

Com a industrialização, inúmeras consequências cercaram a região. Os problemas sociais, gerados pela exploração da classe trabalhadora, e também os ambientais, que dizem respeito ao tratamento dos resíduos sólidos e químicos sem utilidade para o processo produtivo, são frequentemente ocultados para que a sociedade não perceba as consequências dessa industrialização. Os resíduos sólidos, de grande parte das empresas instaladas no município, por exemplo, são atirados a céu aberto. O local fica a aproximadamente 4 km da área urbana, sendo considerado pelo governo municipal como aterro sanitário, mas que na verdade não passa de um terreno baldio onde a sociedade deposita o lixo. Os resíduos depositados nesse aterro não recebem um tratamento específico, trazendo prejuízos ao meio ambiente. Essa é a face oculta do progresso.

A forma como a industrialização do município ocorre demonstra os conflitos sociais, gerados pela ideia de desenvolvimento. O progresso, nesse sentido, foi saudado como sinônimo de melhor qualidade de vida para a população, veiculado por um discurso que atende em nome de ações hegemônicas do capital. Gerou-se um incentivo a produção de mercadorias na região que atendesse as necessidades de um mercado globalizado, e que respeitasse o ritmo de desenvolvimento dos países subdesenvolvidos: a exploração desenfreada. No entanto, o pressuposto levantado por um dos assuntos abordados pela pesquisa é o de que a região já oferecia condições para atender as necessidades do capital

desde o início século XX, quando a produção de carne bovina e de dormentes, nas décadas de 1920 e 1940, respectivamente, influenciaram nas organizações econômica, social, política e cultural da região. Enquanto região produtora de mercadorias, Aparecida do Taboado anunciava o progresso na segunda metade do século XX.

A produção de mercadorias, iniciada no século XX, mostrou a capacidade da região em acompanhar o desenvolvimento do país. O que regularmente seria considerado como um processo de sobrevivência na região, passa a ser considerado como um processo de produção capitalista, em que as mercadorias geraram possibilidades para a organização social e política do povoado da *Lagoa Suja*.

Analisar a sociedade apenas pelo viés econômico pode limitar o raciocínio e o olhar sobre a formação da região, com o risco de entender que sua formação se deu pelo fato da região receber influências estritamente da produção de mercadorias. Essa não é a intenção. O viés em que se estruturou o problema de pesquisa deixa margem para pensar nessa possibilidade, mas não como uma forma de negar as outras. É importante pensar de que forma a produção de mercadorias influenciou na composição da *Lagoa Suja*, que mais tarde passou a se chamar de Aparecida do Taboado. As relações sociais e culturais geradas podem não estar estritamente relacionadas com a produção de mercadorias, mas negar sua influência não seria prudente.

Diante da industrialização do município, não só o sistema produtivo mereceu atenção, mas também as relações de trabalho que se estruturaram a partir das transformações ocorridas nas políticas trabalhistas, influenciadas principalmente pelo neoliberalismo.

Os conflitos entre a classe trabalhadora e os representantes do capital, se deram de formas diversas. As facetas dos conflitos geraram situações que marcaram o cenário da luta entre capital e trabalho, sobretudo nas indústrias pesquisadas. Nesse sentido, as histórias que trouxeram à tona as diferentes trajetórias de trabalhadores e trabalhadoras, contaram parte da vida de sujeitos que dependem do sistema produtivo para a sobrevivência. Isso permitiu entender que a exploração sofrida pela classe trabalhadora, se apresentou como um sintoma de uma sociedade voltada apenas para a livre concorrência entre os sujeitos.

De acordo com Ricardo Antunes (2001), o momento político e social atual não influencia em uma união eficaz entre a classe trabalhadora. Não influencia por conta da falta de maior interação entre a classe, em termos de reivindicação e sintonia. A classe, em diversas situações, parece não falar a mesma língua. A luta por melhores condições de salários e principalmente de trabalho, parece se esbarrar nos interesses individuais de cada sujeito. Dentro da realidade pesquisada nas empresas de Aparecida do Taboado, parece não existir

ações que visem a busca por melhorias que vão beneficiar diretamente o conjunto de trabalhadores e trabalhadoras.

Longe de propor soluções para as questões mencionadas, os temas tratados nesta dissertação serviram de base para desenhar a situação da exploração do capital sobre o trabalho.

FONTES IMPRESSAS

ANUÁRIO MATOGROSSENSE. Uma Obra dedicada ao Progresso do Oeste Brasileiro. Rio de Janeiro: Gráfica olímpica editora, 1957. Fonte pesquisada no arquivo pessoal do senhor Ademar Domingos da Silva, que se refere à região de Santana do Paranaíba, contendo informações da população do Mato Grosso até a criação do município de Aparecida do Taboado.

BOLSÃO EM NOTÍCIAS. Aparecida do Taboado. Edição nº 315, 1999. p.03. Arquivo do Jornal *Bolsão em Notícias*.

BOLSÃO EM NOTÍCIAS. Aparecida do Taboado. Edição nº 796, 2008, p.07-08. Arquivo do Jornal *Bolsão em Notícias*.

BOLSÃO EM NOTÍCIAS. Aparecida do Taboado. Edição nº 427, 2001, p.03. Arquivo do Jornal *Bolsão em Notícias*.

CÂMARA MUNICIPAL DE APARECIDA DO TABOADO-MS. Ata da 2º sessão ordinária do ano legislativo de 2008. Fonte pesquisada no arquivo do poder legislativo do município.

CÂMARA MUNICIPAL DE APARECIDA DO TABOADO. Lei nº 05/2008 que liberou terreno para a instalação da empresa *Dânica Termoindustrial*. Fonte acessada no arquivo do poder legislativo municipal na seção de projetos de lei e decretos. p. 02.

CÂMARA MUNICIPAL DE APARECIDA DO TABOADO. Lei nº50/1980 que autorizou o poder executivo local a comprar terras para instalação da empresa de refrigerantes Coca Cola S/A. Fonte acessada no arquivo do poder legislativo do município na seção de leis e decretos.

CÂMARA MUNICIPAL DE APARECIDA DO TABOADO. Lei nº 560/93 que institui o PRODEAT. Fonte acessada no arquivo do poder legislativo municipal na seção de projetos de lei e decretos.

EMATER-MT. Relatório sobre o aumento populacional na região do Bolsão sul-matogrossense. Trabalho de assistência técnica e extensão rural, elaborado para ser apresentado no C.T.A, no período de 09/10/78 a 13/10/78. O documento encontra-se na caixa arquivo nº135 do Núcleo de Documentação Histórica da UFMS – Três Lagoas. p, 05.

ESCRITURA DE IMÓVEL. Escritura registrada no serviço de cartório da Freguesia do Imóvel, por Antonio Neves do Nascimento, escrivão oficial de registro hipotecário da comarca de Santana do Paranaíba. Documento registrado na folha 93 do livro de notas de nº 31. Fonte retirada do Arquivo Público de Cuiabá e acessada no livro *Aparecida do Taboado: O Portal do Desenvolvimento*, escrito pelo memorialista Malei Cunha e publicado pela editora Caiapó no ano de 2007.

GAZETA OFICIAL. Campo Grande, seção jurídica. 1928. p. 3. Arquivo do Jornal *Bolsão em Notícias*.

O DEMOCRÁTICO. Aparecida do Taboado. Edição nº 369, 1993. Arquivo do Jornal *Bolsão em Notícias*.

O DEMOCRÁTICO. Aparecida do Aparecida do Taboado, Edição nº 16, 1981, p.03. Arquivo do Jornal *Bolsão em Notícias*.

O DEMOCRÁTICO. Aparecida do Taboado, Edição nº 427, 1995, p. 03. Arquivo do Jornal *Bolsão em Notícias*.

QUESTIONARIO SOCIOECONÔMICO. Questionário aplicado aos trabalhadores e trabalhadoras das três empresas. Na *Dânica Termoindustrial*, devido a dificuldade de acesso, os questionários foram aplicados por um trabalhador, João Henrique Souza, que se dispôs e se mostrou interessado em colaborar com a pesquisa. Nas outras empresas, os questionários foram respondidos pelos trabalhadores e trabalhadoras nas saídas, ou mesmo em casa, quando se diziam cansados e preferiam responder em suas residências.

RETRATO DE APARECIDA DO TABOADO. Revista impressa pela gráfica do jornal “Correio da Região” no ano de 1973. Fonte acessada no arquivo pessoal de Ademar Domingos da Silva.

FONTES DIGITAIS

DADOS SOBRE A PRODUÇÃO EM MATO GROSSO DO SUL. mensurados pela Federação das Indústrias do Estado. Fonte acessada as 17:00 horas do dia 28 de abril de 2012 no site <http://www.fiems.org.br/novo/mapa/mapa.pdf>

DADOS SOBRE A QUANTIDADE DE INDÚSTRIAS DO MUNICÍPIO. Fonte acessada na pasta da secretaria de Indústria e Comércio da administração pública no arquivo digital do poder executivo de Aparecida do Taboado. Material cedido pelos funcionários do poder executivo no dia 10 dezembro de 2010 as 11:00 horas.

DADOS SOBRE O DESENVOLVIMENTO SOCIAL. Pesquisa realizada em Aparecida do pela Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (FIRJAN). Fonte acessada e retirada no dia 20 de fevereiro de 2012 as 12:00 horas do site http://www.firjan.org.br/IFDM/download/Ranking_IFDM.xls

DADOS SOBRE O FCO. Fonte acessada no dia 06 agosto de 2011 as 15:00 horas no site http://www.integracao.gov.br/fundos/fundos_constitucionais/index.asp?area=FCO

DECRETO. Fonte acessada no site <http://legisweb.com.br/legislacao/?legislacao=134951> as 19:00 horas do dia 15 de outubro de 2011. Decreto nº 2539, que dispõe sobre a regulamentação dos incentivos fiscais de que trata a Lei nº 440, de 21 de março de 1984 e dá outras providências, p. 01.

FGTS. Informações sobre seguro desemprego e fundo de garantia. Fonte acessada no site http://www.caixa.gov.br/voce/fgts/saiba_mais.asp as 20: 45, horário oficial de Mato Grosso do Sul, no dia 18 de abril de 2012.

ENTREVISTA. O trabalhador que presenciou o incêndio na *Pelmex*. Fonte acessada no site <http://www.correiosantafe.com.br/site/noticia/cidades/14646/maquina-de-solda-pode-ter-provocado-incendio-na-pelmex.html>, as 12:00 horas do dia 23 dezembro 2011

LEI. Fonte acessada no site arquivo <http://www.al.ms.gov.br/> as 19:00 horas do dia 15 de outubro de 2011. Lei nº 440 de 1984 que dispõe sobre os incentivos fiscais no estado de Mato Grosso do Sul.

NOTÍCIA. Matéria sobre a morte de João Chama, publicada no dia 29 de julho de 2009. Fonte acessada no dia 10 de outubro de 2011 as 12:00 horas http://www.jornaldobolsao.com.br/noticias/visualizar_noticia.php?noticia_id=20364&categoria=Gerl

SESI/SENAI. Informações sobre a implantação do Serviço Social da Indústria (SESI) e Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). Fonte acessada no site http://www.fiems.org.br/novo/noticias-ler/Longen-participa-hoje-de_audiencia-publica-na-Assembleia-Legislativa/11653 no dia 10 de outubro de 2011 as 13:00 horas

FONTES ORAIS

AGUIAR, Cibele da Silva. Idade 25 anos, ajudante geral da empresa *Dânica Termoindustrial Brasil Ltda.* Entrevista realizada no portão da empresa no dia 21 de janeiro de 2011.

ALMEIDA, André. Idade 37 anos, montador. Experiente em montagem de estruturas de madeira para estofados. Funcionário da fábrica de estofados e colchões: Pelmex. Entrevista realizada em sua residência as 19:00 hora do dia 21 de janeiro de 2011.

MENDES, Kleber. Idade 27 anos, montador de estruturas de madeira para estofados e preparador das mesmas para serem revestidas em couro. Funcionário da fábrica de estofados e colchões Pelmex, entre 2002 e 2008. Entrevista realizada em sua residência as 14:00 horas do dia 26 de novembro de 2010.

MIRANDA, Marcelo Moraes. Idade 29 anos, montador de estruturas de madeira para estofados e preparador de das mesmas para serem revestidas em couro. Funcionário da fábrica de estofados e colchões Pelmex, desde 2002. Entrevista realizada em sua residência as 19:00 horas do dia 03 de abril de 2011.

MOURA, Junior de Souza. Idade 33 anos, trabalhador pertencente ao quadro de funcionários da NTC desde o início de janeiro de 2011. Entrevista realizada em sua residência as 19:00 horas do dia 03 de abril de 2011.

PEREIRA, Ismael Luis. Idade 70 anos, funcionário público e morador do município desde 1930. Entrevista realizada em sua residência as 16:00 horas do dia 10 de setembro de 2008.

REIS, Ricardo Alexandre dos. Idade 28 anos, trabalhador pertencente ao quadro de funcionários da NTC desde e janeiro de 2007. Entrevista realizada em sua residência no as 22:00 horas do dia 01 de abril de 2011.

SILVA, Ademar Domingos da. Idade 18 anos, morador do município desde 1930. Entrevista realizada em sua residência as 13:00 horas do dia 10 de setembro de 2008.

SILVA, Leonan Shibata da. Idade 22 anos, trabalhador que fez parte do quadro de funcionários da metalúrgica *Dânica Termoindustrial Brasil Ltda.*, atuando como ajudante geral no ano de 2010. Entrevista realizada em sua residência as 21:00 horas do dia 29 de janeiro de 2011.

SOUZA, Luis Henrique. Idade 20 anos, trabalhador do setor metalúrgico da empresa *Dânica Termoindustrial Brasil Ltda.* Funcionário responsável pela pintura das portas para câmaras frias, que são produzidas no município. Entrevista realizada em sua residência as 17:00 horas do dia 16 de dezembro de 2010.

SOUZA, Neuza Aparecida. Idade 35 anos, ajudante geral da empresa *Dânica Termoindustrial Brasil Ltda.* Entrevista realizada no portão da empresa no dia 20 de janeiro de 2011.

TOLEDO, Lucio Estefano. Idade 23 anos, trabalhador que pertenceu ao quadro de funcionários da NTC de janeiro de 2011 a março de 2012. Entrevista realizada em sua residência as 18:00 horas do dia 01 de abril de 2012.

VANDERLAN, Evelin. Idade 34 anos, ajudante geral da empresa *Dânica Termointustrial Brasil Ltda.* Entrevista realizada em sua residência as 19:00 horas do dia 13 de janeiro de 2011.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. "Idéias" e "fatos" na entrevista de Afonso Arinos de Mello Franco. In: **ENTRE-VISTAS: abordagens e usos da história oral.** / Marieta de Moraes Ferreira (Coordenação); Alzira Alves de Abreu... et al. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1994. p.33-65.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?:** Ensaios Sobre as Metamorfozes e a Centralidade do Mundo do Trabalho. 7ª edição. Campinas: Cortez, 2000.

_____. **O caracol e Sua Concha:** ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. **As transformações no mundo do trabalho.** Palestra proferida no dia 23/09/2010 na cidade de Três Lagoas-M/S.

BARROS, José D'Assunção. **Sobre a Feitura da Micro História.** In. OPSIS, vol. 7, nº 9, jul-dez 2007, p.168

BEYNON, H. **Trabalhando para Ford:** trabalhadores e sindicalistas na indústria automobilística. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p.33

BLOCH, Marc L. B. **Apologia da História ou Ofício de Historiador.** trad. TELLES, André. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In. **O poder simbólico.** Tradução. Fernando Tomaz. Lisboa: Difel, 1989.

BURKE, Peter (org.) **A escrita da história: novas perspectivas.** São Paulo: Ed. Unesp, 1992.

_____. **A Revolução Francesa na Historiografia:** a escola dos annales (1929-1989). São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

CAMPESTRINI, Hidelbrando. **Santana do Paranaíba de 1700 a 2002.** Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de Mato Grosso do Sul, 2002.

CANO, Wilson. **Desconcentração Produtiva regional do Brasil 1970-2005.** São Paulo; Editora UNESP, 2008.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia:** a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHAUVEAU, A. e TETÀRD, Ph. (Orgs). **Questões para a história do tempo presente.** BAURU: Edusc, 1999.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Persel Abramo, 2000.

CHESNAIS, François. **A Mundialização do Capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à Teoria da Administração**. 5ª edição. São Paulo: Makron Books, 1997.

CUNHA, Marlei. **Aparecida do Taboado-MS: o portal do desenvolvimento**. MS; Caiapó, 2008.

DUPAS, Gilberto. **O Mito do Progresso**. São Paulo: Ed. UNESP. 2006.

ELIAS, N. **O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. 1v.

_____. **O Processo Civilizador: Formação do Estado e Civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. 2v.

FEDICHINA, Marcio Antonio Hirose. GOZZI, Sérgio. JULIÃO, Vagner César. NERI, Cleber Antonio. TEIXEIRA, Eder Mariano. **Estratégias públicas para o desenvolvimento industrial de localidades de pequeno porte: um estudo aplicado no município de Aparecida do Taboado/ms**. Anais do evento de economia das organizações na Universidade de São Paulo (USP). 2009.

GUIMARÃES, Liliana Andolpho Magalhães; COÊLHO, Angela E. L.; CAETANO, Dorgival. Karoshi: morte por sobrecarga de trabalho. In: GUIMARÃES, Liliana Andolpho e GRIBTS, Sonia (orgs.). **Série saúde mental e trabalho**. Volume III. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” In **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HOBSBAWM, Eric J. **Mundos do Trabalho: novos estudos sobre a História operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____. **Sobre História: ensaios**. Trad. Cid Knipel Moreira. 6. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **A era das Revoluções: 1789-1848**. Trad. Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

_____. **A Era dos Extremos: o breve século XX, 1914 a 1991**. Trad. Marcos Santarrita. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HOLANDA, Fabíola, MEIHY, Jose Carlos Sebe B. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: contexto, 2007.

KOSSOY, Boris. **A fotografia como fonte histórica**: introdução à pesquisa e interpretação das imagens do passado. São Paulo, Museu da Ind. Com. e Tecnologia de São Paulo - SICCT, 1980. p. 29.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In PINSKY, Carla. **Fontes Históricas**. 2. ed – São Paulo: Contexto, 2006.

MANDEL, Ernest. **O lugar do Marxismo na História**. São Paulo: Xamã. 2001.

MARX, Karl. A assim chamada acumulação primitiva. In: O capital. Crítica da economia política. São Paulo: Nova Cultural, 1988, v. 1, t. 2. p.142-143

_____. **Trabalho Assalariado e Capital & Salário, Preço e Lucro**. 1818-1883. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

_____. Caderno I, [I] Salário. In: *Manuscritos econômicos filosóficos*. 1844. São Paulo: Boitempo, 2006.

MELLO, João Manuel Cardoso de. NOVAIS, Fernando. Capitalismo Tardio e sociabilidade moderna. In: SCHAWRZ, Lilia Mortiz (org) **História da Vida Privada no Brasil**. Volume IV. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NARDOQUE, Sedeval. **Renda e Terra e Produção do Espaço Urbano em Jales-SP**. 2007. 447 f. Tese (Doutorado em Geografia: Organização do Espaço). INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS. Rio Claro – São Paulo.

NETO, Regina Beatriz Guimarães. Personagens e Memórias: territórios de ocupação recente na Amazônia In: NEVES, Margarida de Souza (Et Al) (orgs). **Historia em Cousas Miúdas: capítulos de historia social no Brasil**. Campinas – SP: Editora UNICAMP, 2005.

NORA, Pierre. O acontecimiento e o historiador do presente. In Le GOFF, Jacques (org) **A Nova Historia**. Lisboa: edições 70, 1984.

OLVEIRA, Eurenice de, **Toyotismo no Brasil**: Desencantamento da Fábrica, Envolvimento e Resistência. 1º edição. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da História**: tradução Viviane Ribeiro. Bauru, SP: Ed. EDUSC, 2005.

POCHMANN, Marcio. **Extensão e intensificação do Trabalho**. <http://www.revistaforum.com.br/blog/2012/02/estensao-e-intensificacao-do-trabalho>. 09/02/2012 2:11 pm. Acessado em 10 de janeiro de 2012. p. 01

PRIETO, Saturnino Sanchez. **¿Y qué es la Historia?** Reflexiones Epistemológicas para profesores secundaria. Espanha: Siglo XXI de Espanha Editores, S. A., 1995.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. **Uma ferrovia entre dois mundos**: a E. F. Noroeste do Brasil na 1ª metade do século XX. Bauru: EDUSC, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCOTT, Joan W. **Preface a gender and politics of history**. Cadernos Pagu, nº. 3, Campinas/SP 1994.

_____. **Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica**. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990

_____. História das mulheres. In. BURKE, Peter.(Org.) **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: Unesp. 1992.

SILVA, Cleusa Aparecida. Organização das Trabalhadoras Domésticas e as Relações Políticas. In. **Reflexões Feministas Sobre Informalidade e Trabalho Doméstico**. Ávila, Maria Betania. Et..al. Recife: SOS Corpo Instituto Feminista para a Democracia, 2008.

SILVA, Helenice Rodrigues da. In. CARDOSO, Ciro Flamarion, MALERBA, Jurandir (orgs). **Representações: contribuições para um debate transdisciplinar**. SP: Papirus, 2000.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ZIMMERMANN, Tânia Regina. Um Diálogo Entre a Sociologia e a História do Tempo Presente. In: **Revista História Agora: a revista da História do Tempo Presente**. <http://www.historiagora.com/revistas-anteriores/historia-agora-no4/26/45-um-dialogo-entre-a-sociologia-e-a-historia-do-tempo-presente>, nº 04, 2008.

Autorizo a reprodução deste trabalho.

Dourados, 31 de agosto de 2012.

Juliano Alves da Silva